

Carlinhos da Malvina: Algumas Histórias



Autor: Carlos Antunes de Souza

CARLINHOS DA MALVINA, UM BOM VIVANT NA SUA PRÓPRIA
DEFINIÇÃO: MINHA FAMÍLIA E MINHA CIDADE

02 de dezembro de 2020

Sumário

Introdução	5
1 Os Ourives	7
1.1 A minha história, do Degas aqui: Carlinhos da Malvina	10
1.2 A saga dos Ourives	10
1.3 A prole dos Ourives	11
1.4 Seu Pedro Ourives	11
1.5 A história do início da família do Pedro Orive	12
1.6 Personagens que passaram por mim	30
2 Histórias de Salto de Pirapora	35
2.1 O Leilão de Garrotes	36
2.2 O Boi de Cesto	36
2.3 As quermesses da Festa de São João	36
2.4 Baile de sanfona na casa do Chico Branco	37
2.5 O Clubinho no centro	37
2.6 O bando de anús	38
2.7 O baile da lama em Piedade	38
2.8 O baile do pijama do Seme em Araçoiaba	38
2.9 Os bailes da região	39
2.10 A sacaria do Aristides	39
2.11 O Time dos Paradinho	40
2.12 As festas de Primeiro de Maio do Seu Olézio	41
2.13 A turma do “Matarazzio”	42
2.14 A política em Salto de Pirapora nessas épocas (sou péssimo em datas)	44
2.15 Newton Guimarães – o prefeito folclórico	44
2.16 Bar do Feliciano e do Tônico	46
2.17 O restaurante do Otelo Castellani	47
2.18 O bar da Ditinha do Paulino.	47
2.19 Zé Antonio e amigos importados	47
2.20 A kombi do Seu Olézio	49
2.21 A kombi do Nezinho	49
2.22 O impala do Paulo Padeiro	49
2.23 Vito Moraes	50
2.24 Sorocaba: a turma do Estadão - primeira fase	51
2.25 O Dito Frango	52

2.26	O Paulo e o Elía Turco	53
2.27	A turma do Estadão - segunda fase	53
2.28	O Suva, meu primo de Sorocaba	54
2.29	A kombi do Elia Gelo	55
2.30	A turminha da <i>Via Sacra</i> e do <i>Curto</i>	55
2.31	O barracão do Batista	56
2.32	Zé Martin	56
2.33	Jogo de bolinhas de gude	57
2.34	O cinema do Neto	58
2.35	Jogo do time dos Parados nos domingos	59
2.36	O time dos Parados	59
2.37	O time do Bumbo	61
2.38	As Festas Juninas	61
2.39	A Procissão do Senhor Morto na Sexta Feira Maior	61
2.40	Voltando ao jogo de bolinha	62
2.41	Jogo de sinuca no bar do Filiciano	62
2.42	As quermesses	63
2.43	Eleição	63
2.44	Os velórios	63
2.45	A turma da Igreja: as Carolas e os Marianos	64
2.46	A turma da Rua Belarmino	64
2.47	A demanda do Adamastor contra o Genor do Santo	66
2.48	Outros personagens de Salto e suas histórias	66
2.49	Os apelidos em Salto de Pirapora	72
2.50	A turma do “Forno de Cár” do Aníba de Góes.	74
2.51	O Correio da <i>Dita Malêra</i>	74
2.52	As Jardinêra que levava as turma pá cidade	75
2.53	Caminhão do Írso Leitêro	76
2.54	<i>Chupá fruita</i> (Jabuticaba) no fruitá do Jair Bueno	76
2.55	O telefone	77
2.56	Posto de gasolina	77
2.57	Os precursores dos bailinhos de Salto	77
2.58	As histórias do Genorzinho	78
2.59	As histórias do Lauzão	80
2.60	Excursão prá Santos	81
2.61	A fogueira de São João no sítio do Romãozinho	81
2.62	Outras histórias de Salto de Pirapora	82
2.63	Saltopiraporices: gírias e expressões próprias e da região	84
2.64	Algumas famílias numerosas de Salto de Pirapora	91

Introdução

Muito bem: não tenho a menor pretensão de arrastar seguidores então vou escrevendo e mudando de assunto sem preocupação com a ordem cronológica ou um roteiro estudado ou pré estabelecido. A ideia é fazer apenas um registro de todas as experiências boas que vivi, assisti ou presenciei. Como já vivi bastante e pretendo viver muito mais, vou ter muita história para contar. Em matéria de viver eu quero dar VDO como se dizia no tempo do fusca que só marcava 120 km/h e depois embaixo estava escrito VDO que seria 140 ou 150 km/h.

Veja que este não é um livro de História no sentido científico da palavra e, portanto, está sujeito as traições da minha memória. Sinta-se a vontade para nos comunicar algum deslize ou falha nas nossas recordações.

Então, como dizia o bordão do contador de histórias do Castelo Rá-tim-bum, na TV Cultura, sinta que lá vem história!

Capítulo 1

Os Ourives

Em primeiro lugar vamos mostrar a casa da Dona Malvina, ou Marvinina (em *saltopiraporês*) para os mais chagados, onde muitos dos personagens desta história viveram e outros frequentaram.



A casa da dona Marvinina, que hoje é uma acolhedora pousada

Como já disse, não sigo um roteiro, nem ordem de qualquer espécie e conforme os assuntos vão

jorrando aos borbotões, vou despejando no papel sem a mínima preocupação organizacional. Vou continuar assim, misturando viagens, assuntos profissionais, música e vida pessoal num verdadeiro “samba do crioulo doido”. Como escrevo sem uma finalidade precípua, pensando apenas em registrar fatos, mesmo que para poucos leitores se é que os terei, o mote é jogar para o papel todas essas experiências fantásticas de vida que tive, tenho e pretendo continuar tendo por muito tempo, se Deus o quiser. Gosto de dizer que vivo intensamente cada momento e mesmo nos momentos de explosão de raiva ou decepção, costumo tirar uma lição de vida e continuar achando que a vida vale a pena. E muito. Conheci lugares e pessoas fantásticas e com cada uma delas aprendi um pouco: desde o lavrador analfabeto como o Anselmo que me ensinou as fases da lua para plantar e para colher, ou o Elpídio Lemes que me ensinou quando uma vaca estava “mojando” até grandes homens de sucesso como Odilon, Aurimar, seu sócio, Moretti, engenheiro agrônomo que completou com conhecimentos técnicos o que o Anselmo havia me ensinado da sua prática de homem simples do campo. O Seu Elpídio Lemes quando lhe perguntei como saber se uma vaca estava nos dias para *criar*, ele do alto do seu chapéu de abas largas e do lenço no pescoço e paletó de brim tentava me explicar: “Óia Carlinho, quando a vaca tá mojando, tá pá criá, o vaso dela começa a inchê. . .” Eu perguntei, o vaso sanguíneo Seu Elpídio? e ele: “Não Carlinho, você óia por trais da vaca, no vaso da vaca, ele vai tá inchado”. Ele como homem de muito respeito não queria pronunciar a palavra *buceta*. Conteí a história para o “Tonhão Soares”, homem bruto da lida que tinha uma habilidade extrema com o relho. Quando uma rês tentava se desgarrar do rebanho, ele do alto do seu baio virava os tentos de couro trançado de quase dois metros e fazia estalar na orelha do bicho, que murchava e voltava pro meio do gado. Tinha grande habilidade também para soltar cabeludos palavrões. Quando conteí a história ele repetia em altos brados: “Que vaso, que vaso. É *buceta* mêmo, *buceeeetaaaaa*.” Aliás Chico Anísio dizia com muita propriedade que o verbo “embucetar” era o melhor verbo que conhecia para descrever qualquer situação: “nossa, embucetô tudo, que embocetada do caralho e por aí vai.” O Tonhão Soares me contou a história de uma briga do Zilo c’ô Nésio Diabo. Este já tinha a alcunha porque era o diabo em pessoa. O Zilo que sabia da fama do outro se defendeu com uma foice. Contava o Tonhão: “Ói, o Zilo deu uma foçada na cabeça do Nésio Diabo, que roçô um parmo em quadra”. Ou seja roçou um quadrado de um palmo por um palmo na cabeça do outro. A expressão “em quadra” é muito usada na medição da “tarefa” para arranca de feijão por exemplo. Uma tarefa de chão dava se não me engano, 22 braças em quadra e a braça era medida do chão até a ponta do dedo do braço esticado: mais ou menos 2,20 metros. Um alqueire tem 32 tarefas.

Voltando à minha vivência: Conheci muitas mulheres, frequentei muitos bailes e festas memoráveis. Hoje, maio de 2.020, mesmo neste recesso de tempos de pandemia levo a minha vida como no filme “A Vida é Bela”, de Roberto Begnini. Como se estivesse num jogo de faz de conta, uma gincana, e a certeza de que tudo vai passar, que o sol vai continuar a brilhar, a chuva a criar, as flores a desabrochar e a vida a valer a pena. Por tudo que já vivi me considero um homem bafejado pela sorte. Sinto a proteção dos meus pais e irmãos que cuidei com carinho extremo e hoje colho os frutos e me sinto inteiramente recompensado. Tenho uma vida familiar muito prazerosa e minhas companheiras matrimoniais, tanto do primeiro casamento como do atual, são pessoas muito dignas, honestas e competentes e que só me ajudaram e ajudam a fruir e usufruir de uma vida de muitos pequenos e grandes prazeres. Minha esposa atual, Patrícia, tem um grande coração e juntos, procuramos ajudar os próximos da melhor maneira que podemos. Há, especialmente nesse ponto, uma simbiose total e um propósito de vida em que dividimos o prazer de poder ajudar à quem quer que seja. Desde um desconhecido que de muletas precisa de uma carona para chegar na Santa Casa, ou uma pobre mulher que empurra uma cadeira de rodas ladeira acima para levar a filha jovem ainda, paralisada por um AVC para um atendimento médico. Uma carona para uma desconhecida

na beira da estrada que espera por um ônibus inter municipal que não virá devido à uma greve, por ela desconhecida. Tudo isso nos dá imenso prazer e é maravilhoso dividir com alguém essa alegria de ajudar o próximo, por mais insignificante que seja essa ajuda. Me faz lembrar ainda outra história. Estava numa academia de tênis que fica entre Salto de Pirapora e Sorocaba, onde depois do jogo fizemos um churrasco e ao tomar a estrada de volta para Salto de Pirapora me deparei com um carro parado no acostamento. Olhei aquele carro no meio do nada, faróis apagados e me aproximei com cuidado, sem descer do carro, temeroso de algum golpe mas vi que dentro do carro tinha uma mulher com uma criança no colo, sentada no banco do carona. Baixei o vidro e com certa cautela perguntei o que estava acontecendo. Ela voltava de Pilar do Sul, o carro pifou e o celular estava descarregado. Fazia meia hora que estava ali parada, sem saber o que fazer. Ofereci para levá-la para casa mas ela apenas pediu para usar o meu celular e chamar o marido, que prontamente atendeu e falou que estava saindo de casa para vir buscá-las. Ela agradeceu e eu peguei a estrada para voltar para casa mas, ainda no caminho me arrependi de não ter esperado com ela a chegada do marido ou então levá-la para a academia do André, pois a menina sentia frio e a pobre mulher não tinha um agasalho conveniente: a cobria apenas com sua blusa. Poderia ter feito melhor mas na hora não me dei conta. Paciência. Numa outra ocasião notei que uma senhora esperava por horas, perto do portão de uma das minhas pousadas e não arredava pé dali. Estava esperando por uma carona que não apareceu e ela morava no bairro da Fazendinha, uns oito quilômetros de estrada de terra. Avaliei a situação: celular apagado, sem ônibus, sem parentes para “pidí pôso” e ainda começando a chover. Encarei a estrada barrenta, 16 km ida e volta. Quando estava indo para Sorocaba, onde já morava com a Patrícia, ela ligou preocupada com a minha demora. Conte a história e ela de imediato compreendeu a situação, não levantou nenhuma dúvida e ainda me parabenizou pela atitude. Mesma situação aconteceu com a Eulália, a primeira mulher. Nós morávamos em São Paulo e eu vinha para Salto de Pirapora cuidar dos negócios. Numa dessas vezes, voltando para Sampa no ônibus da Cometa, sentou-se ao meu lado uma mulher vestida com muita simplicidade, cabelos compridos “de crente” e começou a chorar. Não intervi, deixei que extravasasse sua tristeza e depois que se recompôs me perguntou se eu não sabia de alguém, em São Paulo, que precisava de empregada. Contou que tinha brigado com o marido e abandonado a casa. Descobri que era de Salto, o pai dela tinha trabalhado para o meu pai e me lembrei de ter ido à casa dele e visto o filhinho dela que tinha uns 5 anos e tinha os pezinhos tortos e corria mancando. A mulher, na sua inocência e desconhecimento da cidade grande, acreditava que chegando na rodoviária iria perguntando às pessoas e conseguiria um emprego de doméstica. Ainda me disse que se não conseguisse iria para o Minhocão e conseguiria uma carona de volta para Salto, pois dinheiro também não tinha mais. Avaliei os perigos que a inocente mulher iria correr, liguei para a Eulália falando que iria levar a mulher para casa e ela entendeu perfeitamente a situação e concordou. A moça dormiu uma noite no nosso apartamento e no dia seguinte consegui um emprego para ela numa residência em Moema. Depois soube que ela ficou uma semana e sem aguentar de saudades dos filhos voltou para o recesso do lar. Soube em Salto que ela sofria de depressão e tinha tomado a atitude precipitada depois de um desentendimento com o marido. Fico imaginando essa coitada passando horas na rodoviária, à mercê dos malandros que vicejam naquela freguesia. Eu conto essas histórias mais para mostrar a bondade e o coração das companheiras. Não é para me vangloriar não, posso garantir.

1.1 A minha história, do Degas aqui: Carlinhos da Malvina

Vocês devem estranhar o uso quase abusivo da expressão: “O Degas” aqui. Mas ela foi usada até por Camões e é a maneira de alguém referir-se à própria pessoa por exemplo: O Degas aqui é quem manda. Foi gíria recorrente lá pela década de 60 e denota um certo ar de superioridade, de ser “o bom”, de ser “quem manda ou que tudo sabe” mas garanto que não é nesse sentido que a utilizo mas sim, pela lembrança das pessoas que a usavam, se vangloriando e fazendo elogios à própria pessoa. No popular: *uma metideza* mesmo. Vou contar as origens da minha família, da minha formação escolar, profissional, mas não da formação sexual, para não constranger os eventuais leitores. Kkkkk. Senta que lá vem história.

1.2 A saga dos Ourives

Antes de começar os relatos das histórias quero informar que vou usar com muita frequência o português coloquial, ou seja como as pessoas realmente falavam no cotidiano, com erros de ortografia, concordância ou sintaxe para retratar fielmente a maneira genuína de falar das pessoas: Este esclarecimento em português coloquial ficaria mais ou menos “anssim”:

“inhante de pincipiá a contá os causo já vô isclareceno que vô usá o portugueis caipira mêmô, ou mió dizeno: como as pessoa prosiava, do jeito simpre, sem devorteio”.

Você conhece o “Carlinho do Pedro Orive”? Não? E o “Carlinho da Marvina”? Foi sempre assim que eu fui chamado ou identificado. Assim mesmo: Carlinho no singular e o Ourives trocado pelo “Orive” e Malvina por “Marvina” Qual a razão desses apelidos sempre relacionando meu nome aos dos meus pais? Era na verdade para distinguir de outros tantos Carlinhos como o Carlinhos do Elias, Carlinhos do Altino, Carlinhos Martelo, Carlinhos “Surdeca” e outros tantos. E qual a origem do “Orive”? A família dos meus pais se estabeleceu no bairro antigamente chamado de “Purungá” aqui em Salto de Pirapora, em razão da grande quantidade de árvores de purungos, também conhecidos como cabaças. Depois o local começou a ser citado como sítio dos Ourives em razão da enorme família que herdou a alcunha de Ourives. Tinha o meu pai, o Pedro Orive, e seus irmãos: o Severino Orive, o João Orive pai do Zequinha barbeiro que também era conhecido como Zequinha Orive, o Zé Orive além de duas irmãs: a Dasdores, chamada de “Dasdor” pelo meu pai, mãe do Zé do Santo do armazém onde hoje é a loja SP embalagens e antigamente a sacaria do Aristide Mandú, e a outra irmã a Inhana do Gênio Bello. E de onde veio essa alcunha que tanto se disseminou a ponto de dar nome a um bairro exatamente onde está hoje o condomínio Terras de São Francisco e de também denominar o córrego dos Ourives que por ali passa? Contavam os meus pais que um ancestral de quatro gerações anteriores à minha, ou seja bisavô do meu pai tinha a profissão de ourives. Contavam ainda que uma sobrinha do papai, a Ditinha do Severino Orive, que era filha do João Orive ou seja casou-se com o seu legítimo tio tinha um pilãozinho de ferro com a mão de pilão também de ferro que servia para socar o ouro que passava pelas mãos do meu tataravô, não se sabe se por ele extraído ou comercializado.

A alcunha atravessou quatro gerações e se manteve até a minha que fui algumas vezes chamado de Carlinho Orive. Em uma das vezes tive inclusive meu nome anotado pelo filho do Gustão de Moraes, irmão do Izaias, do Strike e mais uma penca de irmãos da seguinte forma: “Carlinho Orrive”. Dei muita risada e perguntei se eu era tão horrível assim. O rapaz, que cuidava da criação de porcos do Zeca do Fuade, se atrapalhou todo mas na hora percebi a sua dificuldade para escrever.

Eu fui um dos poucos que foi chamado assim porquê vivi e convivi muito mais tempo com o pessoal

de Salto de Pirapora. Já meus irmãos que foram morar em São Paulo para trabalhar e que ficavam muito pouco em Salto de Pirapora não eram chamados dessa maneira. Aliás a família era composta por sete irmãos.

1.3 A prole dos Ourives

O primogênito era o Crizólito e minha mãe se inspirou numa pedra preciosa de um livro que lia na época e na felicidade com a chegada de um filho quis lhe dar o nome da tal pedra. A grafia era com “s” mas no cartório foi registrado com “z”. Coisas do tabelião local que deveria ser o Chico Pedroso ou seu filho Araldo marido da Dona Norma que herdou o cartório do marido posteriormente. O Crizólito saiu de Salto com 16 para 17 anos e foi trabalhar em Sorocaba, estudou contabilidade na Escola de Comércio de Sorocaba(depois OSE) e conseguiu ingressar no Banco do Brasil, em São Paulo e em São Roque, onde trabalhou até se aposentar. O outro irmão se chamava Delphino, grafado assim mesmo com “ph”. De novo o cartório pseudo professor. Ele também entrou no Banco do Brasil só saindo de lá quando passou no concurso para fiscal de rendas do Estado. Depois a Maria que se formou na Escola Industrial de Sorocaba, hoje Rubens de Farias, que apesar do nome Industrial preparava moças *casadoiras* para o matrimônio. Ensinava-se até a bordar monogramas com um aro redondo, de taquara ou madeira, chamado bastidor, onde se esticava o fino pano de lenço de bolso por exemplo e se esculpiam lindas iniciais dos noivos, dos recém nascidos ou de quem se queria homenagear. A saga dos irmãos está relatada individualmente mais adiante. Depois o Luiz que ficou na lida com o pai: gado e carros de boi. Dizem que era um moço muito bonito e que se desiludiu com um namoro com a Carolina que acabou casando-se com o Neguitinho da Transportes Neguito, filho do Chiquinho Brechó (corruptela de Belchior). O Luiz, infelizmente, nunca mais teve a saúde perfeita não se sabe se por esse acontecido ou devido à uma queda do cavalo em que voltou para casa desacordado em cima do animal ou por outro fator hereditário mesmo. Depois o Salvador que também foi bancário primeiro naquele que se transformou no atual banco Itaú. Depois foi também para o Banco do Brasil, onde se aposentou. Depois o Horácio, grafado assim mesmo com H. Eita tabelião inventor. Depois conseguiu, com muita dificuldade burocrática, mudar para Orácio e também não sei porque mudar pois o seu xará da Grécia Antiga era grafado com “H” mesmo. Estudou na escola agrícola de Pinhal onde também estudou o Nei do Araldo, filho da Dona Norma, a do cartório de registro civil. Minha mãe dizia que mandou o Orácio para lá para ver se “endireitava”. Acabou se tornando bancário também. No Banespa do Aeroporto de Congonhas em São Paulo.

1.4 Seu Pedro Ourives

Batizado, ou melhor com o batistério lavrado Pedro Antunes de Souza ficou conhecido a vida toda pelo apelido de Pedro Orive e já contamos a origem da alcunha da família toda. O batistério para quem nunca ouviu falar era uma espécie de certidão de nascimento emitida pela paróquia onde a criança era batizada. Daí a origem do nome que também pode designar a pia batismal onde a criança foi ungida. Documento à época tão ou mais importante para as famílias cristãs como a certidão de nascimento. Por coincidência achei ontem o meu batistério lavrado na Igreja Matriz de Sorocaba. Quando montar o blog vou mostrar. O garoto de nome Pedro era muito *arteiro* e minha mãe Dona Malvina nos dizia para não colocar o nome de Pedro nos filhos porquê vinha de Pedro Malasartes e que então o rebento seria de fazer muitas artes. Meu pai nasceu e se criou no sítio e foi realmente de aprontar “poucas e boas”. Me contou que foi no chiqueiro de porcos da família

e, invocado com os rabos dos porcos que insistiam em fazer uma espiral para cima, muniu-se de uma faca e cortou os rabinhos dos bichinhos. Imagine a surra que deve ter tomado. Era muito comilão, muito guloso e as coisas eram realmente muito difíceis na época. Ele acompanhava o amadurecimento de um cacho de bananas e quando percebia que “estava de vez”, ou seja para iniciar o processo de amadurecimento ele apanhava o cacho, amarrava na ponta de uma corda, subia numa árvore, passava a corda pelo galho mais alto e amarrava a outra ponta aqui embaixo, escondida no meio dos ramos. Quando as bananas estavam maduras, ele soltava a corda, comia o quanto aguentava e depois içava o resto lá no alto, longe das vistas dos demais.

Depois de casado quando ia a Sorocaba onde o meu tio Raul, irmão da mamãe tinha um bar na Rua Visconde de Porto Seguro, perto do paredão do INSS gostava de promover uma brincadeira que adorava. O bar, na região do clube 28 de setembro ponto de encontro social das famílias negras, tinha muitos frequentadores da raça. Minha mãe me contou que ele comprava um barrilzinho de pinga, chamado de corote na época mas nada a ver com os corotes de agora e chamava os negros para tomar a cachaça e fazer a brincadeira do “corvo” campeiro. Um negro se deitava no meio da rua como se fosse a “carniça”. Outro negro saía do bar e ia verificar se estava no ponto. Batia asas à moda de um corvo ao fazer a peregrinação. Tudo isso regado a goles de cachaça, num ritual repetido e constante e aguardente “indo para o bucho”. Quando o corvo campeiro dava o sinal verde todos os negros, na espera e consumindo o barril de pinga, se dirigiam para a comilança, batendo as asas e meu pai se divertindo e rindo gostosamente do ritual dos negros, imitando os urubus.

1.5 A história do início da família do Pedro Orive

Meu pai sempre foi da lida do campo. Amansando bois de carro, transportou pedra e lenha para as pedreiras em carros de boi ou em carretas puxadas por bois. Contava que levou cal para Santos num carro de boi, durando a viagem “prá mais de meis”. Além do transporte ganhava dinheiro colocando bois “chucros” no carro de bois, amansando-os para a lida e depois vendendo os mais velhos, já *mansos de carro* por preços diferenciados. Adquiriu uma bela propriedade no centro de Salto onde depois foram montados os fornos de cal do Aníbal (Aníbal) de Góes. Como já contei tinha ali um pomar com uma grande variedade e quantidade de frutas. Depois vendeu essa propriedade e comprou outra melhor e mais no centro onde implantei os loteamentos “Recanto Cidade Nova” e depois o “Jardim Ilha das Flores”. O Pedro Orive nessas andanças de carro de boi levando pedra ou cal para Sorocaba fazia pernoite no bairro do Itanguá, hoje Avenida Luiz Mendes de Almeida, região do Ceasa Sorocaba, onde meu avô João Batista tinha uma pequena propriedade de uns 5 mil metros, com um pastinho e uma aguada boa. Ali acolhia os carreiros, que chegavam, soltavam os bois para pastar, beber água e pernoitar. Os carreiros estendiam suas esteiras feitas de taboa (aqueles pés verdes que davam paina, nos banhados), embaixo dos carros de boi para não “pegar sereno e não ficarem constipados”. Cobriam-se com suas capas poncho e ali dormiam. Antes disso minha avó Dornélia lhes servia uma jantinha que poderia ser uma canja de galinha ou uma sopa rala de macarrão com feijão e um “cheiro” de carne ou um arroz com feijão e ovo frito mesmo. No dia seguinte “encangavam” os bois e seguiam viagem levando cal, lenha ou pedra. Os carros de boi tinham rodas de madeira e emitiam um guincho estridente, bem característico. Acontece que esse barulho, uma espécie de nhéééééem prolongado, quase um lamento da madeira!!!!!! um “canto lamurioso” foi proibido por lei municipal, dentro da cidade de Sorocaba. Então eles carregavam sabão (com certeza de cinza ou de sebo, feitos caseiramente) e passavam nos eixos dos carros de boi para que estes não “cantassem” ao atravessar a cidade. Isto para não serem multados. O maior orgulho de um “carreiro” era o canto do seu carro de boi. Quanto melhor a madeira mais alto e

estridente era o seu canto. Ainda guardo esse som na minha memória apesar de ter presenciado poucas e inesquecíveis vezes.

Nessas paragens no bairro do Itanguá, no sitiozinho do Vô João Batista e da Vó Dornélia, o Pedro Orive acabou se encantando com a moça Marvinina(Malvina). Casaram-se e vieram para Salto morar no bairro do Purungá depois bairro dos Ourives. Minha mãe, moça nova, respeitava e ao mesmo tempo temia o marido. Como naquele tempo as vendas eram longe e fora de mão tinha que se virar com a mistura do dia a dia. Meu pai tinha uma bela criação de galinhas e adorava comer carne de frango. Logo no início do casamento minha mãe falou: Pedro, o que faço de mistura? Ele mais que depressa respondeu: Mate um frango e ela o fez. No dia seguinte a mesma história e ele: Mate um frango e assim foi até que ela falou: Pedro, acabou frango. Ele então: Mate uma galinha e mais outra e outra. Pedro, acabou galinha. Ele falou: Mate o galo. Depois minha mãe já grávida não suportava mais o cheiro de frango, de galinha, de galo. Depois do parto era costume servir às mães “de quarentena” uma canja de galinha, para restabelecer as forças. Minha avó preparou uma “bem gorda” e levou na cama para minha mãe: Marvinina, tome essa canja “prá ficar forte e dar bastante leite” . Minha mãe deu um berro: Suma com essa canja da minha frente que eu não posso nem sentir o cheiro de galinha. Me dá até ânsia de “gômito” (vômito). Mais para a frente já com bebê de colo meu pai queria ir no baile. Ela estrilou: Pedro você não vai no baile sozinho. Ele replicou: Vou no baile sim. Como naquele tempo os homens não saíam de casa sem chapéu minha mãe pegou o chapéu dele, trancou no guarda roupa e escondeu a chave no seio. E ele: Marvinina, me dá a chave e ela se negando a entregar. Ele foi no paiol nos fundos e voltou com um machado: Se você não der a chave eu arrebento a porta do guarda roupa “no machado”. Minha mãe teve que liberar a chave e o chapéu mas pegou o bebê de colo e foi junto no baile. Ficou a noite toda carregando a criança no colo e ele dançando bem feliz e garboso. Ela dizia que por isso eu sempre gostei de bailes e de dançar. Meu pai contava que aprendeu a dançar com um homem. O “*Paschoar*” marido da Mariquinha (mãe da Célia do Zé Martelo) foi quem ensinou meu pai a dançar. Naquele tempo ninguém se arriscava num salão de baile sem saber dançar bem. Valia até aprender com outro homem. Bons e inocentes tempos. Meu pai dizia que para dançar bem “tinha que pisar na música”. Levei tempo para entender mas ele queria dizer: acompanhar em cima do compasso da música.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Cartório de Registro Civil - Primeiro Subdistrito de Sorocaba

ANEXO - Portaria Normativa Vicentina de Camargo

Bel. Antonio Rodrigues

Distrito de Sorocaba

ESTADO DE SÃO PAULO

COMARCA, MUNICÍPIO E DISTRITO DE SOROCABA

PRIMEIRO SUBDISTRITO

Certidão de Casamento

ANTONIO RODRIGUES

Oficial Maior

IRIS FERNAL

Oficial

CERTIFICO que no livro de registros de casamentos n.º 7

150 v. sob o n.º 64 encontra-se o assento de casamento

Pedro Antunes de Souza

Malvina de Souza Oliveira

contraído no dia 30 de setembro de 1922

Ele, nascido em este município

aos 26 de setembro de 1896

Francisco Antônio de Souza e Dell

Maria Antunes

Ela, nascida em esta cidade

aos 20 de março de 1903

João Baptista de Oliveira e Dorne

d'Annunciacao Souza

contraente passou a assinar-se nas consta no livro

lotado o regime de: comunhão universal

ções:

O referido é verdade e dou fé

Certidão de casamento de Malvina e Pedro - onde tudo começou

Meu pai comprou um sítio “pás banda” da Fazendinha depois do sítio do Pedro Belo e depois do João da Nhá Cota. Ali criava garrotes e engordava para vender ou então para amansar como bois de carro. Teve um discussão muito engraçada com o vizinho João da Nhá Cota (pai do Balaio) por causa de uma divisa. Os dois discutiam na gruta ao lado do riozinho e o João da Nhá Cota, que era conhecido como “pamorde” porquê tudo que falava começava com o *pamorde* (com certeza resquício do português castiço “por modos quê”). E o Nhô João dizia: Pedro eu “uósque” (eu acho que) a divisa é aqui. Meu pai replicou bravo: Nhô João, uósque num si escreve, querendo dizer que o uósque não era uma certeza portanto não deveria ser dito. Fiquei sabendo também depois que meu pai tinha falecido que ele era mestre na arte de localizar um boi “alongado”. Quando um boi “enraivava” ele se afastava da manada e se embrenhava no meio do mato e podia morrer de fome ou de sede pois se recusava a se alimentar e tomar água. Dizem que meu pai era “um cachorro” para seguir “o rasto” do boi alongado. Entrava no mato examinando ramos quebrados, pisadas do boi até localizar o bicho que era trazido para a mangueira e tratado ali sozinho até voltar a fazer parte da manada. Portanto já existia boi com síndrome de pânico e *border line*. Kkkkk. Nhô João me deixou uma lição. No começo da minha lida eu queria levar o gado “na marra” para a mangueira “pá lambê sar” no cocho. Metíamos os cavalos em cima dos bichos, cercando e tocando para a mangueira mas eles debandavam e não entravam na mangueira. Nhô João me disse com toda a calma do mundo: “Carlinho, você num tem exprência de lidá cum gado. Eu vô imprestá duas vaca véia que vão madrinhá o seu gado i insiná os tar pá entrá na manguêra sem atropelo de cavalo i aquela baita buiarada de pião”. Dito e feito: aprendi a lição do Nhô João.

1.5.1 O Carlinho da Marvina

Eu, o caçula, a raspa do tacho, o Carlinho da Marvina. Nasci na chácara onde depois se instalou o Cal São Pedro, do *Aníba de Góis* que construiu ali alguns fornos de cal de tijolos antigos, grandes e pesados, um verdadeiro patrimônio da cidade que foi dilapidado mediante a cegueira do poder público que não soube conservar tão lindos monumentos que marcaram a saga mineradora da cidade. Vagabundos que por ali moravam venderam os seus tijolos por uns poucos *milréis*: a cultura e a tradição de uma cidade formada por pedreiras e fornos de cal dilapidada por uma ninharia. Mas isso é uma outra história e não adianta chorar o leite derramado. Pois eu nasci nesse local numa chácara com tamanha abundância de frutas que minha mãe, a “Marvina do Pedro Orive” chegou a fazer vinho (um licor talvez) de mexericas de tanto que as colhia. Mas o Pedro Orive já tinha comprado uma nova propriedade onde estão hoje os loteamentos RECANTO CIDADE NOVA e JARDIM ILHA DAS FLORES, que vim a implantar nas décadas de 70 e 90. Mudamos posteriormente para a nova casa, na Rua Belarmino, que ainda hoje mantém as antigas linhas estruturais e onde descobri debaixo de várias camadas de tinta um resquício da pintura original da casa que destaquei em um pequeno quadrado que pretendo manter por quanto tempo puder. Lá está e se suscitar a curiosidade de alguém terei o maior prazer de mostrar. Quando a família se mudou para esse novo lar, na antiga rua da *Páia* em frente ao hoje bar do Pupo e perto do sacolão São Sebastião, eu estava engatinhando e minha mãe me contava que virei uma lata de verniz inteirinha que estava sendo usada para impermeabilizar o assoalho. Se eu pudesse teria conservado esse assoalho até hoje: tábuas largas e compridas de madeira de lei. Assim praticamente nasci e cresci na “Belarmino”. Era praticamente um sítio dentro da cidade, com cerca de 10 alqueires, com um pomar fantástico formado pelo meu pai. Tinha uns 30 abacateiros, laranjeiras, pereiras, mangueiras, parreiras, pés de abacaxi e jabuticaba enfim um verdadeiro paraíso frutífero e muitos

moleques “cataram” frutas do pomar do Pedro Orive, do que faço piada sempre que encontro um antigo morador da Belarmino. Peço para ler a mão e dispero: você roubou manga no “quintar” da Dona Marvinha. A maioria acaba concordando que sim. Ali meu pai tinha vacas de leite, cavalos e éguas para puxar a velha carroça, que lamento não ter conservado e mantido até hoje junto com os *arriames*: tapa, celote, tiradeiras, correntes, rabichos, cangas e canzis dos carros de boi etc. etc. Tudo isso foi roubado por um parente sem vergonha para vender também por alguns “mireis”.

Fui bom aluno no primário no Grupo Escolar Afonso Vergueiro, mais ou menos onde era a primeira Prefeitura de Salto, ao lado da farmácia N. Sra. Aparecida. Sempre fui o primeiro da classe. No meu tempo estudava o Seme do Zé Turco, o Jaiminho da farmácia, filho do Seu Jaime e da dona Bibi que fazia maravilhosos lanches na sua casa para que ensinássemos o Jaiminho a melhorar suas notas. Tinha ainda o Querubim do Zé Fredão que morava na casa onde está hoje o Serginho Martelo. Eu e o Querubim disputávamos o primeiro lugar da classe e numa das séries ele conseguiu empatar comigo. Média 9 para os dois. Fiz o ginásio na Ose e depois no Estadão em Sorocaba. Este colégio, estadual, era a melhor referência em escola em Sorocaba, quando o ensino público ainda tinha muita qualidade. O segundo melhor de Sorocaba era o Municipal, contíguo ao Estadão. Ou seja, ambos de ensino gratuito superavam os colégios particulares. Estudar em Sorocaba era uma luta. A estrada de terra intransitável nos dias de chuva. Cheguei a sair de casa de uniforme branco e voltar coberto de barro, à pé porquê a *jardinêra* tinha atolado no barro no subidão do Morro Branco.

Depois fui estudar em São Paulo no colégio estadual Fernão Dias Pais em Pinheiros, também um nicho de excelência em ensino. Mas, caí na gandaia e fui “jubilado”. Quando se repetia dois anos seguidos o aluno era obrigado a deixar o colégio e foi o que aconteceu comigo na terceira série. Matei muita aula e pulei muito muro no embalo dos amigos e por gostar da farra também. Moral da história: voltei para Salto de Pirapora onde só havia primário. Voltei depois para o velho Estadão em Sorocaba onde concluí o Curso Científico.

Trabalhei em São Roque no grupo Carambeí e comecei a fazer a Faculdade de Matemática. Ia relativamente bem quando a empresa me mandou para São Paulo para chefiar o Setor de Compras. Mudei para São Paulo e continuei o curso na Faculdade Tibiriçá no bairro dos Jardins: Alameda Lorena com Nove de Julho.

Novamente a empresa me transferiu de volta para São Roque e voltei para a Uniso em Sorocaba. Aí sim: bagunçou toda a carga horária e eu já estava desistindo da faculdade quando o dono da Carambeí Carlos Pereira Paschoal me convidou para ir para o Paraná trabalhar na parte comercial de suas fazendas em Céu Azul, região de Cascavel. Consegui lá, longe da família e da quase noiva formar um pequeno capital. Voltei de lá e me tornei boiadeiro e plantador de feijão. Fui o primeiro boiadeiro motorizado que tocava o gado no pasto *muntado* numa moto Honda CG 125. Levava os peões para lida com seus cavalos e voltava para Salto, de moto, buscar carne, pão e cerveja para fazermos memoráveis churrascos na beira do rio. O Paulinho Mixirica entrava no mato, tirava dois ganchos, espetava a carne num galho fino e assava no fogo de troncos secos juntados por ali. Bons tempos, boas farras. Fui alvo de um sem número de brincadeiras. O Joel Haddad, o prefeito, encontrando comigo numa estrada perto do seu sítio no bairro Boa Vista, me vendo na *motinha* com um laço pendurado na garupa perguntou rindo se eu estava laçando boi e arrastando na *chincha* na moto. Rimos muito. Numa outra ocasião precisava ver o gado num sítio distante uma légua (6 km.) de Salto e pedi para o Curiango, da turma das “lambreta” arriar a égua Chita e ir na frente. Dei um tempo e fui de moto. Chegando lá montei na Chita e o Curiango me falou que ela estava meio preguiçosa. Para usar espora senão ela refugava. Coloquei as esporas, subi no animal, vistoriei o gado e *muntei na motinho* para voltar para Salto. Lá chegando fui abastecer no posto do Walter Benedetti. A molecada do posto inclusive o Beto Benedetti que deveria ter uns doze

anos mais ou menos, me cercava para fazer brincadeiras. Então um deles perguntou: “Carlinho, se num cutucá a motinho na espora ela não anda?” Só aí me dei conta de que tinha descido da égua e montado na moto com esporas. No plantio de feijão se dizia: “menininho” de escritório se metendo a plantar feijão? vai quebrá a cara. Felizmente me dei muito bem nas duas atividades e pude rir gostosamente dos que duvidavam das minhas empreitadas malucas. Voltei a trabalhar em São Paulo, no mercado de incorporações imobiliárias, tive estacionamentos no Morumbi e em frente ao Objetivo da Luis Góes no bairro Vila Mariana. Acabei voltando a Salto para fazer o loteamento Jardim Ilha das Flores, na área remanescente do primeiro loteamento Recanto Cidade Nova. Na minha “lida de boiadeiro” colecionei histórias e tipos folclóricos:

1.5.2 Crizólito Antunes de Souza

O Crizólito foi praticamente o primogênito do casal Pedro e Malvina. Isso porque os dois mais velhos faleceram cedo e nós os irmãos mais novos nem os conhecemos. Na verdade os irmãos que convivemos bastante além do Crizólito foram o Delphino, a Maria, o Luiz, o Salvador, o Orácio e eu ou seja 7 irmãos de um total de dez. O Adauto cheguei a conhecer mas estava internado e tinha problemas: era praticamente uma criança mesmo já bem adulto.

O Crizólito nascido em Salto de Pirapora em 1.924 fez os estudos básicos por aqui mesmo e quando garoto, uns dez anos, a Mamãe já o mandava levar frutas e quitandas que ela mandava para a nossa avó Dornélia em Sorocaba, no bairro do Itanguá. A mamãe contava que ele tinha que carregar uma enorme cesta de taquara e ir de carona na carroceria de um caminhão levar coisas para a avó pois eles eram muito pobres e tudo que chegasse era bem vindo. Minha mãe fazia biscoitos de polvilho, bolo de amendoim, rosquinhas doces, brevidades e enfim um monte de coisas gostosas assadas no forno de lenha e ela chamava essas guloseimas de quitandas. Com certeza mandava um frango ou um pedaço de porco abatido pelo meu pai. Conto isto para mostrar que a coragem da Mamãe em mandar um garoto em cima de um caminhão para Sorocaba já denotava a sua vontade de soltar os filhos no mundo. E este fato para o Crizólito já começou a abrir um novo mundo, além dos parques horizontes do sítio e da cidade pequena. Já rapaz o papai botou ele na lida do gado e dos carros de boi. Ia para os lenheiros carregar lenha que seria enviada para os fornos de cal. Ou seja, o seu horizonte era virar carreiro de boi e ele começou a se revoltar com isso. Jogava e adorava futebol e segundo ele mesmo, jogava muito bem chegando até a ser levado com a equipe de Salto em Pilar do Sul e outras cidades da região. Contou que fazia lindos gols de cabeça apesar da baixa estatura e foi apelidado de mamão ou melão (já não me lembro) por ter a cabeça grande. Mas, na dura lida diária não conseguia treinar e fazer o que tanto gostava. O Pedro Orive era bom de prosa e o meu irmão fazia de tudo para terminar o serviço mais cedo, mas dependia do pai para encerrar a jornada e aí ele engatava um longo causo com alguém e o Crizólito desesperado para não perder o treino. Não raro quando desatrelava os bois das cangas já estava escuro e o treino perdido. Sem treino, não tinha lugar no time. Numa dessas ocasiões, chegou em casa revoltado, murmurando sozinho: isso não é vida e arrancou a botina do pé e arremessou sem olhar para onde. Minha mãe quase foi atingida e quis saber o motivo da “brabeza”. Ele desabafou que não aguentava mais aquela vida e a Mamãe, muito corajosa e determinada encarou o Papai: A partir de amanhã o *minino* não vai mais pro serviço com você. Vai estudar porquê não nasceu prá ser carreiro de boi nem um “caipirudo e chapéludo” igual a esse povo daqui. No dia seguinte ela falou com a mãe e arrumou lugar para o meu irmão ficar em Sorocaba e dar a importante guinada na sua vidinha desenxabida. De início foi trabalhar na Prefeitura de Sorocaba como braçal mesmo. Carregando um caminhão de terra, por ser novo e ter estatura baixa, os outros operários ao jogar a terra na pá jogavam também na cabeça dele. Conseguiu então ingressar na Estamparia pois Sorocaba tinha

uma vocação têxtil. Era chamada de Manchester paulista, numa alusão à cidade inglesa de mesmo nome, importante polo têxtil. Na firma, foi trabalhar no almoxarifado onde eram descarregados fardos de tecidos e cujas metragens tinham que ser anotadas por um apontador. E ele carregando fardos na cabeça e somando mentalmente as metragens. Quando o total ia ser passado para o romaneio ele gritava: Dá tantos metros. Antes mesmo da conclusão da soma. Não raro os números não batiam e o apontador revia suas contas e admitia, sem graça, que tinha errado na soma. O fato de que o rapaz era muito inteligente chegou aos ouvidos de alguém da administração e ele foi promovido para o Escritório: já não era mais um braçal. Foi procurar uma escola para estudar à noite e acabou fazendo Contabilidade na Escola de Comércio, que se tornaria depois a OSE, Organização Sorocabana de Ensino, onde também estudei, de propriedade de Arthur Fonseca Filho, hoje nome de avenida na cidade. A partir daí começou a procurar concursos e acabou passando no do Banco do Brasil, em primeiro lugar da cidade de Sorocaba, e aí sim deu o grande salto para mudar radicalmente da vidinha monótona do interior para a efervescência da Capital São Paulo. Foi trabalhar no BB agência centro, na Avenida São João, 33 (minha memória é f. fértil) quase no Vale do Anhangabaú. Nas ocasiões que estive com ele no Banco ele trabalhava na CACEX Carteira de Comércio Exterior. Todos os departamentos do banco tinham siglas de cinco letras: Cacex, Funci, Cassi, e assim por diante. Foi morar em pensões na Liberdade rua Conselheiro Furtado e Rua Sinimbu até conseguir comprar uma casa no distante bairro do Caxingui, inóspito e quase desabitado, uma lonjura. Essa casa fazia parte de um dos primeiros conjuntos habitacionais financiados por órgãos federais. Era o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e o bairro ganhou o nome de Previdência: tinha o Previdência de baixo e sua casa era na Rua Waldomiro Fleury talvez número 296 (será????). Esta rua era a primeira paralela à Avenida Francisco Morato, que acabou se tornando o início da BR 116, estrada que liga São Paulo a Curitiba. O Previdência de cima fica depois do córrego Pirajussara e termina nas fraldas da Via Raposo Tavares, caminho para o Paraná passando por São Roque, Mairinque e Sorocaba e indo terminar na divisa do estado, na região de Ourinhos. As casas do bairro eram padronizadas mas ele, que não gostava muito de ser lugar comum, foi fazendo alterações: colocou grades e muros com pedras, fez uma boa garagem coberta e dois quartos nos fundos com um banheiro de serviço. Transformou literalmente a “casinha de pombo” numa excelente moradia, com todo luxo e conforto que a época e a sua situação financeira permitiam. Visionário, adquiriu um terreno no Jardim Guedala, praticamente o embrião do bairro do Morumbi, que se tornaria coqueluche a partir dos anos 60 pois abriga o Palácio do Governo, o Hospital Albert Einstein além de suntuosos prédios residenciais e comerciais. O Guedala se tornou um dos bairros mais chiques e exclusivos do complexo Morumbi, que por se tornar grife, acabou estendendo seu território até as fraldas de Taboão da Serra e Estrada de Itapecirica. No jargão comercial qualquer lançamento imobiliário em qualquer “vivoca” distante era anunciado como Morumbi. A aquisição se mostrou um grande negócio e a sua venda com certeza serviu para alavancar investimentos importantes de seus filhos. O Crizólito se casou com a Mariana Pagano, chamada na intimidade de Nina, de uma família da Vila Madalena, um bairro hoje considerado *cult* de São Paulo. Fixaram residência na casa do Previdência e ali vieram os filhos: Carlos Eduardo, Maria Cecília e Célio. Tempos depois ele se transferiu para São Roque, talvez visando uma cidade mais pacata para criar os filhos e fugir da loucura em que já estava se transformando a Pauliceia Desvairada. Morou inicialmente em um apartamento e logo construiu uma bela casa com dois pisos na rua Américo Margonari (número 95????) bem no centro e perto do banco. O Carlos Eduardo foi estudar no Bernardino de Campos, que ele chamava de “berne ardido do campo”, um colégio estadual e ele sempre foi o primeiro da classe, ganhando todos os anos um cheque da Prefeitura como prêmio pelo seu bom desempenho. A Cecília e o Célio estudaram no Manley Lane. O Cá foi fazer cursinho em São Paulo. Talvez no Anglo, no bairro do Paraíso e entrou para a sonhada USP

onde cursou e se graduou em Engenharia, não sei a especialidade. Tentou um emprego em Santa Catarina mas a distância frustrou os planos. Fez concurso para o Banco do Brasil, imitando os passos do pai, passou e assumiu mas não gostava da rotina burocrática do banco e acabou saindo. Prestou outro concurso para a Caixa Econômica, onde acabou se aposentando.

A Cecília, chamada de Cecilinha na família, deve ter se formado igualmente pela USP e o Célio na Mackenzie. Me confirmem por favor. O Célio trabalhou numa empresa chamada Microtec no bairro do Caxingui, então uma pioneira no ramo da informática e acabou vislumbrando um nicho de mercado totalmente novo e ainda embrionário. Abriu uma pequena empresa com o nome de Impacta que foi crescendo e se transformando em referência no mercado de TI (Tecnologia da Informática) focando o segmento de softwares, desenvolvendo treinamentos e hoje com uma Universidade de Informática atingiu a impressionante marca de 1,5 milhão de pessoas que se qualificaram por intermédio dos cursos ali ministrados. A Cecília depois de algumas experiências em empresas como o grupo Zogbi, passou a integrar o quadro societário da Impacta, com sede na Avenida Paulista, onde ocupa cinco andares inteiros. A Universidade fica no bairro da Barra Funda mas ele precisa me fornecer mais detalhes: número de alunos, tipos de cursos etc.

O resumo, ou seja a visão geral da vida do meu irmão mais velho se resume à uma história de muito sucesso profissional, financeiro e também comercial. Ainda nos tempos de solteiro montou um Cursinho Preparatório destinado a preparar alunos para ingressar no Banco do Brasil ou outras instituições que só admitiam concursados. Ministrava ali aulas de Matemática com grande competência pois a aptidão com números mostrada lá atrás na Estamparia, se ampliou mais ainda na resolução de intrincados problemas matemáticos que poderiam “cair” nas provas do temido Concurso do Banco do Brasil. Os outros professores que conheci, pois também trabalhei um pouco na recepção do que ele chamava de Cursinho foram o Delphino meu irmão e o José Brandi Ribeiro, o Brandi, figura folclórica de quem falaremos depois mas ambos muito inteligentes também. Eu não sei em que época o meu irmão se desfez do Cursinho mas deve ter sido quando resolveu mudar seu domicílio para São Roque. Na cidade começou a jogar tênis e foi um dos precursores do esporte na cidade. Ou seja, praticamente o tênis nasceu com ele na cidade. Começou a ministrar aulas e muitos dos jogadores da cidade com certa proeminência na região como Carlos Aurélio, o Paschoal e o Adriano deram suas primeiras “raquetadas” sob a batuta do meu irmão no São Roque Clube e depois no Raquete Clube, do Olavinho, já no bairro do Taboão, na Estrada do Vinho. Depois veio o empreendimento imobiliário em Salto de Pirapora, o loteamento Recanto Cidade Nova, cujo nome é de autoria dele. Num terreno da família, fizemos praticamente sozinhos e com muita oposição de alguns irmãos, a implantação do loteamento, que é hoje considerado o melhor bairro da cidade de Salto de Pirapora. Essa realização foi uma verdadeira “briga de foice” pois alguns dos irmãos contestavam a nossa liderança e de uma certa forma até desconfiavam dos nossos propósitos quando na verdade o que queríamos era viabilizar o empreendimento e como o terreno estava no nome dos sete irmãos tivemos que fazer verdadeiras peregrinações para colher assinaturas: São Bernardo atrás do Delphino, que sempre foi refratário ao empreendimento por entender que as suas idéias mirabolantes não eram acatadas. Alfenas em Minas Gerais para colher assinaturas da Maria e do marido Paulo, este numa postura pretensamente desinteressada mas nada receptiva. Mandava que a Maria assinasse os documentos sem ler pois de qualquer forma teriam que cumprir o que nós estávamos determinando. O Orácio, que por ter sido “apeado” da liderança, discordava e dificultava todas as nossas ações, que diga-se de passagem sem remuneração alguma por gastos de deslocamentos e até mesmo pequenas despesas como cópias autenticadas, taxas de cartório e etc. O Salvador foi o único que colaborou, até com entusiasmo, na nossa dura empreitada. O Orácio, formado agrimensor, iniciou o processo junto à Prefeitura de Salto de Pirapora e começou a trabalhar no projeto propriamente dito mas, apesar de afirmar que “varava” noites trabalhando, a

coisa não andava. Passados dezoito meses mais ou menos tivemos que dar um “golpe branco”, para retirá-lo do comando e descobrimos que o projeto geométrico tinha falhas gritantes. Contratamos outro agrimensor que fez o serviço em pouco mais de 40 dias e uma empresa para fazer aprovação do loteamento: a Renê Regularizações, da Rua Margarida na Pompéia. O Renê era um conhecido do Salvador. Resumo da ópera: o que o Orácio não conseguiu em dois anos nós conseguimos em 90 dias.

Aprovado o loteamento veio outro “parto de ouriço”: a divisão dos bens e novamente o Orácio impondo e exigindo até o ponto que eu disse à ele que ficasse com tudo sozinho que era o que parecia estar querendo. Para chegar a um consenso o Delphino teve que trocar o quinhão dele pelo do Orácio, o que foi péssimo negócio para ele Delphino, por razões que não vale aqui mencionar. Acertada a divisão que foi registrada em ata e tudo o mais na hora da outorga mútua das escrituras novamente o Orácio “empaca a mulinha teimosa”. Tivemos que dar à ele mais dois terrenos para que ele concordasse em ir ao Cartório dar sua anuência, sem a qual nada poderia ser feito pois todos estavam amarrados entre si como sete irmãos xifópagos. Depois da divisão e respectiva escritura os fatos tomaram rumos diversos, ocorreram dissensões mas o resumo final é que se não fosse o nosso empenho conjunto o empreendimento poderia até sair mas com um grande atraso e com grosseiros erros do projeto.

Acontece que a viabilização do projeto e a posterior venda desses imóveis principalmente a parte do Luiz era crucial para a sua subsistência. O Papai e a Mamãe precisavam de muito pouco para viver: graças a Deus tiveram boa saúde e nunca se fez necessária uma intervenção cirúrgica ou extrapolando uma internação numa UTI. Quanto ao Luiz, passou a se sentir mais confiante por não mais depender da caridade de alguns irmãos pois passou a ter o seu próprio dinheiro e com a administração dos seus proventos pudemos dar a ele condições mais dignas de sobrevivência, terminando seus dias na Clínica de Repouso Elo, em Atibaia onde foi carinhosamente cuidado por enfermeiras bondosas que lhe davam até a comida na boca.

A ida para São Paulo do Crizólito e o seu sucesso na sua empreitada foram cruciais para o rumo das vidas dos demais irmãos, que agora tinham na Capital um ponto de apoio. Um a um foram se transferindo para São Paulo e todos, exceto o Luiz, moraram por algum tempo na casa dele até estabelecer o rumo definitivo de suas vidas. Eu fui levado pelo meu irmão, por insistência dele pois a Mamãe não queria que eu deixasse os estudos em Sorocaba. Como ela foi visionária e tinha razão. Fui para São Paulo mas a empreitada não se mostrou uma boa escolha e tive que retornar e retomar os estudos por aqui, o que ocasionou um atraso de alguns anos na minha formação, que aliás acabei não concluindo por motivos profissionais. Fui trabalhar na região de Cascavel no Paraná e acabei abandonando a Faculdade de Matemática. Tanto a minha frustração na época por não ter entrado também para o Banco do Brasil quanto a interrupção da faculdade não me fizeram nenhuma falta. Na primeira hipótese seria um burocrático bancário e além do mais o Banco do Brasil foi muito bom na época do Crizólito e do Delphino. Antes de existir décimo terceiro salário eles recebiam 15 salários no ano: os doze mensais e mais três de gratificação. Prestei o concurso e obtive colocação número 180 num total de 6.000 candidatos mas fui reprovado no Psicotécnico, um teste a meu ver totalmente subjetivo, com critérios para lá de duvidosos. Ainda sobre o BB na época o Crizólito tinha a chance de fazer serviços extras para o próprio banco. Chegou a carregar malas com numerário (dinheiro em espécie) para levar em cidades distantes como Assis por exemplo e o Banco remunerava bem esse trabalho. Iam em dupla, de trem, viajando a noite inteira com malas “socadas” de dinheiro e um revólver no bolso. Acredito que tinham que se revezar para dormir, para não haver descuido. Imaginem essa situação hoje. Eu também por volta de 1.980 saía sozinho do Banco do Brasil em Cascavel com duas malas recheadas de dinheiro que era sacado na tesouraria para não dar na vista. Entrava no Opala vermelho, que tinha sido do Crizólito, e me

mandava para a fazenda do Carlos Paschoal para fazer a remessa por pequenos aviões com destino a Assunção no Paraguai, para fazer câmbio em condições mais favoráveis. Um baita risco porque além de assaltos a operação se constituía em saída ilegal de divisas. Tudo para ganhar uns míseros trocados na operação cambial. Mas como recebia ordens tinha que cumprir e a lei era “bom cabrito não berra”.

Como prometi vou falar do Brandi, professor do Cursinho do Crizólito. Era um sujeito sistemático e pragmático e falava e sonhava com fervor quase revolucionário. Tinha uma prole imensa para prover e vivia pedindo grana emprestada para o Crizólito. Sua mulher era a Terezinha, mulher de modos e silhueta finos. Uma *Lady* educada e atenciosa e o marido com seus cabelos desgrehados, óculos maiores que o rosto, sempre sonhando com projetos megalomaniacos. Sempre levou uma vida sonhadora mas não era objetivo nem prático como o Crizólito. Na verdade me ocorreu agora que foi ele que fundou o Cursinho e o meu irmão foi dar aulas como professor contratado dele, e como sempre tinha reservas guardadas na “burra”, começou a emprestar dinheiro para o Brandi, passando a financiar o seu negócio até adquirir o controle invertendo então os papéis: o Brandi que passou a ser professor remunerado por ele. Morava no Conjunto dos Bancários na Vila Mariana, já perto da Avenida Klabin e vivia com prestações atrasadas do imóvel, sempre numa situação financeira periclitante. Já o Crizólito economizava tostões e eu e o Carlos Eduardo o chamávamos de Tio Patinhas, e ele gostava. Me lembro que morando no Previdência, havia duas opções para comprar o leite diário, que vinha num litro branco de boca larga. Sonho até hoje encontrar esses vasilhames pois coleciono objetos antigos. A primeira opção no início da “subidona” da Francisco Morato e a segunda no topo da dita subida já quase no largo do Caxingui. Nesta o leite custava 3 centavos mais barato (não sei qual era a moeda, cruzeiros talvez) e claro que eu tinha que enfrentar a árdua subida para comprar o leite mais barato. Todos os dias. Ainda me lembro dos vizinhos do Jardim Previdência. Na esquina a Sizina Cecatto, na frente um senhorzinho de bigode que o Crizólito apelidou de “fiscal de rua” pois o dito cujo vivia bisbilhotando a rua o dia inteiro. Tinha uma filha linda, a Raquel, por quem o Delphino era apaixonado, mas sem a devida correspondência. Mais abaixo vinha o Tomithão, policial com cara de bravo mas mesmo assim namorei a Aimar filha dele e irmã do Hamilton que tem a Tomithão Veículos na Avenida Pirajussara, perto do Shopping Butantan. Ainda tinham os gêmeos se não me engano Ricardo e Roberto. Moravam quase em frente. No início da Waldomiro Fleury tinha uma capela onde frequentei muitas missas dominicais suspirando pelas meninas bonitas que nos ignoravam por completo. Atrás da igreja tinha um campinho de futebol onde “estourei” o menisco do joelho direito e nunca mais pude jogar futebol direito. O esporte perdeu um grande craque. Kkkkkk. Ao lado do campo tinha a chácara do Cristhie, famoso por dar tiros de sal na bunda dos moleques que pulavam seu muro para roubar frutas. Cheguei a sair do Previdência de bicicleta e fomos ao Embu das Artes buscar água com um garrafão toscamente preso na garupa por um elástico. Sem farol, apenas com a camisa aberta achando que isso era suficiente para os carros nos verem. Que loucura.

O Crizólito era chamado de Crizo pelo Carlos e de paizinho pela Cecília. Mas quando dava aulas de tênis gostava de ser chamado de Mister Criz, creio que numa alusão ao Mr. Frank, que junto com a esposa Dona Ruth plantou a semente do tênis em Sorocaba.

O meu irmão à exemplo do Pedro Orive era bom de garfo. Quando solteiro vinha passar o Natal em Salto de Pirapora. O Papai normalmente matava um porco e à pedido da mamãe um cabrito, sem contar com a leitoa assada no forno da padaria. O Crizólito queria comer viradinho dos miúdos do porco, torresmo, lombo frito ou assado e ainda saía com o papai à cata de alguma roça de milho verde para a mamãe fazer pamonha. Fazia uma mistura e não raro passava mal pois não continha a gula. Na verdade quando vinha de São Paulo queria matar as saudades dessas comidas todas e numa ânsia desenfreada queria comer de tudo e ao mesmo tempo. Com relação a bebidas

os amigos dele de São Roque falavam que ele era “ruim de mistura” pois queria tomar caipirinha, cerveja, uísque e o que mais viesse à frente. Mas sempre foi um bebedor social, aproveitando as ocasiões de jantares dos amigos de São Roque ou festas para tirar o atraso porquê no dia a dia em casa raramente bebia alguma coisa. Também não era frequentador contumaz de bares, ao contrário dos seus colegas de banco e do Zomo dentista, este sim um bebedor inveterado.

Fizemos várias viagens juntos, principalmente ao Paraná, quando eu trabalhava em Céu Azul e numa das vezes fomos até Assunção. Nessas viagens conversávamos muito e tínhamos uma boa sintonia para comer, beber e passear. Em Assunção ficou hospedado comigo no hotel Guarany, um dos melhores à época e como eu tinha tudo pago pela empresa, o incluí no pacote da hospedagem. Ele parecia um marajá se deliciando com as excelentes acomodações do hotel, “la noche paraguaja” e aproveitou muito as mordomias que pude lhe proporcionar, custeadas pela empresa. No dia da viagem de volta, por volta das 10:30hs da manhã ele com as malas arrumadas abriu uma cerveja na suíte e eu estranhei pois tínhamos tomado o “desayuno” há pouco tempo. Ele falou que ia tomar porquê senão ia perder, como se não soubesse que o consumo do frigobar entraria na conta depois. Outra história sua de hotel foi quando viajou para uma estação de águas e levou um creme de barbear do tipo Noxzema que a Cecília havia lhe dado de presente para a viagem. Ele nunca tinha usado e se aproximou do espelho do quarto e acionou o spray com toda força espalhando espuma de barba pelo quarto todo. Isso foi ele que me contou, rindo muito. Fizemos muitos churrascos em Salto quando íamos juntos resolver questões da aprovação do loteamento e ele adorava quando eu assava uns bifões de alcatra no sal grosso. Eu encomendava a carne com 3 dedos de espessura e fazia só no sal grosso, bem no estilo “boi berrando”. Ele se derramava em elogios e atacava freneticamente os bifões. Adorava disputar partidas de tênis apostando alguma coisa e se gabava de ter crédito de vinte e tantas garrafas de vinho, ganhas no tênis, com o Jorge, um parceiro constante que trabalhava em uma empresa de filtros dosadores em São Paulo.

Tinha muita amizade com o Zomo dentista mas esse era um cara sem muitos escrúpulos. Ele inclusive me contou que uma extração de um dente da Cecília poderia ser evitada mas o mercantilismo do amigo dentista o fez aceitar uma cirurgia, que se constatou depois, ser totalmente desnecessária. O Zomo quando com grau etílico elevado, fazia xixi no vaso de plantas da casa onde tinha sido convidado para beber e comer e outras baixarias do gênero.

Outras amizades eram o Renato de São Paulo, que comercializava jóias de ouro e tinha também o Eros, vegetariano empedernido e cuja amizade parece que já vinha de São Paulo. Coincidência ou não, seus amigos incluindo o famoso Brandi tinham belas mulheres.

Tinha uma turma boa de copo no tênis e ele convidou alguns para tomar uísque na sua casa e tinha um cara que a cada nova dose da bebida falava: “Tá um mel seu Crizo” e foi mamando o mel até ver o fim da garrafa. Nunca mais levou ninguém dos aproveitadores de São Roque para beber na sua casa. Ainda vou me lembrar o nome desse cara. Em São Roque tinha uma vizinha ciumenta e esperta que vinha todo dia pedir para usar o telefone dizendo que ia fazer uma ligaçãozinha ou duas mas, um dia ele espiou o rascunho com os números anotados e descobriu que eram interurbanos mesmo.

Quando morei em São Roque saíamos no final da tarde para comer alguma coisa fora e um dos points era o gostoso “Bio’s Bar” ao lado da Matriz. Fazia bons lanches à exemplo do Bio’s lanche e também porções. Um dia pedimos uma porção de frango frito acompanhada de arroz e fomos comendo até que sobrou apenas uma única sobrecoxa de frango e começaram os salamaleques: pega você Crizólito. Não pode pegar você e assim por diante. Numa certa altura ele se virou para mim e falou: Pode pegar a última porquê eu tenho uma coxa escondida aqui no meio do arroz e descobriu a coxa gorda, intacta, que ele tinha reservado antecipadamente para qualquer eventualidade. Íamos muito no Baú e no Cantinho, um barzinho escondido quase em frente ao

Baú. Também íamos no festival de alcachofras em um restaurante perto do Stéfano e me lembro da “alcachofra à la inferno”, com as pontas das folhas cortadas e recheadas de carne moída mas o que ele mais alardeava e falava que iria me levar um dia era o bacalhau na brasa da festa do vinho. Segundo sua descrição, pois nunca tive o prazer de ir, era uma posta alta de bacalhau assada na brasa com alho e generosamente regada com azeite. No Stéfano, na altura do km. 58 da Raposo, a especialidade era o canelone, famoso até em São Paulo. O restaurante existe até hoje, no meio de um bosque e lá estive há uns três anos com a Patrícia: servem uma sequência de pratos que começa com uma salada verde que tem inclusive flores comestíveis, mudas trazidas pelo simpático Estéfano (já falecido) da Itália. Depois vem uns embutidos e na sequência canelone, frango assado atropelado, aberto ao meio e crocante, spaghetti, coelho assado e enfim um rodízio digno da cozinha da *mamma* que era comandada por sua esposa e agora pela filha Daniela, cujos filhos eram alunos de tênis do Crizólito.

1.5.3 Delphino Antunes de Souza

Era o terceiro na ordem decrescente e seguiu os passos do irmão mais velho prestando concurso para o BB e indo também trabalhar na matriz da Avenida São João. Era do tipo sonhador e bastante desleixado em todos os sentidos principalmente na parte financeira. Distraído, tomava o bonde lotado e não raro tinha o relógio de pulso roubado e só percebia depois que já tinha descido. Não usava carteira e tinha dinheiro em todos os bolsos da calça e do paletó. Ia pagar a passagem e retirava uma nota graúda, pegava o troco e socava num bolso e se esquecia. Na próxima despesa tirava outra nota graúda e enfiava o troco em outro bolso. Quando se lembrava que tinha trocados em um bolso, enfiava a mão sem olhar e não rara derrubava notas pelo chão. A mamãe quando ficou um tempo na casa dele no Jardim Monte Alegre, depois do Taboão da Serra separou duas latas de leite Ninho das grandes e numa recolhia todos os trocados que achava perdidos em bolsos de roupas postas para lavar ou mesmo caídos pelo chão e quando o Delphino dizia que estava sem dinheiro ela ia buscar na tal lata e contava que o dinheiro era dele mesmo, perdido pela casa. Na outra lata foi juntando bitucas e mesmo cigarros quase inteiros que ele largava pela casa. Não raro acendia um, esquecia e logo depois acendia outro. A ideia dela era mostrar o quanto ele fumava, exibindo a lata cheia depois de alguns dias. Mas de nada adiantou o seu esforço disciplinador. Ele continuava o mesmo. Eu digo que era do tipo sonhador por conta de certas histórias e uma delas foi o Crizólito que me contou. Ele trabalhava no setor de ordens de pagamento, a ORPAG, sigla do banco sempre com cinco letras. Acontece que muitas dessas ordens não eram reclamadas pelos destinatários por motivos diversos e ele, com um coração de ouro, anotava os endereços dos favorecidos e ia nos fins de semana, às suas expensas, a longínquos bairros procurar as pessoas pois entendia que elas estariam precisando daquele dinheiro e talvez nem tivessem conhecimento do crédito.

Era muito inteligente mas sistemático: quando me deu aulas de Latim, me fez começar pelo prefácio do livro, e eu impaciente queria ir logo para as matérias propriamente ditas. Minha mãe falava que ele era muito afobado e realmente o era. Quando meu pai se decidiu por fazer o primeiro loteamento ele já foi para o quintal, pegou uma escada e começou a destelhar uma privada que ainda estava em uso. Nem o projeto havia sido feito e ele já saiu removendo obstáculos para o futuro empreendimento. Falava que o loteamento tinha que ter uma avenida de 30 metros como via principal, pois um dia a cidade iria crescer e essa seria a mais importante via da cidade. Mesmo hoje, mais de cinquenta anos depois, os loteamentos que fizemos não comportam uma avenida desse porte. No outro extremo o Orácio com planos de fazer uma avenida passando bem no local da residência. Pergunto onde a família iria morar se ele levasse a empreitada a cabo. Finalmente

se decidiu fazer uma rua de entrada desviando da casa e até da jaqueira que existia no quintal. Isso resultou numa rua em curva e pelo meu aprendizado posterior as ruas devem ser retas para otimizar o percentual de aproveitamento da área e devem ser na largura mínima exigida pelas leis municipais, pois exceder essa largura significa diminuir áreas dos lotes, ou seja menos lotes menos faturamento. Estes fatos explicam porquê era refratário às ideias minhas e às do Crizólito. O Delphino não tinha tino comercial e quando quis adquirir um imóvel, as escolhas que fez e pediu a opinião do Crizólito este as reprovou todas e o aconselhou a continuar procurando. O Delphino, em seus desvarios, achava que o irmão tinha ciúmes dele e colocava defeitos para que ele nunca comprasse um imóvel. Foi então que comprou a tal casa no Jardim Monte Alegre, uns 3 km. depois do centro do Taboão. Um local mal servido por ônibus e sem iluminação pública na via de acesso ao bairro. Quantas vezes, quando morei com ele, descemos no largo do Taboão e caminhamos por quase uma hora, em plena escuridão para chegar em casa porquê havia poucos horários de ônibus. Ele se meteu na política em Taboão da Serra e fazendo uma campanha por uma tarifa única dos ônibus conseguiu se eleger. Os ônibus para o bairro eram intermunicipais e portanto mais caros. Assumi a vaga bem no calor da Revolução de 1.964 quando Adhemar de Barros, demagogicamente, organizava as Marchas com Deus pela Liberdade, fustigando o governo Jango Goulart que já claudicava e foi derrubado em 31 de março daquele ano. Já com os militares no poder o Delphino fez virulentos discursos na Câmara contra a prefeita Laurita Ortega, que se alinhava com o governo do Estado(Laudo Natel?) e, portanto da direita na época. Jango Goulart era esquerdista e parecia querer implantar o comunismo no país, o que motivou a revolução e o seu respectivo exílio. Ou seja, fazer um discurso público defendendo essa ala perdedora e perdida nos objetivos era de alto risco na época. Teve sorte que ninguém deu bola para os seus discursos e nunca foi ameaçado por isso. Porquê começava no país a época dos anos de chumbo, com gente “desaparecida” como Rubens Paiva e caçados como Marighela, morto dentro de seu fusca, completamente cercado pela polícia e desarmado.

Prestou concurso para Fiscal de Rendas do Estado e foi aprovado, assumindo em São Bernardo do Campo e lá adquirindo uma casa, na Rua Américo Margonari. Por ser muito honesto nunca aceitou participar das panelas e conchavos com fins obscuros. Esse fato, provavelmente o tornou um “estorvo” para o “modus operandi” dos servidores e acabou sendo transferido para São Paulo, no bairro do Ipiranga. Ou seja, quando estabeleceu domicílio na mesma cidade em que trabalhava foi transferido. Adquiriu uma casa na Travessa Humberto Primo no Paraíso, perto da Rodrigues Alves e do metrô Ana Rosa e depois de fincar raízes com a família, foi novamente transferido. Para onde? De volta para São Bernardo. Ele nunca citou essas perseguições e isso foi conclusão minha mas, era muito estranho ser sempre jogado para longe do local de moradia. Ganhava muito bem pois os fiscais eram remunerados pela produção, ou seja pelas multas aplicadas mas, totalmente desorganizado em suas finanças vivia sempre em apuros. Recebia no início do mês e como sabia que o dinheiro iria faltar antes do próximo pagamento, reservava uma quantia e pedia para o Salvador guardar para ele e devolver na hora do aperto, da dor de barriga financeira. Ganhou três carros zero quilômetro num sorteio de uma grande loja de departamentos, mas os vendeu rapidamente e nunca teve um carro novo e em bom estado.

Outra característica sua era escrever longas cartas aos irmãos com críticas ou acusações estapafúrdias ou lições de vida e de moral. Eu odiava quando as recebia e tinham uma particularidade marcante: a sua máquina de escrever tinha uma falha na tecla “tê” e as palavras com essa letra ficavam mancas: tinha que adivinhar o sentido delas. Hilário demais.

Chegou a dar conselhos para o papai dizendo: Cuidado, o dinheiro escorre pelos vãos dos dedos. Que ironia: o papai sempre econômico, adquirindo boas propriedades, gado e até casas de aluguel que construiu na Rua Belarmino com tijolos feitos no seu próprio olaria, que ficava na atual área

verde do loteamento Jardim Ilha das Flores, que incorporei. Justo ele que esbanjava, perdia e aplicava mal o seu dinheiro queria dar conselhos ao pai. No fundo, era um medo infundado com relação a mim pois nessa época eu já começava a administrar os bens da família, ajudando o papai que já não podia mais montar a cavalo e começava a passar o bastão para mim. Cheguei a ter procuração com plenos poderes para vender as propriedades mas nunca usei e não usaria sem o consentimento dos pais.

Numa certa altura da vida, meu pai muito previdente resolveu passar as propriedades para os filhos, para evitar despesas de inventário. Até nisso tinha uma excelente visão, apesar de nem ao menos assinar o nome. Me incumbiu dessa tarefa e me lembro até hoje quando fomos ao Cartório em Sorocaba e o Oficial Maior dizendo à ele: seu Pedro, não faça isso. Na minha vida de cartório vi muitas famílias que foram morar na rua, despejadas por filhos e cônjuges interesseiros, depois de se apossarem das propriedades. Contou uma história que muito me marcou e impressionou. Um casal resolveu dividir a propriedade em vida destinando um quinhão a cada um deles e para o filho solteiro que morava com eles deixou a parte da casa em que moravam porquê achavam que ali continuariam. Acontece que o filho se casou, trouxe a mulher para a casa dos pais e ela começou a implicar: Não aguento mais esses velhos na nossa casa e eles foram simplesmente para o “olho da rua”. História real, porém muito parecida com a triste moda de viola “Couro de Boi” gravada também por Sérgio Reis. Na música um filho ingrato manda o pai embora e lhe dá um couro de boi para dormir quando saísse vagando pelo mundo. O netinho ouve a história e pede metade do couro para o avô e justifica dizendo que ele vai crescer, vai se casar, o pai dele vai ficar velho e ele terá a metade do couro para quando mandar o seu pai embora de casa. Triste mas, metafórica pela observação de uma criança, já pensando em seguir o exemplo do pai e aplicar-lhe o mesmo castigo. Meu pai ouviu a história do cartório e argumentou que com os seus filhos nunca aconteceria isso. Felizmente não aconteceu por conta de uns poucos que seguraram a barra quando os queridos velhos ficaram sem renda, pois já não dispunham das propriedades para gerar dividendos para sua subsistência.

Muito bem: o Delphino já aposentado e com uma renda na época na casa dos 15 a 20 mil dólares, isto mais ou menos no ano 2.000 caiu doente e eu tive que assumir a administração da sua vida trazendo-o para Salto para mudar um pouco de ares. Além da saúde extremamente debilitada com suspeita de um carcinoma na carina do pulmão, estava em uma crise familiar e financeira bem complicada. Acompanhei todos os exames, consultas médicas e milagrosamente os resultados dos exames da carina que tinham indicado a moléstia, indicaram que não havia o temido câncer. Mesmo com rendimentos tão significantes estava com a situação financeira literalmente em frangalhos. Ele se deu bem aqui, fez amizades, frequentava o clube e consegui inclusive fazer com que ele parasse de fumar. Mas, eu tive que me submeter a uma cirurgia de hérnia inguinal e os familiares o levaram de volta para São Paulo. Interessante que durante esse interregno de tempo, administrando suas finanças ele se surpreendeu quando constatou que pela primeira vez na vida sobrara um saldo do pagamento do mês anterior.

Sonhador, escrevia libelos sobre a vida, política e outros assuntos e distribuía seus manuscritos na saída do metrô. Nunca cheguei a ler um deles e portanto não sei exatamente do que falava ou pregava. Era carinhosamente chamado pelo Carlos Eduardo e pela Cecília de Tio Mino.

1.5.4 Maria Antunes Alves

“Dona Maria, a Sra. Pode me trazer um copo de água por favor!”. Era assim que o Paulo Alves, farmacêutico estabelecido em Alfenas-MG se dirigia à minha irmã. Isso por volta das onze da noite tendo acabado de fechar a farmácia e encerrado uma jornada de 12 ou 14 horas talvez. Subia

as escadas da residência com certa dificuldade devido ao cansaço de ficar em pé o dia todo em jornadas intermináveis. Após vencer os intermináveis 15 ou 20 degraus “se jogava” no sofá mas nunca deitado, sempre sentado. Maria corria para a cozinha para trazer a água com o copo num pratinho com um guardanapo de pano. Esta era a rotina, o cotidiano. Vieram de São Paulo, com os filhos ainda pequenos para se estabelecer em Alfenas para que a Maria pudesse cursar a faculdade de Farmácia. Vieram não, ela veio sozinha para Alfenas para fazer o cursinho para o ingresso na tão sonhada faculdade de Farmácia. As crianças numa faixa etária de 3 a 6 anos ficaram em São Paulo com o pai, que tinha uma farmácia no bairro do Horto Florestal na Avenida Maria Amália Lopes Azevedo, a mesma onde um restaurante tradicional de São Paulo servia um pato à califórnia maravilhoso: pato assado com compotas de frutas doces (figo, pêssego etc.). Ali o Paulo se estabeleceu após ter adquirido uma farmácia na Av. Júlio Buono no bairro da Vila São Camilo, zona norte da capital paulista. Após uma longa carreira como propagandista do laboratório Lederle/ Cyanamid Química, conseguiu montar seu próprio negócio transferindo-se depois para a Av. Maria Amália já dono do seu negócio. Ali criaram os filhos Pedro Américo, Jandira e Ocirema até a mudança para Alfenas. Recordando: primeiro foi a Maria sozinha morando em um quarto alugado para poder se preparar para o vestibular. O Paulo se deslocava para Alfenas nos fins de semana, levando os pequenos para que mãe e filhotes matassem as saudades. Superada a etapa do vestibular e já tendo ingressado na Faculdade de Farmácia, o Paulo resolve encerrar suas atividades em São Paulo, comprando no centro de Alfenas, um casarão centenário que servia perfeitamente aos propósitos comerciais e residenciais. A casa tinha até um pé de fruta do conde ou arithicum, que hoje não se encontra mais, pois a fruta evoluiu para a atemoia. Criavam galinhas no quintal e quando resolviam consumir tinha que montar uma operação especial para que a Ocirema não soubesse do sacrifício dos galináceos: galinhas que tinha visto na eclosão dos ovos galados e acompanhado o crescimento dando milho todos os dias. Como ver os bichinhos criados com nome e tudo sacrificados assim sem cerimônia. Ali na Farmácia Santa Rita, santa de devoção do casal estabeleceu uma freguesia constante e numerosa. O Paulo era um farmacêutico conhecido e muito respeitado. A Maria cursava a Faculdade para um dia tornar-se responsável pelo estabelecimento dando o suporte ora na gerência da casa, ora substituindo o marido na hora do seu almoço e sua sesta. Ali criaram os filhos, deram-lhes a formação básica para que ingressassem em Faculdades de Odontologia em outras cidades. Curiosidade desta fase foi o Paulo colocar o primogênito Pedro Américo para trabalhar na farmácia em horários fixos e rígidos e impor que o filho o chamasse de Paulo e não de pai. Outra curiosidade foi quando colocou uma placa na balança cobrando 1 (hum) cruzeiro para se pesar se não fosse cliente ou consumidor. Isto porquê as crianças saíam da escola e em fila vinham para se pesar na Santa Rita. Com a placa de cobrança acabou-se a farra da pesagem.

Ali se estabeleceram definitivamente, mandaram os filhos para a faculdade e foram adquirindo imóveis na cidade constituindo um bom patrimônio familiar.

O Pedro Américo, fusão dos nomes dos avôs, casou-se com a Beatriz, odontóloga também de família de São João Del Rey e acabaram se estabelecendo em São Paulo na Rua Augusta, num apartamento que tinha sido comprado do Salvador. A Jandira se casou com o Donizetti de Monte Belo-MG: ela dentista e ele farmacêutico. A Ocirema se casou com o Ivan, ambos também dentistas. Formou-se então uma família bem peculiar de farmacêuticos (3) e dentistas (5).

Vieram os netos: Pedro Paulo (novamente homenagem aos avôs) e o Gabriel do Pedro Américo. Eloá e da Jandira e Jander e Breno da Ocirema.

1.5.5 Salvador Antunes de Souza, o Dodô

O Salvador, chamado na intimidade de Dodô é o terceiro filho na escala ascendente e na infância gostava de colecionar passarinhos em gaiolas. Numa das vindas a Salto o Crizólito começou a negociar com ele um pagamento para soltar as aves. Foi subindo a oferta até que ele cedeu e com lágrimas nos olhos foi abrindo as portinhas das gaiolas e soltando os bichinhos que à muito custo saíram da gaiola, ressabiados e desconfiados e enfim criando coragem e alçando voo para a liberdade. A ganância derrotou a paixão pelos bichinhos engaiolados. Felizmente.

Outra história do seu interesse monetário precoce: O Orácio tinha como padrinho o Seu Manoel Português, um rico fazendeiro, dono de gado e terras onde está hoje o bairro São Manoel, aqui em Salto. Os padrinhos vinham, invariavelmente à missa dominical e nessa ocasião o Orácio ia pedir a tradicional: “A bença padrinho” e ele pingava um trocado que dava para comprar uns doces. Numa dessas ocasiões o Orácio estava envergonhado e disse ao Salvador que não iria lá pedir a benção e o Salvador insistindo e o Orácio se recusando. O Salvador resolveu e foi lá ele mesmo, na frente do Papai e da Mamãe e disparou: “A bença padrinho”. Foi só risada porquê ele não era o afilhado mas faturou a graninha assim mesmo. Na maior cara de pau.

O Salvador, na esteira do Crizólito, Delphino e Maria foi para São Paulo tendo trabalhado num banco que se tornou depois o Itaú, no tradicional, majestoso e emblemático Edifício Martinelli na Avenida São João. Digo emblemático porquê representou um marco na Pauliceia: mármore rosas trazidos da Itália, jardins na cobertura e outras *mudernagens* como diria Elomar. Fez concurso para o Banespa, Banco do Estado de São Paulo, que ao lado do BB, era um dos empregos mais cobiçados na época. Assumiu como Escriturário na agência Centro, Praça Eduardo Prado, quase em frente ao BB. Seguiu trabalhando e fazendo concursos para o BB até que conseguiu ser aprovado como auxiliar de escriturário e foi designado para trabalhar em Cornélio Procópio. O Crizólito que como aposentado pelo BB achava este muito melhor que o Banespa convenceu o Salvador a deixar o cargo de escriturário e assumir um inferior na pequena cidade do Paraná, como auxiliar de escriturário. Estive lá lhe fazendo uma visita e constatei que levava uma vida social bem agitada e parecia que não tinha sentido tanto a mudança. Ledo engano: tempos depois as notícias começaram a rarear e o Crizólito, desconfiado de alguma coisa foi até lá e acabou trazendo ele de volta. Estava numa depressão profunda e teve que passar por diversas internações em hospitais de saúde mental. Recuperou-se parcialmente e reassumiu no Banco, desta vez em Sorocaba mas acabou voltando a São Paulo na agência centro. Nunca mais foi o mesmo: antes do percalço era um cara muito ativo social e comercialmente. Nos horários de folga ia ao Bom Retiro e comprava capas e guarda chuvas que revendia aos funcionários do banco. Tinha intensa vida social, adquiriu uma quitinete na rua Frei Caneca mas, a voluptuosidade da Bolsa, que não é para principiantes, levou o imóvel e algumas reservas. Conseguiu lentamente se recuperar e comprou um apartamento de um dormitório na Avenida São Luiz e tempos depois permutou comigo sua parte no terreno do atual Jardim Ilha das Flores por um apartamento de 2 dormitórios na rua Guilherme Bannitz perto do hospital São Luiz, início da Avenida Santo Amaro. Tinha adquirido também uma boa casa no Jardim Simus em Sorocaba, para onde levou nossos pais para morar.

O Salvador, foi o irmão que mais me ajudou a cuidar bem dos progenitores. Eu cuidava de tudo durante a semana e nos finais de semana ia para São Paulo, pois já namorava firme com a futura esposa: a Eulália. O Salvador fazia o caminho inverso e vinha para Salto, me deixando assim tranquilo para me ausentar até a segunda feira quando os percursos se invertiam novamente: ele para Sampa e eu de volta para Salto. Além disso, nas fases mais turbulentas levava a Mamãe para ficar com ele em São Paulo.

Estava bem financeiramente, com uma boa aposentadoria do banco e três imóveis mas, desgraçada-

mente se envolveu com uma moça de péssima conduta e caráter que começou o caminho da sua derrocada financeira. Literalmente *fiz o diabo* para arrancá-lo das garras da interesseira que fazia viagens cíclicas à Espanha dizendo a ele que lá trabalhava como dançarina. Numa dessas vindas a Wanda veio com dez mil dólares e queria fazer a cirurgia dos seios mas, boba e esnobe ao mesmo tempo, fazia questão absoluta de fazer com o Pitanguy no Rio de Janeiro. Como gastou parte do dinheiro o Salvador teve que custear o que faltava, chegando a vender o telefone fixo que na época tinha grande valor comercial: cerca de cinco mil dólares. Numa aventura louca, sem medir os riscos foram para o Rio, de ônibus e ele com os dez mil dólares nas meias. Não creio que o afamado cirurgião exigiria a quantia em verdinhas. Deveria haver uma forma de transferir a importância mesmo que com intermediação de doleiros para evitar viagem tão arriscada. Quando consegui sua libertação já tinha ido a casa de Sorocaba e teve que entregar o carro à fulana, pois o veículo já estava no nome dela. Nesse momento fizemos a troca dos seus cinquenta por cento do terreno em Salto pelo apartamento e ele foi morar na Vila Olímpia e estava feliz por ali, fazendo caminhadas no Parque Ibirapuera, bem próximo dali e saindo praticamente todas as noites comigo para barzinhos, lugares para dançar numa vigília, da minha parte, digna de um cão de guarda. Tudo para que ele não voltasse às garras da safada, pois a tentação era grande, mesmo me contando que nos últimos tempos nem dormissem juntos: ela carregou uma amiga para o apartamento dele e dormia com ela num colchão de casal no chão na sala. Numa ida dela novamente à Espanha, consegui retirá-lo à força da maligna companhia e, felizmente nunca mais teve contato, depois que entregamos o carro numa operação que nem vale a pena lembrar.

Levou a Mamãe para morar com ele e, para auxiliar nessa tarefa, contratou a Flávia como empregada e como realmente não sabia lidar com mulheres esta também foi tomando conta da vida financeira e pessoal dele. Teve dois filhos na casa dele, de um namorado maconheiro que chegou a ameaçar jogar o Salvador pela janela do quarto andar. Ele adotou os filhos dela como se fossem seus netos e aí começou outra sangria financeira: escola particular, roupas e comida além de dentista e mais tarde celulares caros e outros luxos que acabaram por drenar seus últimos imóveis, tendo que ir morar de aluguel. A moça faleceu com idade de 35 anos mais ou menos e ele está hoje numa situação pela qual nunca tinha passado na vida: fazendo empréstimos consignados e a renda líquida minguando cada vez mais. Cheguei a lhe oferecer para morar aqui em Salto, em uma das minhas pousadas mas ele não consegue se desligar dos passarinhos que o “chupim” botou no seu ninho para ele criar. Dizem que esse esperto pássaro terceiriza a tarefa de chocar e cuidar das crias. Hoje, na casa dos oitenta anos, tem a saúde debilitada e uma situação financeira em espiral descendente, difícil de estancar. Ajudei algumas vezes mas, por conta disso, fui obrigado a contragosto, a me afastar. Não posso financiar luxos que nem eu nem minha esposa desfrutamos: para os “netos” agora moços, celulares na casa dos quatro mil reais, cabelos platinados da mocinha insolente e mal educada, cuja manutenção tem custo na casa de quinhentos reais por mês. Some-se a isso aluguel, condomínio e contas de consumo além das parcelas dos consignados e chega-se à um desastroso desequilíbrio financeiro.

Resumo da ópera “bufa”: uma pessoa inteligente, trabalhadora e que soube fazer bons investimentos pois chegou a ter cerca de dez mil dólares guardados no cofrinho alugado do BB além de uma carteira de ações no mesmo montante. Três bons imóveis adquiridos, ou seja sabia poupar e sabia investir bem mas a sua falta de tato no trato com as criaturas do sexo oposto o levaram a essa situação praticamente insolúvel.

1.5.6 Orácio Antunes de Souza, o China

O Orácio, originalmente grafado com H: Horácio, por “pseudo” conhecimento da escrita do cartório Araldo é o penúltimo, antes do caçulinha aqui e foi problema desde pequeno. No grupo escolar, a professora pegava um pente e tentava assentar seu cabelo para frente sem sucesso. Ela não sabia que ele puxava o cabelo todos os dias para frente, molhando ou colocando *Gumex* para formar um topete vistoso. Ele, sempre na moita, ria-se por dentro do esforço inútil da mestra. Briguento e topetudo também no sentido de valentia, apesar da pouca estatura e musculatura encarou muitos moleques maiores que ele. Apelidado de *China* por ter olhos puxados era até bem valentinho, inversamente proporcional ao seu tamanho. Numa dessas, a molecada mexeu com um rapaz de Salto que tinha o apelido de *Briosa* e odiava ser chamado assim. Ele tinha olhos enormes, arregalados como os de uma égua, e no geral se costumava chamar o animal de *briosa*, uma forma carinhosa de se referir, não necessariamente a um específico animal, mas de um modo geral a todas. Muito bem: a molecada provocou o *Tinho Briosa* e saiu correndo mas o China não quis correr e encarou o outro. Se empacotaram no chão e não é que o baixinho montou no cavalo e levou as mãos na sua *guela* imobilizando-o no chão? Mas, aí ficou pensando que a hora que ele soltasse o outro, maior e mais forte do que ele, iria apanhar e decidiu soltar e sair correndo. O Tinho pegou um pedra e mandou certeira na cabeça do China. Chegou em casa ensanguentado e não queria contar do acontecido. Ainda tomou uma *sova* da enérgica Dona Malvina, nossa querida Mamãe.

Diante do seu temperamento rebelde minha mãe resolveu mandá-lo para um internato e escolheu a Escola Agrícola de Pinhal, perto de Minas e o encaminhou para lá. Lá ganhou o apelido de *Gatão* por causa da cabeleira. Minha mãe achava que essa internação iria *torná-lo um homem* e até que funcionou. Lá teve como colega o Ney, filho da dona Norma Castellani de Brito, dona do cartório de Salto que continuou a mania do marido de grafar *nomes estrangeiros* de forma curiosa. Numa ocasião registrou o nome da menina assim: Deborak. Quando vi a certidão para fins de pagamento de salário família na Matarazzo perguntei ao Agenor, pai da menina o porquê daquele nome estranho e ele falou que o nome era Débora mas a Dona Norma falou que nome estrangeiro tinha que ter uma letra muda no final. Poderia ter acrescentado um H mas colocou um K. Imagine a coitadinha respondendo chamada na escola: Deborak. Não professora: é Débora. E teve que aguentar isso pelo resto da vida a não ser que enfrentou um processo judicial como o Orácio para retirar o inútil H do seu nome.

Apesar de se formar como técnico agrícola nunca exerceu a profissão e muito menos aplicou seu aprendizado nas propriedades da família. Foi para São Paulo e aprovado no concurso do Banespa foi trabalhar na agência do Aeroporto. Era *cú de ferro* tanto para trabalhar como para estudar e varando noite adentro e ganhando horas extras conseguiu comprar seu apartamento na Rua Avandava, perto da Avenida Nove de Julho em São Paulo. Mas, por um infortúnio foi mandado embora do banco e amargou dificuldades para retomar o prumo. No Banespa trabalhava no setor de conferência de assinaturas de cheques juntamente com mais três colegas e um deles deixou passar um cheque com assinatura falsa e o banco demitiu os quatro. Sabia quem era o culpado mas por coleguismo “segurou a bronca”. Formou-se em Agrimensura, passando a viver dessa profissão e hoje mora em Brigadeiro Tobias, perto de Sorocaba-SP.

Tinha também um lado folclórico e divertido. Nos bailes que fiz em Salto de Pirapora, ele apareceu com uma jarra enorme e percorria o baile pedindo dinheiro com o seguinte argumento: *Você pode ajudar a Viúva? Ela tem sete filhos para criar e precisa da sua ajuda.* Recolhia a grana e ia para o bar do clube, comprava cervejas, enchia a jarra e voltava para os doadores: *A Viúva manda agradecer em cerveja para você tomar.* A brincadeira pegou e se tornou praticamente uma atração nos bailes: *A Viúva do China.*

Morando em São Paulo, trouxe gravatas *twist* e outras fininhas que mais pareciam cadarços de sapato e foi um sucesso com a rapaziada “*bailêra*”. Novidade que nem em Sorocaba era conhecida. Num final de baile, fomos ao bar do Nizião, em frente ao clubinho e em dado momento ele pediu silêncio e falou que estava na hora: dobrou as pernas, bateu as mãos vigorosamente nas coxas, como se fossem asas e soltou um *cocorococó cocorococó* comprido e modulado e anunciou: *São 5 da manhã e tá na hora do galo cantar*.

1.6 Personagens que passaram por mim

1.6.1 Albino Sartorelli de Boituva

Procurando novilhas nelore para comprar fui parar em Boituva onde o Seu Albino Sartorelli tinha umas no ponto de criar. Gado bonito, bem cuidado e acabei fechando negócio com ele e fomos a Boituva com um caminhão gaiola, próprio para transporte de gado, e o Seu Albino se instalou na cabine conosco até o sítio onde estava o gado. Figura pitoresca com uma “chapa” (dentadura) maior que a boca e rindo muito e cheio de prosopopeia e eu dando corda. O sítio era em Iperó e eu perguntei do camping Carroção, famoso na época como point de laser pois os campings estavam em moda. Instigado por mim começou a discorrer sua “prosa” sobre o camping: “Óia, vem uma turma de São Paulo que pega bote p’o rabo que sai corcoviano que nem burro chucro no macegá”. “Dá até um maristal na gente” (demorei para descobrir que era mal estar). “As muié vem c’um carçozinho curtinho, deita na grama e fica fritano que nem paca no sór quente”. Eu e o Paulinho Mixirica demos muita risada com o Sartorelli e suas histórias contadas no seu jargão simples de caipira autêntico. E muito simpático, daqueles que dá gosto ouvir as histórias.

1.6.2 Caiano e Zico Mâncio

O Caiano era um boiadeiro de Piedade que “negociava uns gadinho por estas banda”. Magricelo, alto, sempre *trajado de boiadeiro*, com chapelão e “botina ringidora” apareceu em Salto e negociamos “um lotinho de garrotes”. Marcou para vir retirar o gado pela manhã e apareceu depois das 4 da tarde para pagar com cheque. Desconfiado falei que iria consultar o cheque antes de liberar o carregamento dos boizinhos. Fiz ainda um recibo de compra e venda através do cheque número tal, banco tal etc. etc. Depois de concretizado o pagamento fizemos amizade e nas “cervejadas” que tomávamos ele narrava o episódio na sua maneira típica de homem simples “da lida”. “Óia turma, fui buscá o gado do hominho e ele pego meu cheque na mão e falô: vô cosurtá, vô cosurtá”. “Depois sentô numa mesa, ponhô um papér na maquininha de iscrevê i tec, tec, tec marcô tudo, dia, hora, número do cheque e a contage do gadinho.” “Tudo marcadinho ali, eu que nunca tinha negociado ansim fiquei bobo de vê”. Ele narrando, já no embalo da cerveja, e a turma da mesa se deliciando. Numa outra ocasião fui buscar um gado dele em Eldorado Paulista, região de Registro-SP, sempre com o Paulinho Mixirica a tiracolo. Chegando lá até encontrar com o seu sócio Zico Mâncio e o capataz que ia “fazê a runida do gado” foi passando o dia e fomos dormir na casa do Zico Mâncio em Itapeúna, às margens do “rio Ribêra”. Servido o jantar a prosa foi se desenrolando e o hospedeiro começou contar as suas histórias, muito sério e circunspecto: “Puis óia gente eu tive um burro por nome de Ferrante, que não havia de marvado e varadô”. “Iscapava do pasto de noite e cumia as roça dos vizinho”. “No ôtro dia era só recramação e eu tinha que pagá as roça”. “Pensei cumigo: vô cunsertá a barda desse burro”. “Levei o Ferrante num pastinho fora da cidade i preendi numa manguêra de arame farpiado, cuma portêra de 8 vara”. Ainda por cima amarrei um *síncerro* no

pescoço dele. (o sincerro é uma espécie de sino ou badalo, de ferro, que chacoalha com o andar do animal fazendo um alarido alto: blém, blém, blém). Fui durmí assussegado mais no ôtro dia cedo tinha um vizinho reclamano que o Ferrante cumeu a roça de mio verde dele. Falei que num era pussíve e contei onde tava preso o *alimar*. Mas o hóme insistiu que era o Ferrante i intão marcamo pá í sondá o marvado de noite. Fiquemo na tocaia i num é que acabô de iscurecê o Ferrante abriu a portêra, tirano vara por vara cos dente i ainda fechô a portêra, vara por varade novo. I nós sondano iscondido e acumpanhano as istripulia do marvado. Rumô pá vila, atravessô pô meio das casa co pescoço duro, sem dexá dá uma batida no sincerro (neste momento ele imitava o burro projetando o queixo para frente e endurecendo o pescoço). Varô a cerca do vizinho, cumeu quanto quis i atravessô a vila de vórta, co pescoço duro, sem fazê nenhuma buia. Abriu as oito vara da portêra, entrô e fechô tudo de novo”. Eu, o Mixirica e o Caiano, hospedados pelo homem, sentados à mesa junto com a esposa e a filha dele, fazendo um esforço danado prá segurar o riso, pois o homem era mentiroso profissional. Não movia um músculo da face e falava com a seriedade de um pastor da igreja. Como duvidar da sua monumental mentira sem ofender o dono da casa? Engolimos o riso em seco, fazendo a maior cara de credulidade e só pudemos rir da história no dia seguinte.

1.6.3 Zé do Mótio de Sarapuí, o Aristeu Mocho e o Dito Pão de Salto Pirapora

Um Caipira autêntico daquela região onde fui atrás de gado. Homem simples, da lida mas muito engraçado também. Interessante que vinte anos depois vim a saber que o prefeito de Sarapuí era o..... Zé do Mótio. A origem do nome deveria ser porquê seu pai se chamava Timóteo que virou Mótio. Fiquei muito surpreso com sua trajetória política pois nunca poderia imaginar que um simplório daqueles viraria o homem mais importante de Sarapuí. A política tem dessas coisas e parece que os mais folclóricos é que se tornam os preferidos na hora do voto. Tenho até uma expressão que cunhei para designar esses fenômenos: “O voto Cacareco”.

Cacareco foi uma rinoceronte emprestada do zoológico do Rio de Janeiro para o de São Paulo no ano de 1.959 e causou tamanho rebuliço no noticiário que ficou nacionalmente conhecido (só agora descobri que não era um macho) e só se falava nela. Nas eleições de São Paulo recebeu perto de cem mil votos, quando os candidatos do PSP somados chegaram a 95 mil votos. As eleições eram feitas em cédulas de papel onde se escrevia o nome do candidato e Cacareco atingiu então a impressionante marca. Ficou caracterizado como o símbolo do voto de protesto. Tanto que o fato se repetiu recentemente com a eleição do Tiririca: “vote no Tiririca que pior não fica”. Então dá para concluir que o povo quando está desencantado com a política tende a canalizar o seu voto para tais excrecências quase como que fazendo uma piada, debochando das eleições, que pensando bem são motivo de deboche mesmo.

Outro exemplo é o Aristeu “Mocho” daqui de Salto. Ganhou esse apelido porquê tinha olhos enormes à moda de uma coruja, popularmente conhecida como mocho. Chegou a ser processado por bater no Laertinho que o chamou pelo apelido na rua. Sua ocupação era com a “lida da lenha” nos eucaliptais da Matarazzo: contratava operadores de moto serra e cuidava do transporte da lenha para abastecer os fornos Azbe da empresa. Mudou-se depois para a cidade de Pardinho, região de São José do Rio Preto, onde acabou entrando para a política e se elegendo para prefeito por mais de uma vez. Quem poderia sonhar na época que o “Mocho” se tornaria, à exemplo de Zé do Mótio o homem mais importante de uma cidade?

Ainda em Salto tivemos o exemplo do “Dito Pão”, um homem simples, de pouca leitura, operário braçal da Matarazzo que se candidatou a vereador e foi um dos mais votados. Coisas da política

que realmente não é para principiantes.

Tivemos também na cidade a Maria da Reciclagem, muito popular por recolher embalagens recicláveis nas casas e que acabou sendo muito bem votada e eleita como vereadora da cidade. Mal sabia se expressar. O Makoto é um japonês vítima da Thalidomida (medicação que causou muitos defeitos fetais) e nasceu sem os braços e sem as pernas mas se tornou muito popular na cidade pois, dono de um temperamento forte e alegre se divertia jogando futebol e indo aos bailes no clube, superando as suas deficiências com coragem e muito bom humor. Ambos igualmente folclóricos e que passaram pela política sem deixar saudades. Analisando bem nenhum vereador deixou legado pois na verdade são peões de um jogo orquestrado e que acabam sendo cooptados pelo executivo, que para poder ter projetos aprovados na Câmara, usam de todos os meios, alguns nada republicanos. Para que serve então a tal Câmara de Vereadores, ou seja o chamado Poder Legislativo, que na maioria das vezes só aprova projetos fúteis como dar nomes de ruas ou aprovar moções tecendo loas a cidadãos ditos “honoráveis”. Sem falar no João Turco, um mestre na arte política, no que ela tem de mais pernicioso. Já o descrevi como um cara que relaxava todas as nossas brincadeiras e mesmo assim foi prefeito por três vezes da nossa cidade. Nunca se levantou cedo, sempre foi relapso nas empresas em que trabalhou mas, tinha uma lábia e tanto e acabou se tornando no maior político de todos os tempos nestas plagas. Vá entender o povo?

1.6.4 Odilon Castriota Filho e a empresa OCF

Quando encerrei minha carreira de boiadeiro e plantador de milho e feijão, ou seja, na minha autodenominação, um *agropecuário*, estava assim meio sem saber o que fazer. Já tinha vendido todo o gado e migrado para a lavoura onde me dei relativamente bem: contrai financiamentos da carteira agrícola do Banco do Brasil e consegui quitá-los, plantei feijão e milho e obtive lucros e sucesso, mas chegou um ponto que não dava mais para continuar pois tinha sofrido alguns revezes e safras frustradas e tinha resolvido encerrar de vez as atividades antes que os prejuízos drenassem o capital que tinha amealhado na região de Cascavel. Com o gado trocado por tratores e implementos agrícolas tinha um imobilizado razoável mas precisava urgentemente buscar nova ocupação, pois estava casado e com duas filhas pequenas e não podia me dar ao luxo de simplesmente parar e ficar sem fazer nada.

Foi então que conheci um cara fantástico chamado Odilon Castriota, de uma incorporadora imobiliária em São Paulo. Veio a Salto de Pirapora em busca de terras para arrendar no intuito de ajudar um corretor de imóveis, o Hugo Krentz, que ele, como homem magnânimo e reconhecido, achava por bem dar uma ajuda. Como corretor o Hugo tinha lhe trazido boas áreas para incorporação que se transformaram em excelentes e lucrativos empreendimentos.

Aluguei a área do atual loteamento Jardim Ilha das Flores para eles, mas a saúde do Hugo não lhe permitiu tocar o projeto de plantio de horticultura. Já tinha vindo de São Paulo à procura de sossego, pois sabia ser portador de uma leucemia. Seu estado de saúde se agravou e o Odilon patrocinou sua ida à Curitiba tentar um transplante, pagando avião, estadia do próprio, de sua mulher, de sua filhinha e até da babá, além das despesas hospitalares.

Me pediu para dar continuidade aos trabalhos mas com a vinda do plano Cruzado, as coisas se tornaram igualmente inviáveis e me incumbiu de desmontar o esquema, dispensando empregados e vendendo máquinas. Acabou me convidando para trabalhar com ele, no ramo de incorporações imobiliárias, porquê como disse, tinha gostado do *meu pique*. Fui para sua empresa, feliz por achar uma atividade remunerada e que ainda me permitia continuar tocando os meus negócios aqui em Salto, mesmo morando e trabalhando em São Paulo.

Negociamos que eu teria um dia de folga na semana para vir a Salto cuidar dos meus assuntos

particulares, pois já estava em gestação a implantação do loteamento Jardim Ilha das Flores. Trabalhei com ele por cerca de 6 ou 7 anos, aprendi muito sobre o mercado imobiliário e consegui financiamentos em grandes bancos para incorporação de prédios que era a atividade da OCF Incorporadora. Tive o meu trabalho reconhecido, tinha verbas à vontade para gastar com o pessoal dos grandes bancos: almoços nos melhores restaurantes, jantares para mais de trinta pessoas numa pizzaria que descobri que fazia sob encomenda um pintado recheado assado. Quando realizamos o jantar o pessoal do banco que morava em Osasco ficou surpreso quando falei do pintado pois o local era conhecido como pizzaria.

Eu tinha recebido a dica de um amigo e falei com a dona e encomendei dois pintados de mais de dez quilos cada um. Os convidados nem imaginavam que poderiam comer peixe num local com tradição de pizzaria. Ganhei muitos pontos com o pessoal do banco por causa dessa história.

Quando o mercado imobiliário teve uma inflexão negativa, deixei a empresa e o Odilon, me deu seis meses de aviso prévio e liberdade para que eu usasse como bem quisesse da minha sala dentro da empresa na Rua Sete Abril, centro de São Paulo.

Tentei engatar uma carreira de corretor mas descobri que não tinha tino para isso: não sabia mentir nem enganar. Como dizia meu amigo Aurimar: “prá ser corretor tem que ser puta” e eu nunca quis me prostituir.

Ao final dos seis meses do guarda chuva financeiro, ele me cedeu sem custo algum um terreno de 2.400 metros no Morumbi, onde montei um estacionamento e ganhei muita grana por cerca de dez anos. Como se vê, a recompensa por minhas atitudes com a família ou fora dela veio a cavalo: e num PSI: um puro sangue inglês. Quando pediu o terreno para vender à uma incorporadora, me deu uma gratificação de vinte mil reais, isto em 2.004 mais ou menos.

Ainda me deu recomendação altamente positiva quando montei outro estacionamento num terreno próximo. Disse textualmente à Dona Cândida, proprietária do imóvel, que relutava em cedê-lo para mim: “Conheço muita gente honesta, mas ninguém mais honesto que o Carlinhos”. Deu para viver mais uns anos da renda do novo estacionamento.

Nesse meio de tempo já trabalhava para aprovar o loteamento Jardim Ilha das Flores, aqui em Salto de Pirapora e aí é outra luta e outra história.

Tenho que registrar também que poucas vezes conheci pessoas com o coração do Odilon. Sua gratidão com seus colaboradores se repetiu depois com um advogado que teve um AVC, e ele igualmente assumiu tudo: longa internação numa caríssima UTI e todos os demais gastos. Que Deus te recompense Odilon, que você seja muito feliz e muito próspero nos seus negócios. Você, um self made man, que veio de BH, “engenheirinho da Gafisa”, como um diretor ciumento de um grande banco se referiu à você e que começou tentando negociar casarões antigos no bairro chique de Higienópolis, quando era praticamente enxotado dos portões, pelas senhoras da alta burguesia paulistana. Você venceu e chegou a incorporar mais de 8.000 unidades habitacionais em São Paulo, Sorocaba, Guarujá, Porto Alegre etc. etc. Falo do seu sucesso com orgulho, pois além de ter sido meu guru e mestre, sempre foi magnânimo com seus funcionários e outros profissionais que tiveram a sorte de circular na sua órbita.

Na empresa tive a oportunidade de formar pessoas, dando-lhes a oportunidade de aprender e evoluir. O primeiro foi o Haroldo, com idade de uns 14 anos, filho do motorista particular do Odilon, o Alberto. Este pediu para empregar o filho que foi colocado como office boy mas, um dia na volta do correio teve o relógio roubado por um trombadinha do centro, o que o deixou apavorado, voltando chorando para o escritório. O Odilon falou para a Maria do Socorro arrumar alguma coisa para o garoto fazer no escritório, nem que fosse “decorar a lista telefônica”. Pedi para treiná-lo mas impus que queria avaliar a saúde dele primeiro. Era raquítico, dentes estragados na boca e eu achei que ele deveria ter verminose. O Odilon concordou e o mandamos ao médico, fazer exames parasitológicos,

dentista e depois foi para uma escola de datilografia. Quando comecei o treinamento coloquei-o no computador para digitar com a novidade da época: o editor de textos word star. Aprendeu rápido e passou para o Excel, planilhas de cálculo. Ainda o orientei para “chupar” os conhecimentos dos técnicos que vinham efetuar reparos nos computadores da empresa. Em pouco tempo ele sabia dez vezes mais do que eu em softwares e cem vezes mais em hardware. Passou a efetuar consertos em todos os enormes computadores. Não havia ainda lap-tops. Tempos depois foi trabalhar em uma das grandes empresas de auditoria. Ou seja: o garotinho tímido e medroso tornou-se um funcionário graduado numa empresa multinacional. Tenho muito orgulho disso.

Na mesma empresa treinei o Ricardinho e o Edson, este último filho da Marina, que era empregada doméstica na residência do Odilon e depois veio também para a empresa como copeira.

Capítulo 2

Histórias de Salto de Pirapora

O Salto na minha época de infância/adolescência (por volta de 1.960) era uma pacata cidadezinha do interior e assim como as demais a distração era muito diferente de hoje. A gente se distraia indo à igreja, ao cinema do Neto ou na folia do Carnaval ou nas quermesses. Estas além do leilão de prendas, venda de comes e bebes sempre tinha a Banda do Antonho Músico tocando dobrados e valsas na praça, as procissões e a “caieira” de São João. Os mais abastados da época como Agenor dos Santos, Vicente de Nhá Cota, seu irmão Luizinho, Lauro Magno César, Lindonor e Osteldo (que era chamado de Oster ou mesmo Ester) e outros do mesmo calibre mandavam carros de lenha carregados de toras para a praça. Seu Agenor já mandava num caminhão Fargo ou Studebaker.



Matriz de São João Batista, no mesmo lugar onde foi inaugurada uma capela em 1907

Esta lenha era empilhada em forma de “caieira” ou seja trançando as toras e se erguendo por 4 ou 5 metros. Na “véspe” do dia de São João Batista, padroeiro da cidade era acesa a caieira e isso tinha um cerimonial todo especial. Vinham o festeiro, o prefeito, o padre, o delegado (que não era de carreira mas um cidadão comum) e o povo que tinha saído da igreja após a missa, mais a molecada e os que vinham prá “sapiá”. Acendiam o fogo e aí começava o “samba” que de samba não tinha nada. Era um improviso de versos mais ou menos em ritmo de cururu. Ia chegando a turma do Lúcio Camargo, com seus bumbos artesanais feitos de couro curtido de boi. Os cantadores dos quais me lembro vagamente da turma do Lúcio Camargo eram o Joaquim Furquim e o Pinhé. O Timóteo também andava por ali, pois era onipresente em todas ocasiões sempre ralhando e correndo

atrás dos moleques arteiros como eu que jogavam pedregulho na tuba da banda. A cachaça rolava solta, tomada “no gargalo mêmo” e o samba “comia o couro”, madrugada adentro. Eram versinhos já consagrados ou improvisos. Só me lembro de um deles cantado pelo Lúcio Camargo. Era assim: Sabiá na laranjeira, avoô e sentô, avoô e sentô, avoô e sentô e o surdo marcava firme o ritmo e esta cantilena se repetia infinitamente porque não havia mais versos nesse improviso. Era muito simples mas muito bonito pela pureza e inocência dos improvisadores e das músicas. O litro de cachaça ia passando de mão em mão, e o clima ia esquentando. Varavam a noite cantando e sambando até acabar a cachaça e a fogueira, no sentido ambíguo da palavra. A pinga não raro era renovada por alguma alma boa que gostava da farra e não queria que parasse.

2.1 O Leilão de Garrotes

Era outra distração. Os fazendeiros mandavam garrotes ou novilhas como prendas, para renda da igreja ou do asilo, e esse gado era leiloado na mangueira do Seu Genor, na Granja em frente ao atual Asilo dos Velhinhos. Os arrematantes se empoleiravam nas tábuas da mangueira para avaliar as “criação”, e o leiloeiro ficava dentro da mangueira à uma distância razoável dos garrotes e ia repetindo os lances. Para esquentar e dar coragem alguém abria uma garrafa de conhaque São João da Barra e ia tentando entusiasmar os “dinherudos” que podiam arrematar algumas cabeças ou mesmo um “lotinho”. Um dos arrematantes sempre presente era o Vicente da Nhá Cota, um dos mais “carçudo” em matéria de dinheiro e o festeiro mandava o “samiadô” de bebida “tacá” conhaque no Vicente. Numa certa altura ele percebendo que queriam “deixá ele bêbido pá morde de abrí a argibêra se virô p’o o bebideiro e falô: Óia, a partir de agora nós semo sócio. O que eu arrematá você tem que pagá a metade”. O bebideiro caiu fora rapidinho percebendo a esperteza do Vicente da Nhá Cota.

2.2 O Boi de Cesto

Nos carnavais de Salto de Pirapora uma figura muito conhecida na época, o Pinhé, fazia um boi de cesto junto c’o Chico Branco, que cuidava e morava na Caixa d’água, atual Sabesp. O corpo do boi era feito de taquara trançada e colocados uma cabeça e um rabo de boi. Num espaço no meio da armação o Pinhé entrava e saía carregando o boi de cesto. O cortejo de curiosos que sabiam da brincadeira acompanhavam o boi até a praça em frente à Matriz e o boi saía correndo atrás de um passante qualquer ameaçando chifrar e berrando: Móóóóó. Cheguei a ver o boi entrar dentro do bar do Tônico da Mulatinha atrás de um gaiato que fazia “fusquinha” provocando o boi. Isso lá pelos idos dos anos 60. Na minha época já na década de 80 revivi a brincadeira do boi de cesto e o “boi” era o Paulinho Mixirica, forte o bastante para carregar a armação, louco por uma farra, com a cara pintada. O Paulinho adorava se vestir de mulher no carnaval. Então pintar a cara para êle era um verdadeiro deleite. Só que chegava uma hora, de tanto correr e tomando umas para animar não aguentava mais e passou o boi para o Balaio que também já estava bem “artete”. A molecada para provocar puxava o rabo do boi e o Balaio mole de cachaça: Num puxe o meu rabo, móóóóó.

2.3 As quermesses da Festa de São João

Minha mãe Dona Malvina contava que na época de tais festas ela preparava quitandas para vender na festa. As quitandas eram biscoitos de polvilho, rosquinhas doces, bolo de amendoim, cocada em

calda e outras delícias. Tinha o leilão de prendas em frente à igreja. As prendas poderiam ser desde uma réstia de cebola, um frango assado, um delicioso cuscuz de sardinha (me deu água na boca só de lembrar), um frango vivo ou assado, um leitão, um bolo de milho verde e por aí afora. Tinha a banda tocando “uns dobrado e umas vársa”. Mandavam fazer uma “cadeia” de bambu para prender as pessoas. Escolhia umas moças bonitas que pegavam os homens pelo braço e levavam “preso”. Fechava a porta da cadeia e só saía se pagasse a fiança. Eu consegui numa das festas reviver e recriar essas lembranças, que só conheci pelo relato da Mamãe. Infelizmente não pudemos levar a festa até o final por causa das minhas brigas com o Padre Francisco. Eu queria terminar a festa, fazer um balancete apurando o lucro, separar uma parte para fazer um baile e repassar o restante para a Igreja mas, antes disso o padre exigiu o repasse total e imediato da arrecadação.

2.4 Baile de sanfona na casa do Chico Branco

O Chico Branco, aquele do boi de cesto, tio do Merquides, do Dito Fisga e da Cacirdona era o responsável por tomar conta da Caixa d'água, atual Sabesp e gostava de fazer bailes na sala da sua casa. Chamava um sanfoneiro, tirava “os trem” da sala para “abrir espaço” e a coisa esquentava. Eu, na flor dos meus dezoito anos mais ou menos, tava paquerando a filha da Cacirdona, irmã do Fião. Prá facilitar as coisas tirei a Cacirdona prá dançar e ela, dona de portentosa bunda, dançava muito bem. Eu rodopiei a sala com ela mas não resisti quando vi uma fila de garotos enfileirados na parede, uns cinco ou seis só assistindo. Dei uma embalada no ritmo da música e no começo da fila, dei uma virada brusca, e a bunda da Cacilda fez um “strike” na molecada. “Disgrudô” todo mundo da parede. Alguém se vingou de mim e foi no meu fusca vermelho encostado lá fora e fizeram um “U” nas placas entortando o quanto deu as abas das chapas. Outros bailes famosos na época foram os do “Macuco” e parece que o Áureo da Bertília (eram um casal na época) também fazia bailes mas nesses eu nunca fui.

2.5 O Clubinho no centro

Mais ou menos onde está hoje a loja de móveis Gianini, bem em frente à casa do Zé Martelo, era o nosso clubinho, um salão alugado do seu Agenor dos Santos. Criamos uma pequena associação, a SASP, Sociedade Amigos de Salto de Pirapora e começamos a fazer bailes que marcaram época na região. Nossa turma: Nazário Caetano, a família toda do Romãozinho, o Eli do Girso, a garotada do seu Olézio, Naile e Sid do João Friage, Sidney Estofadinho (eu apelidei) do Aristide Farrapo, Zé Carlinho do Moacir Padêro, Galo, Mirinho e Cláudio da Ditinha do Mirão, Paulinho e Nenê do Paulo Padeiro, a Jurema e a Lúcia do Seu Antonio Padeiro e da dona Aparecida, o Lino Castellani, Miguel do Paco, Miguel e Seme Hadadd, Levi Seabra, filho do Seu Gênio do Armazém da fonte, Maria Helena e Miguel Mandu, a Ditona e a Preta, irmã do Zé Cadela pai, que moravam no Matarazzo, a Sida e a Nice do João Leandro, a Tereza japonesa, a Mérça do Calico, a Sirley do Dito Coelho, irmã do Zé Carlão, a Noemia do Neguito, neta de dona Virgulina e outros tantos. Um grande entusiasta e com boas idéias para os bailes era o Nilson do Feliciano e da Dona Ordália, que eram donos do atual bar do Cochinha. Depois o Tônico da Mulatinha, irmão do Feliciano comprou esse bar que também foi do Romãozinho, tocado pelo Renê e pelo Tide.. A Marlene fazia inesquecíveis pasteizinhos de carne que quando a gente mordida escorria um caldinho de tomate pelo canto da boca. Irresistíveis. Isto em meados dos anos 70/80.

Na época contratamos os conjuntos Kingstones e Flippers de Sorocaba. No primeiro o guitarrista era o Zé Carlos Benedetti, eterno engenheiro da Prefeitura. Os bailes ficaram famosos em toda a

região e os carros estacionados chegavam a tomar a rua inteira do centro. Uma proeza e tanto para a época, pois pouca gente tinha carro próprio. De Pilar vinham o Zé Maria e o Tucha do Genésio da farmácia, o Véia, o Neto, o Ademar Proença, o Nézinho que tomava conhaque e comia chocolate junto. De Sorocaba vinha o Edson “Pinta”. De Sarapuí vinha a Neusa Holtz, com um bando de sobrinhas bonitas, entre elas a Vera Holtz, atriz global que curtiu muito os nossos bailes. Pelo menos uma vez trouxemos também para tocar o Supersom TA e o Biriba Boys do Cigo Benedetti (irmão do Walter Benedetti) muito famoso de São José dos Campos que depois mudou o nome para Tropical Quintet.

2.6 O bando de anús

Para quem não conhece os anús (pus acento para não haver confusão com o homônimo famoso) são pássaros pretos que vivem em volta dos taquarais ou nas tiguerras (soqueiras na região de Cândido Mota) de milho. Adoram fazer ninhos e algazarra nos taquarais. A nossa turma de Salto de Pirapora, que normalmente alugava a Kombi do Aristide Farrapo, ou do Elia Gêlo para ir aos bailes da região auto apelidou-se de “bando de anú” porquê normalmente vestíamos ternos pretos e andávamos em bando, fazendo algazarra.

2.7 O baile da lama em Piedade

Fomos num baile em Piedade, no clube da Praça, o PFC (Piedade Futebol Club) , e na volta com uma chuva torrencial, vindo pela estrada de terra do bairro dos Leites a Kombi encalhou no meio do barreiro numa daquelas subidonas, lisas que nem um sabão. A Kombi empacou, o motorista acelerava e ela “saía de banda”, ameaçando ir prô barranco. O motorista pediu prá todo mundo descer e empurrar. Foi um tal de arrancar as fantasias de anú, formar aquele bando de homens de cuecas, camisas brancas de mangas compridas e alguns de gravata ainda. Pena que não havia celular para registrar a cena. Virou um bando de nús. Hoje seriam nudes.

2.8 O baile do pijama do Seme em Araçoiaba

Outra viagem de Kombi para Araçoiaba. No início os bailes eram num clubinho bem no centro, na praça da Igreja matriz. Um salão com janelões baixos por onde a gente pulava quando saía briga no salão e alguns caras de pau pulavam mesmo para entrar sem pagar. O Seme Hadadd, filho do Zé Turco e da Jovita, tinha comprado um pijama novo, daqueles antigos, listrados de mangas e pernas compridas, típicos dos que só se usavam quando se internava num hospital. Lá pelas três da madrugada, o baile roncando o Seme vai para a Kombi, veste o seu pijama, estalando de novo, e bota o cabeção na janela no intervalo da seleção musical gritando: “Ei turma, vam´bora que eu tô cum sono: quero dormi”. Na verdade ele queria era exibir o pijama novo. Tempos depois o clube mudou para o local do antigo cinema, na mesma praça, uns cem metros abaixo na direção do lago. Acontece que o cinema, para permitir uma visão melhor da tela, era em desnível, ou como se dizia: o salão tinha “discaída”. Dançando ladeira abaixo era uma maravilha mas ladeira acima era uma dureza.

2.9 Os bailes da região

Nós, os jovens “baileiros” de Salto de Pirapora sempre gostávamos de ir aos bailes de Pilar do Sul, apesar da eterna rivalidade das duas cidades vizinhas. Mas, conosco era diferente: nunca arrumamos brigas, éramos bem recebidos e os recebíamos bem em Salto, nos nossos bailes. Fizemos lá grandes amigos como Zé Maria e Tucha, João Marcolino, o Nézinho (viria a ser cunhado do Júnior da Shirle) que infelizmente morreu novo de tanto beber, o Véia dentista, que morreu velho mas bebendo bastante, e tantos outros. Havia um costume em Pilar do Sul de interromper o baile no meio e fazer um leilão para arrecadar fundos. Num desses bailes estávamos eu, Miguel do Paco (Miguérzinho Espanhór), Miguel e Seme Hadadd, Zé do Lico, Lino Castellani, Galo (Celso irmão do Zé Quito), Mirinho e outros tantos levados provavelmente na Kombi do Elía Gêlo, ou do Aristide Farrapo ou do Arcide ou ainda a do Nezinho barbeiro. No meio do baile começou o leilão e a certa altura foi leiloado um cuscuz. Prá quem não conhece é feito num cuscuzeiro com massa de farinha de milho com sardinha e ovos cozidos. Quando desenformado e colocado num prato de “ponta cabeça” ficavam aparecendo os ovos cozidos cortados em rodela destacando o branco e amarelo por fora e as sardinhas enfileiradas inteiras. O leilão estava fraco de interessados e o leiloeiro, muito esperto, resolveu provocar: “20 cruzêro no cuscuiz e a turma do Sarto num cóme cuscuiz”. O Miguel Espanhol já se sentiu provocado: “30 conto e a turma do Sarto vai cumê cuscuiz sim. O pilarense: 40 miréis e ôceis num come. O Miguér: 100 conto e nós cóme”. Não teve jeito e veio o cuscuz prá nossa mesa feito um troféu. Todo mundo já bem “artete” (bebuns) e naquela altura do campeonato ninguém tinha vontade de comer cuscuz. Um foi lá, tirou um pedaço de ovo, outro uma lasca de sardinha e por aí foi até o cuscuz virar uma verdadeira cratera lunar esburacada. O Miguel Ortiz, muito “beudo” olhou para o cuscuz: Essa bosta me custou cem conto. Botou a mão por baixo do prato e jogou prá cima. Não é que prato e cuscuz deram uma pirueta no ar e voltaram na mesa na mesma posição original??????? Coisa de bêbado mesmo. Num outro baile em Pilar do Sul mesmo, fizeram um leilão de um bezerro, que foi trazido pro salão arrastado pelas orelhas. Assim que adentrou o salão o bezerrinho, assustado e medroso, deu uma “cursada” daquelas do tipo “riscá campo de futebol com cár. Espalhou merda pô salão intêro”. Foi uma correria de gente procurando sacos de estopa para limpar a sujeira. E o baile continuou. Com cheiro de mangueira. Também frequentamos muitos outros bailes na região: Recreativo e Sorocaba Clube, ainda no tradicional clube da Praça Coronel Fernando Prestes no centro. Houve uma época que o Recreativo foi comandado pelo Pedrinho Salomão que fez grandes bailes e com decoração do Alcides Guimarães. Grandes conjuntos de baile se apresentaram por ali: Super Som TA, Orquestra de Tupã, Biriba Boys e Modern Tropical Quintet e o Casino de Sevilla, que na época estava no seu melhor esplendor.

2.10 A sacaria do Aristides

O *Aristide*, da grande família dos Mandu: João Mandu, violeiro e compositor, Antonho Mandu, violeiro e mariano da Igreja Católica, Zequinha Mandu etc etc montou uma sacaria, uma pequena empresa praticamente de fundo de quintal, que funcionava nos fundos do Armazém do Zé do Santo. O Aristides comprava sacaria de papel usada, mandava desmanchar os sacos, virava-os do avesso e carimbava com o novo nome, Ou seja, faziam uma reciclagem. Ali trabalhavam o Orlandinho do Lúta, o Waldemar, o Flavinho, o Lagartinho e outros. Todos craques de bola. O Waldemar chegou a se profissionalizar no São Bento de Sorocaba mas não deslanchou apesar de ser um cracaço de bola. O Aristides era corinthiano roxo, fanático mesmo e essa molecada toda mostrava simpatia ao

Corinthians por questão de sobrevivência na firma. Um dia o Aristides prometeu aos moleques, todos simples e de origem humilde que os levaria para ver um jogo do Corinthians no “Paicaimbu” em São Paulo. Promessa feita, promessa cumprida. Lotou sua Kombi sacarieira e partiu para São Paulo, via Raposo Tavares pois ainda nem existia a Castelo Branco. No alto da Serra entre São Roque e Cotia havia o Restaurante do Alto da Serra. Ali serviam um comercial famoso pela fartura. Nada de PF o malfadado prato feito. O Aristides desembarcou os meninos, que foram com muita vergonha e com o melhor de suas roupas simples para a mesa de jantar. O Aristides na cabeceira comandando o festim. Primeiro foi servida a sopa naquelas terrinas fundas, fumegando de quente, acompanhada de pão à vontade. O Flavinho, pediu para encher o prato fundo por umas 3 vezes. Estava acostumado (como todos nós) ao fato de que quando havia sopa em casa era sopa e mais nada. “Bateu” as três pratadas acompanhadas de vários “filãozinho”. Novidade também para os garotos acostumados ao pão sovado ou o filão grande, cortado pela mãe na barriga com a faca de serra. Acabou de tomar a sua sopa, cruzou os braços e ficou ali comportadinho esperando e achando que a janta já tinha acabado. Começaram a servir o jantar propriamente dito: pequenas tigelas de feijão, arroz, batatas fritas, fígado de boi, batata doce, carne ensopada, macarrão com carne moída e outros que tais. O pessoal comendo e o Flavinho quietinho de braços cruzados. O chefe ordenou: Coma Flavinho, tire arroz, tire feijão, carne, batatas. E o Flavinho: “Deus que azúde seu Alistide, tô sastifeito”.

2.11 O Time dos Paradinho

Com a fama do time dos Parados, a ser contada adiante, surgiu o time juvenil com o nome de Paradinhos. O treinador era seu Dito Coelho, pai da Cirley e do Zé Carlão. Ali brilhavam os mesmos craques da Sacaria do Aristides: Waldemar, Orlandinho (tio do Waldemar), Lagarto, Flavinho, Rodeirinho, Jaime Vigorelli (tinha esse apelido porquê parecia uma máquina de costura nos dribles). Entrei para os treinos no time e logo fui adotado pelo Flavinho, que adorava “amaciar uma bola no peito” no meio de campo, arredondava e gritava: Corre Carlinho: lançamento perfeito, por cobertura por cima dos beques e eu disparando lá no corner direito: era ponta direita. Aí dominava e tinha que enfrentar os beques-cavalos Dorfão e Zitão. Num desses treinos eu cheguei antes e fiquei brincando ali pelo campo, “petecendo bola e escabeceando no gol”. Minha mãe fez prá mim um bibi. Era um boné tipo militar com um bico na frente e outro atrás. O Nambu (o pai, Mizael) que adorava judiar dos mais novos arrancou meu bibi da cabeça com um tapa e encheu de areia. Segurei prá não chorar. Iria pegar mal. Começou o treino. No time adversário Nambu no gol, Gastão (Dorfão) e Zitão a dupla de beques trogloditas. O Zitão não era cavalo que nem o Dorfão mas duro de passar por ele por ser alto. E o Nambu me provocando do gol: bostinha, boné de viado, “fiinho da mamãe”. Lá pela metade do primeiro tempo, Flavinho mata a bola no peito, amortece e lança. Eu sozinho na ponta direita, vim fechando para o gol. Primeiro veio o Zitão, dei um corte prá direita e deixei comendo poeira. Na sequência vem o Dorfão com aquele pé de foice, roçando vento perna e o que mais viesse pela frente. Na mesma sequência do primeiro corte, dei o segundo prá esquerda e saí, frente a frente com o Nambu. Eu com aquela sede de vingança. O Nambu veio e se jogou na minha frente para abafar a jogada e tentando me derrubar com bola e tudo. Na maldade mesmo. Dei um toque na bola por baixo do barrigão e a bola foi caminhando lentamente para o fundo das redes. E eu caindo por cima do Nambu. Quando me dei conta de que estava por cima dele, o cotovelo a 5 cm daquela cabeça de bola de capotão não resisti, ergui o cotovelo mais alguns centímetros e desci com tudo. Senti a cabeça dele “pururucar” contra o chão seco do campo do Bumbo, atrás da antiga Prefeitura. Foi o tempo de bater, levantar e.....

correr. Prá não apanhar. O bicho bufava. Mas nunca senti um gosto de vingança tão saboroso. Tive que correr dele naquele dia e em muitos outros mais, pois o danado virou juiz de menores e ia no clubinho onde eu comandava os bailes e eu tinha que aturar a “metideza” dele. Exigia entrada e cerveja de graça para ele e ainda tinha o topete de levar puxa sacos agregados para beber de graça. Ainda xingava a molecada que me ajudava no bar do clubinho. Depois passou, viramos amigos e tudo foi esquecido. Hoje sei que luta muito com a saúde e desejo que leve a melhor. Aquilo tudo ficou no passado mas fez parte do folclore da minha vida.

2.12 As festas de Primeiro de Maio do Seu Olézio

Olézio dos Santos trabalhava na Coletoria de Impostos, órgão estadual. Casado com a Dona Zuza, pessoa muito simpática e hospitaleira. O casal gostava de receber pessoas em sua casa mesmo antes de construir a grande residência da Rua Vicente Ferreira dos Santos, onde é hoje o Ciretran. Tinham uma penca de filhos: o Paulo, o Tomáz, o Antonio Marcos e o Pedro Geraldo, e as meninas Ana, Tarsila e Sílvia. Naquela época que poucas casas tinham TV era uma festa assistir um jogo na casa do “Seu Lézio”. Dona Zuza estourava grandes baciadas de pipoca, por repetidas vezes e aquilo se tornava um programa muito legal: assistir os jogos na TV, comendo pipoca e sentado num sofá, coisa rara nas nossas casas. Outra característica da casa era uma mesa redonda com uma roda menor no centro, que girava sobre o próprio eixo, levando os pratos para a outra ponta da mesa com um mínimo de esforço. O Olézio sempre foi polêmico, mas estava sempre brigando do lado dos fracos. Uma vez fez um discurso veemente nas arquibancadas do campo dos Parados. Num chute mais forte a bola do jogo foi parar no quintal do João da Nhá Cota e este não queria devolver devido à velha rinha futebolística e política: Bumbo versus Parados, turma do João Guimarães contra a turma do Genor do Santo. Depois do discurso contra a arrogância bumbense a bola foi devolvida depois de vaias e no final aplausos. Só tinha aquela bola para continuar o jogo.

Muito bem: Seu Olézio organizou uma festa de Primeiro de Maio inédita na cidade e que se tornou depois uma tradição e marcou época entre os poucos eventos da cidade. Convidou várias empresas para que montassem suas equipes para disputar diversas provas: campeonatos de cabo de guerra, de truco, de futebol, gincanas e no final um desfile começando no largo da Fonte e passando pela praça da Matriz, onde se instalou um palanque para as autoridades, os organizadores e as Rainhas de cada equipe. Assim, o Matarazzo, a Incalesa, a Cosipa, o comércio, o setor rural montaram suas equipes para disputar as diversas provas e somando-se os pontos chegava-se ao campeão. Tinha também a princesa de cada equipe que ao vencer o certame também somava pontos. Vencia quem vendia mais votos. Eu participei pela Matarazzo e venci uma gincana que tinha baliza de estacionamento, acertar uma bola no gol e outras dificuldades. Minha parceira foi a Maria Helena do João Mandú. No cabo de guerra o Matarazzo tinha o Lazão, o Gustão de Moraes, o Curingão e o Gentirlão da PonteArta, o peso pesado de cerca de 140 quilos que ficava na ponta da corda. O Curingão até hoje mostra com orgulho a medalha que ganhou junto com a sua equipe. Quem também participou, pelo comércio foi o Joel Haddad e o Jobão, um touro de forte, fiel funcionário da turcada por muitas décadas. As que disputaram como Rainhas foram a Elizeth do Genorzinho, a Nice do Correio, a Cirley do Matarazzo, a Noêmia do Neguito, a Celinha e a Regina Mascarenhas, lindíssimas e que vinham de Sorocaba especialmente para competir pelo setor Rural. O Genorzinho, pedreiro e construtor de cortiços se gabava de “ter gastado 5 mil na reforma da fia” prá participar do concurso.

2.13 A turma do “Matarazzio”

O caminhão *pau de arara* que levava os trabalhadores de Salto para a fábrica Cimimar, mais conhecida como Matarazzo, ou *Matarazzio* pro Gustão, pai da Zilda e da Maura que falava de boca cheia: “Eu trabaio no Matarazzio”. Esse caminhão era chamado de pau de arara, talvez numa referência aos paus de arara que traziam nordestinos para São Paulo em busca de trabalho. Era um caminhão de carroceria toda fechada de zinco, inclusive no teto, com uma cortina de encerado na frente para amenizar a poeira na seca e o vento frio no inverno. Atrás tinha uma escada de ferro para facilitar o acesso e na carroceria dois bancos laterais. Eu trabalhava no escritório em horário diferenciado dos operários da fábrica, do forno e outros setores. A turma que fazia parte no horário das 7.30 hs: Jorge Faustino, Antonio Brandini, Toninho Amâncio, Lazinho da Lina da Mulatinha, Laerte, Ditinho Brandini, Ditão do Arcidão, Zé Bode e eu também. Seu Jorge Faustino era um mitômano compulsivo, ou seja viciado numa mentira. Mas as suas mentiras eram floreadas, cheias de charme e o fazia com uma seriedade tão grande que a gente tinha receio de duvidar ou dar risada. Incluía datas e endereços. Por exemplo: “Sabe? (usava muito essa expressão) No ano de 1958 no Rio de Janeiro na Rua Alice número 254 existia um rendez-vous (o popular puteiro) muito chique com lindas mulheres de alta classe onde eu sempre frequentava.” E ia por aí fora citando nomes e detalhes criados na sua fértil imaginação. Contou uma vez, com grande seriedade e circunspeção que foi pescar num rio muito largo e preparou como isca um belo pedaço de carne. Pescaria de linhada. Virou a linhada em volta do corpo por várias vezes e arremessou com tanta força, mas tanta força que não viu a isca cair dentro do rio. Ficou na espera: de repente começou a puxar forte e pesado. Linhada comprida: mais de 50 metros. Foi puxando, puxando, cada vez mais pesado até que trouxe a presa até a beirada do rio. Qual a surpresa quando viu que tinha fispado um. cachorro do mato. A força do lançamento foi tão grande que a linhada atravessou o rio caindo bem em frente ao tal cachorro do mato. “Durma c’uma buia dessas”. E desse risada ou tirasse sarro. Ele repetia toda a história com provas e argumentos mais contundentes ainda. Melhor ficar quieto e engolir em seco. Robatão, encarregado da Mecânica. Sério e circunspecto raramente deixava escapar um sorriso contido, disfarçadinho de lado, ouvindo as “proezas” do Seu Jorge. Luiz Pereira, o Luizinho, era o chefe do escritório e viajava na cabine do pau de arara, junto com a Cirley, funcionária do Posto de Abastecimento. Viajar na cabine era lugar de status na hierarquia Matarazziana. Eu pude viajar ali quando substituí o Luiz Pereira que após quase vinte anos de empresa, foi obrigado pelo Escritório Central em São Paulo (hoje Prefeitura Municipal, no viaduto Anhangabaú) a entrar em férias e eu, o mais novo de idade e de empresa fui encarregado pelo Diretor Engenheiro Wilmos Istvan Toth (o chefe geral) a “tirar férias” do Luizinho, que vinha se recusando a “sair” de férias para não largar o osso do comando do escritório. Tinha mais ciúme do cargo do que da mulher.

O Chiquito Rosa (pai do Mamute e do Chiquitão), o Querubim (nome de anjo, filho do Zé Fredão e irmão da Joilda e do Joelmir) e a Cirley eram funcionários do Posto de Abastecimento, uma espécie de armazém que revendia produtos da própria Matarazzo: sabão em pó, óleo de cozinha, açúcar Amália produzido na fazenda do mesmo nome, bolachas, macarrão etc da marca Petybon e uma infinidade de produtos da própria empresa. Esses produtos só eram vendidos aos funcionários para desconto em folha de pagamento, e isso gerava uma verdadeira caçada dos mesmos por pessoas de Salto que queriam os produtos de qualidade da empresa, não encontrados no comércio local (vendas do Zé do Santo, Zé Turco, Eugenio Seabra). Naquela época não havia supermercados na cidade. Ditinho Brandini, que trabalhava com Custos, franzininho e que num jogo de futebol no campo dos Parados em que atuava como juiz de futebol levou um tapa na orelha do Balaio. Com medo de apanhar mais, o Ditinho se jogou no chão com a mão na orelha, chorando que nem criança. Cena

hilária que eu assisti ao vivo da arquibancada.

Lazinho, casado com a Lina da Dona Mulatinha, e o Agenor Teixeira (pai do Joninha) eram os encarregados de tirar Notas Fiscais. Estas notas eram datilografadas e passadas para um rolo de gelatina e depois copiadas num livro enorme de difícil manuseio (no chute: de 80 x 40 cm.). Usava-se no processo um carbono roxo, chamado copiativo, específico para copiadoras de gelatina, que deixava as mãos todas pintadas de quem as manuseava. Se levava a mão no rosto, a cara ficava toda roxa.

Laerte, responsável pela folha de pagamentos, único filho da Dona Zica e de pai incógnito, criado pela mesma “com todo o leite” como dizia o meu pai, comparando filhos mimados com bezerros de vacas das quais não se tirava o leite e ficava tudo para a cria. Ou seja o Laerte tinha todas as regalias que a gente invejava. Ganhou da mãe uma bela casa no centro e uma das poucas com televisão aonde íamos em bando assistir jogos de futebol e tomar cerveja. O Laerte era meu chefe, bebia muito e tinha uns repentes de mau humor quando ficava dias sem falar com ninguém. Um dia, não sei porquê cargas d’água me passou uma rasteira dentro do pau de arara, todo sujo de lama. Caí de costas e tive que trabalhar com barro da cabeça ao calcanhar. Não tinha como me trocar. Numa das vezes que fomos ver jogo televisionado (um luxo) na casa dele tava o Zé do Lico. Era quem levava correspondência para o escritório central na capital. O Zé tinha tomado várias e dormiu no sofá durante o jogo. Nisso entra uma propaganda da caninha “Yaúca”, quem se lembra?. O Zé do Lico acordou assustado: Quem que é esse tar de Iaiúca que entrô no time do Parmêra???? Outros que não viajavam no nosso pau de arara e que merecem ser lembrados Dorfo Bode, encarregado da pedreira Dolomita. Pai do Dorfinho, Rosalvo etc. etc. etc. Rodolfo foi vereador nos tempos do Izidorinho, Bertinho Marcelo e outros (época pré Dito Pão). Eu era secretário da Câmara e redigia as atas: quietinho num canto, só fazendo anotações e sem direito a dar um pio e muito menos uma risadinha. Nisso começa uma discussão entre o Dorfo Bode e o Izidorinho. Este um homem de baixa estatura mas bem brabinho e fanático por politicagem. Como diria meu pai Pedro Orive: por ser pequeno a brabeza num tinha prá onde ir e ficava concentrada. Já tinha havido discussão numa sessão anterior e ocorreu a seguinte pérola de diálogo. Rodolfo: Na última sessão Vossa Incelência me chamô de burro!!!!!! Izidorinho: Eu num chamei Vossa Incelência de burro não!!!!!! Rodolfo: Vossa incelência chamô *minha* Incelência de burro sim!!!!!! Só *se rindo*, mas o secretário tinha que ficar de boquinha fechada. Figura constante no pau de arara era o Calixtro, marido da Dona Leonor, pai do Dirceu Sebo, do Dineu Lindóia e da Dircéia do Robatão. O Calixtro era um “hóme brabo”, sempre de cara feia, vestido no estilo boiadeiro e com um indefectível “paiêro” fedidíssimo no canto da boca. Além de tudo estava sempre acompanhado de um cachorro fedorento e mau humorado que gostava de cheirar todo mundo. O Calixtro, como pai do Dirceu Sebo, que era chefe da Vigilância, puxa saco de plantão do Baroni (gerente administrativo) tinha direito a se utilizar do pau de arara quando bem entendesse mesmo sem ser funcionário e ainda por cima abusava dessa posição hierárquica, digamos assim de natureza “puxa-saquista”, por parte do filho Dirceu. Um belo dia o cãozarrão foi cheirar o André, que depois trabalhou na Prefeitura, e este ameaçou chutar o cachorro. O Calixtro enfezou: Porquê tá chutando o meu cachorro. E o André, bem enfezadinho também, devolveu na lata: “Se cherá eu de novo eu chuto o cachorro e chuto o dono tamém”. Foi a primeira pessoa que vi desafiar o Calixtro. E era um garoto, “de menor” ainda. Na minha vida formei vários garotos, ensinando tudo que sabia inclusive o “pulo do gato”. Na Matarazzo, pedi um auxiliar para o departamento pessoal que comandava sozinho, substituindo o João Machado e o Dineu. Escolhi o Zé Carlinhos, menor de idade que entrou como aprendiz na oficina mecânica mas, que naquele momento fazia valetas no campo de futebol, talvez pela falta de paciência dos mais velhos em lhe ensinar mecânica. Ele veio de macacão, sujo de terra, conversar comigo na janelinha do departamento pessoal e pediu para voltar depois do almoço, de banho tomado e de roupas

condignas para entrar no escritório. Como ele tinha feito curso de Datilografia, dei-lhe um método e fiz lembrar a prática da máquina de escrever por uma semana seguida. O dia inteiro batucando na máquina mas quando terminou o treino estava um craque, quase tão bom quanto o mestre que aliás digita até hoje sem olhar para o teclado. Fui então passando todo o serviço para ele que, com muita vontade de trabalhar no escritório e ele e a família orgulhosos pela nova função, aprendeu rápido e quando resolvi deixar a empresa ele ficou no meu lugar e mesmo depois de aposentado continuou trabalhando para as firmas que sucederam a Matarazzo, que infelizmente “virou pó” pela má gestão da famosa terceira geração fazendo juz ao ditado: “Pai rico, filho nobre e neto pobre”. Um verdadeiro império de empresas iniciado pelo fundador Francisco Matarazzo que diziam ter começado vendendo banha de porco de porta em porta em Sorocaba. No auge tinham mais de 300 empresas no ramo de mineração, têxtil, celulose, produtos de limpeza, produtos alimentícios e por aí afora. Na geração de Maria Pia Matarazzo tudo foi por água abaixo, literalmente.

2.14 A política em Salto de Pirapora nessas épocas (sou péssimo em datas)

Como sempre se soube a política em Salto de Pirapora sempre foi dominada pelo Agenor Leme dos Santos, o seu Genor. Um eventual adversário foi o João Guimarães, pai do “Nirto Guimarães” que depois viria a ser um folclórico prefeito, trinta anos depois. Outros de oposição eram a turma dos Marcellos: Bertinho, Zé Carroça, João da Nhá Cota dando suporte mas nunca ameaçaram o reinado do Seu Genor, que era dono de pedreiras, da Incalesa, de grandes sítios, da Granja em frente ao asilo, o qual foi ele que fundou e construiu. Lutou pela emancipação da cidade que se tornou município e não mais um distrito de Sorocaba. Lutou também pela criação de escolas mas foi sempre o Coronelão Manda Chuva. Tinha o melhor gado da região. Chegou a comprar um nelore puro filho do folclórico “Karvati”, um reprodutor importado da Índia, que de tão famoso foi embalsamado. Pois muito bem, tivemos um reprodutor de alta linhagem em Salto de Pirapora, que infelizmente com a decadência posterior da família, foi vendido a peso para o matadouro.

Depois do domínio do Seu Genor, êle já cansado da política, da politicagem e trairices mútuas resolveu passar o bastão. Escolheu o seu sobrinho dentista Nivaldo Dias Baptista, pai do Nivaldinho mas este não tinha a política nas veias. Acabou renunciando e criando a famosa “tríplice renúncia”, fato inédito e comentado a nível nacional. Seu vice também não quis assumir e o Presidente da Câmara também abdicou do cargo. Ninguém queria pegar o abacaxi. O suplente Paulo Padeiro assumiu na vacância do renunciante, foi eleito Presidente da Câmara e assumiu o cargo de Prefeito. Foi o primeiro e único prefeito biônico de Salto de Pirapora e talvez do Brasil. Era mais conhecido pelo seu apoio ao time dos Parados mas nunca foi uma liderança e não fazia nenhuma questão de ser simpático.

Depois do Paulo Padeiro veio a era João Turco, prefeito por três vezes, alternando com Newton Guimarães e sem dar chance para o Joel Turco, que já vinha beliscando, correndo por fora. Surgiram também Paulo Marcello, filho do Pedrão Marcello da Colaso mas nunca conseguiu realizar o sonho dos Marcellos de dominar a política.

2.15 Newton Guimarães – o prefeito folclórico

O *Nirto Guimarães*, de quem já relatamos o episódio com o malfadado J. M. Marin foi sem dúvida o prefeito mais folclórico entre tantos alcaides, mestres nesse quesito e vamos relatar alguns fatos.

Filho de João Guimarães e *tinha* uma penca de filhos. O pai disputava o mando político da cidade contra o Coronelão Agenor Leme dos Santos. Numa festa de casamento na casa do Pedrão Trinta Dias, que tinha este apelido porque “fabricava” filhos em sequência encontrei com ele na entrada da casa do Pedrão, uma casa simples no bairro Bela Vista, mas de alvenaria. O Newton como bom político já foi cumprimentando todo mundo e disparou: “Vamo turma, vamo entrá no barraco”. Ainda bem que os donos da casa não ouviram. Numa cerimônia de inauguração do busto do seu pai em uma pracinha no Campo Largo, onde estava sendo aguardado para dar início ao salamaleque oficial foi logo dizendo: “Vamo turma, arranque logo a carapuça do bruto” Nessas ocasiões as estátuas são cobertas com um pano preto para ser “descerrado” na abertura da cerimônia. O sentido dubio da expressão “arrancar a carapuça” torna o fato mais hilário ainda. Em outra ocasião, num comício realizado na praça central, defronte à Matriz, foi solenemente anunciado para subir ao palanque, já com todo o séquito de “otoridades” e puxa sacos locais. Sem a maior cerimônia se dirigiu ao palanque pela parte da frente, ergueu uma perna na altura do tablado, passou o braço no guarda corpo e galgou a plataforma do palanque. Acontece que nesse contorcionismo o paletó subiu para o meio das costas e só não mostrou a bunda, porquê o paletó era bem comprido. Detalhe: o acesso ao palanque era pela parte de trás, com uma escada com quatro ou cinco degraus mas o Newton na sua simplicidade escalou pela frente mesmo exibindo as partes pudebundas para o público. Ainda bem que cobertas. Num outro comício chamou para o palco o Zelão do Piraporinha, um homem de quase 2 metros de altura que cantava e arranhava um violão tosco para se acompanhar. “E agora pá tocá umas moda pocêis o Zélão do Piraporinha”. Acontece que o palco improvisado era em cima de um caminhão, estacionado ao longo da rua, com acesso pela parte menor da carroceria e as duas guardas eram mantidas fechadas por questão de segurança. O Zélão empunhou o violão, cantou ao microfone e conforme era aplaudido, foi voltando para o fundo do palco e por educação, fazendo medidas de agradecimento de frente para o público e andando “dis costa”. Foi recuando, recuando até chegar na guarda do caminhão que batia no meio da sua canela. Sem perceber que estava no limite e, emocionado com os aplausos arrancados a fórceps, bateu com as pernas na dita grade e “capotou” para fora do caminhão com violão e tudo. Cena hilária que por sorte não lhe trouxe maiores consequências. Apenas o susto. No tradicional desfile das festas de Primeiro de Maio, organizadas pelo *Seu Olézio* havia desfile dos alunos de escola, caminhões da Ramires Diesel (Ramires Dias, na linguagem do Newton) de Sorocaba, tratores Massey Ferguson da Automec, máquinas pesadas da Cosipa e Votoran e por aí afora. O Newton como sempre empoleirado no palanque das “otoridades” tomou o microfone nas mãos e começou a narrar: “Eita turminha boa da escola, tudo de liforme azur disfilando pá nós nesse sórlão quente de rachá mamona. Brigado, brigado. Brigado tamém para Ramires Dia que mandô esses caminhão Iscanha pô nosso disfile. Brigado Artomec por mandá os extrator MasseFérco na nossa festa” E por aí foi distribuindo agradecimentos como se a festa, as homenagens e as atrações fossem somente para ele e seu séquito. Numa festa no salão do cinema do Neto, atual Banco do Brasil, o cinema já desativado e o salão livre de cadeiras e um palco no fundo, trouxeram umas mulheres quase peladas, tal o tamanho exíguo dos biquínis. Após a apresentação das moças elas ficaram zanzando no meio dos comensais que tomavam suas bebidas e comiam salgados. Um conjunto musical, talvez do Ademar Benedetti: the Princeps, grafado na bateria assim mesmo ao invés de The Princes, atacou uma música e o Newton, mesmo acompanhado da esposa Marina, tirou uma das moças para dançar. Cena hilária: ele de paletó e a moça quase pelada rebolando a bunda quase totalmente desnuda no salão. Esse era o Newton que gostava de apresentar os membros do seu *staff* assim: “Este é o João (João Beronha), meu fio que nomiei como deretor de obra. Este é o deretor da Saúde”. E ia por aí afora nomeando todos os seus *deretores*. Outra história contada pelo próprio é de quando moravam no sítio e dormiam todos os irmãos

juntos num só quarto, iluminado por uma lâmpada de querosene. Na hora de dormir havia uma disputa para ver quem apagava a lamparina “com um peido” e o Otacílio conseguiu a proeza. Mas contou o Newton que no dia seguinte a lamparina estava totalmente coberta de merda.

Esta história não tem nada a ver com o nosso mestre do folclore caipira mas vou incluir para não perder a deixa. Não sei a veracidade do fato mas, vamos a ele: Num desses comícios realizados em cima de um caminhão, programado para a noite foi puxada energia emprestada de uma casa vizinha com um pendente cheio de bocais para as respectivas lâmpadas. Ocorre que por economia de lâmpadas metade dos soquetes ficaram vazios. O candidato foi para o palco e bem debaixo do pendente, iniciou sua peroração: “Povo de Monte Belo cú da Juruáia (com o povo da Juruáia, ambas de Minas Gerais), eu quero dizê pocêis que eu quero sê inleito pá mudá o distino dessa cidade. Na minha demenestração eu quero que Monte Belo vá pô futuro, vá pô pogresso (neste momento eloquente com o dedo apontado para o alto, acertou o bocal vazio, energizado) Eu quero que Monte Belo vá pá. PUTA QUE PARIU (exclamação assustada com o choque do soquete vazio).

2.16 Bar do Feliciano e do Tônico

Onde é hoje o bar do Coxinha, era o bar do Feliciano, pai do Nilson, do Bertinho e uma penca de irmãs. O Nilson era muito criativo e anos mais tarde assumiu o bar Andorinha no centro de Sorocaba, onde está o Bamerindus e criou sanduíches espetaculares como o Illinois, que só me lembro que tinha ovo batido no meio de presunto, queijo etc et . Lançou o filé à parmegiana que ninguém conhecia na região (só existia no cardápio dos grandes restaurantes) substituindo o filé mignon pelo patinho bem mastigado naquela máquina amaciadora de bifes, específica dos açougues. Isto para tornar o preço mais acessível. Foi um sucesso. Ninguém sabia o que era um filé à parmegiana (referência à cidade de Parma). O Feliciano vendeu o bar para o irmão Romãozinho e quem tocava eram os filhos Tide e Renê. Os pasteizinhos de carne da Marlene estão na minha memória até hoje.

O bar tinha duas mesas de sinuca nos fundos onde disputamos muitas partidas valendo cerveja e bauru. Quando o João Turco chegava acabava a brincadeira. Passava a mão num taco e entrava no meio da partida (que era disputada em duplas) dava uma tacada em qualquer das bolas e estragava o jogo. Também fazia isso nas nossas partidas de ping pong e buraco no clubinho e acabava com os nossos bailinhos. Ou seja, onde chegava, relaxava e acabava com todas as brincadeiras. O Zé Bode, que sempre andou na cola do concunhado, dava suporte. Nós, mais novos, tínhamos que engolir os dois estraga prazeres. Fazer o quê???? Mas deu no que deu. Relaxaram e estragaram as nossas brincadeiras mas também relaxaram na administração da farta herança que receberam, resultando no desmantelamento de um belo patrimônio que lhes caiu no colo mas, não souberam aproveitar. Por um tempo o bar foi vendido para o Tônico, o mais novo dos filhos da Dona Mulatinha. Nesta época a Nancy e a Martinha eram meninas ainda. Quem não saía do bar era o Zé Pirulito do João da Barra. Era superstar para a Maria mulher do Tônico. O Pirulito tinha desavenças parentescas com o Joel Turco e um dia se pegaram no tapa dentro do bar. Sobrou para o João Friage (pai do Naile, Sidnei, Gilsinho, etc etc.) que levou um copinho na orelha e depois perguntava aos dois brigões: Foi você que deu um tapa na minha orelha Zé? Eu não, ele respondia. Ia para o outro: foi você Joér? Eu não. Ficou sem saber de onde tinha vindo o “telefone”, como era chamado o “tapão no pé do ovído”.

2.17 O restaurante do Otelu Castellani

Esse foi dos meus tempos de moleque e poucos conheceram. Ficava abaixo da padaria do Paulo Padeiro. Seu Otello era o pai do Lino Castellani e do Telinho. Montaram um restaurante, servindo sopa de entrada e depois o comercial completo: arroz feijão, bife, batatinhas, batata doce etc. etc. Uma “chiqueza” para a época. Seu Otelo colocou uma TV em preto e branco com papel colorido na frente para dar a ilusão de TV a cores e só podia entrar no salão anexo para assistir televisão quem consumisse alguma coisa no bar. Me lembro do Vitor Hage, filho do Ged e da dona Sufia, entrando no salão virando uma garrafa de soda limonada, no “bico” para demonstrar que estava consumindo e tinha direito à TV. Figura folclórica e onipresente no restaurante era o DIDI, filho do Nhonhô (Etelvino) de Góes e da dona Virgulina. Como morava em Sorocaba ia almoçar no seu Otelo. Pedia só uma sopinha e filava umas misturas dos amigos que ali almoçavam.

2.18 O bar da Ditinha do Paulino.

Este ficava onde está hoje o Alk. Tinha umas mesas nos fundos para jogo de truco e cacheta. Era frequentado pelo Antonho Ribêro, Flavião do Chiquinho Ramo, João Turco, Messias, moleque ainda aprendendo as traquinagens do baralho no qual se tornou mestre com as lições do super mestre Antonho Ribêro. Tinha também o Ney do Araldo e da dona Norma do cartório, viciadíssimo num baralho e outros tantos jogos de azar. Nós, a molecada: eu, Nazário Caetano, Renê, Tide, Zé do Lico, Zé Carlinhos do Moacir Padeiro sofriamos na unha do Nhô Dena e do Getúlio do Praxedes, sempre de fogo e nos intimidando. Numa dessas encenanças o Nazirinho resolveu encarar os dois. Eu, que já vinha saturado daqueles dois estraga prazeres, quando vi o Getúlio de costas para mim, sem pensar e no impulso meti-lhe um chute pelo vão das pernas, achando que na confusão ele não iria saber quem era. Mas ele identificou o agressor na hora, e saiu correndo atrás de mim. Entrei por trás do balcão onde descobri que o mesmo não tinha saída. Não tive dúvidas. Subi na pia e saltei por cima da mureta para ganhar a rua e ir para casa e ficar bem quietinho, enfiado. E o medo de apanhar daqueles dois cavalos????? Fiquei sumido da pracinha e dos botecos por mais de uma semana. No correr da vida o conhecido “Nhô Dena” morreu tristemente em um acidente de automóvel no caminho da Ilha Comprida.

2.19 Zé Antonio e amigos importados

Neste tópico vamos abordar amigos que frequentavam a nossa Salto de Pirapora mas que não eram moradores da city. Vinham por intermédio de amigos, acabavam gostando e se enturmando, não raro arrumando namoradinhas e passavam a integrar o nosso pequeno círculo social, curtindo o clubinho, as rodinhas de “fazer hora” jogando conversa fora altas horas da noite, depois da volta do ônibus dos estudantes que chegava por volta de 11.45 hs. Não raro nos juntávamos ao lado da casa do seu Agenor, um pequeno pedaço de rua sem saída, alguém ligava o rádio do fusca na Rádio Mundial do Rio de Janeiro, que só pegava a noite e curtíamos o “Big Boy”, um locutor muito doido e muito animado que abria com o bordão: “Hello Crazy people, Big Boy pela Rádio Mundial AM 860 Rio de Janeiro falando para o mundo.” e outras tiradas geniais como “Aqui fala Big Boy apresentando a Mundial é show musical e o programa Ritmos de boate” e desfilava músicas fantásticas que só ali conseguíamos ouvir. Detalhe, era AM e não FM. A turma onipresente: Sidney e Naile, Miguel Mandu, Nenê e Paulinho da padaria, Lupércio (Nilson Fernandes) Chacrinha ou Zug ou Vermelho, Verme para a turma da faculdade de Estatística, que era o Toninho filho da

dona Rosa e do Lily, donos do bar que havia sido do Chico Celim, bem no centro, de frente para o atual ponto de táxi, Carlos Alberto do Zézinho Circuito, Sidney do Aristides que tinha uma Kombi táxi, Paulo e Tomaz do seu Olézio, eu claro, e o importado Zé Antonio, que não sei quem fui que apelidou de Verinha, referência à Vera do Wilson Leiteiro, sempre muito magrinha. O Zé era amigo do Tomaz e veio pela primeira vez na casa do seu Olézio e foi gostando e foi ficando. Virou “da turma”. Morava em Sorocaba mas tinha nascido em Votuporanga onde seu pai militava na política tendo sido vereador naquela cidade.



O Zé Antonio filando uma boia na casa do Carlinhos da Marvina

O Zé sempre esteve ligado aos nossos acontecimentos sociais e sempre manteve contato comigo e com o Tomaz principalmente mesmo depois de se casar e morar em Itatiba. Hoje mora em Campinas, casou-se com a Helena, em segundas núpcias e está para se tornar o dono da cidade de Indaiatuba onde está tocando um grande empreendimento na área de loteamentos residenciais. Frequenta nossos encontros anuais, os encontros realizados anualmente pela Nice do Correio com suporte do casal Tomaz e Célia. Do Zé herdei e uso muito a expressão: “Mas eu não brinquei” principalmente quando minha mulher me pergunta se eu vou tomar banho. O Zé conta, que quando era criança, à noitinha a mãe chamava:

-Minino, vem tomá banho pá jantá. Ele na maior cara de pau:

-Mas eu não brinquei.

Ou seja, não precisaria do banho porquê não brincou. Desculpa esfarrapada que não colava com a

mamãe severa:

-Já tomá banho vagabundo.

2.20 A kombi do Seu Olézio

A Kombi do Seu Olézio virou quase uma instituição em nossa cidade. Seu Olézio que chegara como funcionário da Coletoria de Impostos, chegou à cidade com numerosa família e certamente em condições financeiras precárias pois um funcionário do Estado não tinha proventos lá muito atraentes. Mas, muito esforçado, estudou, prestou concurso para Fiscal de Rendas do Estado. Ou seja um funcionário mais graduado ganhando pela média da produção dos outros colegas, mesmo depois de aposentado. Meu irmão Delfino também foi Fiscal de Rendas e há mais de vinte anos seu salário variava entre 12 e 15.000,00 reais. Seu Olézio, além de construir uma casa enorme para acomodar a imensa prole, cuja característica marcante e inovadora para nós, era uma já citada mesa redonda com um sobre disco de madeira rotatório, com menor diâmetro, que girava sobre a base da mesa movimentando os pratos sem que se precisasse levantá-los. Adquiriu também uma Kombi, com lotação para 10 pessoas. Como trabalhava em São Roque, para onde se deslocava todos os dias, criou uma freguesia cativa, que embarcava de carona na Kombi. E ele adorava isso e já ia fazendo paradas onde sabia que alguém precisava de carona. A Maria Elisa do Dito Frango reservou-se o direito de sentar no primeiro banco, na janelinha e ai de quem ousasse querer tomar seu lugar no trono. Dava carona para estudantes, trabalhadores, policiais militares que trabalhavam em Sorocaba ou São Roque e vivia lotado. Êle dirigia cantando, rindo e conversando bastante, animadíssimo com o seu público cativo de quem nunca cobrou ou aceitou um tostão. Adorava fazer aquilo. Essa Kombi também serviu para nossos deslocamentos em bailes pela região e o motorista era o Degas aqui, que era o único que tinha habilitação. Também, os outros da turma eram todos menores de idade. Uma vez fizeram uma viagem a Santos, na casa do Magrão, cunhado do Zé Antonio. Dessa eu não participei. O Hélio do Ditinho Mandu e da Wardomira, meteu a mão no chuveiro e levou um choque 220 V que abriu a mão dele.

2.21 A kombi do Nezinho

O Nezinho era um barbeiro, que tinha um salãozinho mais ou menos onde está o escritório de corretagem da Gizele, irmã do Zeca do Fuade. Pessoa muito simples, meio envergonhado, falava pouco. Contratamos o Nezinho para nos levar para Pilar do Sul, em um daqueles bailinhos. Mas o motorista, por insegurança ou cuidado excessivo com o veículo dirigia muito devagar. No máximo 40/50 km por hora e os gozadores começaram: Mas Pilar é longe não, disse o Cláudio do Mirão. O Paulo do Olézio respondia: É longe mêmo não?. Silêncio. Outro gaiato procovocava de novo: Mas Pilar é longe não? Mas de nada adiantou. A viagem levou mais de duas horas. No caminho ainda paramos para roubar mexericas mas fomos surpreendidos com tiros para o alto.

2.22 O impala do Paulo Padeiro

O Paulo Padeiro, marido da Dona Nena, pai do Paulinho, da Elizete e do Nenê tinha um Chevrolet Impala lindo, “rabo de peixe”, conservadíssimo, carinhosamente chamado de marraconada, pois só dava as caras aos domingos. Mantinha o carro numa garagem nos fundos da casa, anexa à Padaria Nossa Senhora Aparecida. A saída da garagem era pela rua dos fundos, onde ficava a Caixa

Econômica Estadual, depois Banco do Brasil, originalmente o cinema do Neto. Os documentos ficavam guardados num bufê na cozinha, dentro de um saco vazio de pó de café São Bento (eita memória boa hein?). Na pracinha começava a operação “Rouba Impala”. O Paulinho entrava na casa e disfarçadamente afanava os documentos. Depois ia pros fundos e destravava o portão para nós entrarmos *na miúda*. O Nenê, apesar de não ter carta, era exímio motorista e tirava o Impala, quase raspando na parede do lado esquerdo. O Paulo, talvez desconfiado de alguma arte, estacionava o carro grudado na parede e saía pelo lado direito. Colávamos na parede, um na frente e outro na traseira orientando o Nenê para tirar o carrão que saía rente com a parede, quase um fio de cabelo da mesma. Operação delicada, pois não podia acelerar para não despertar a atenção lá dentro da casa. O Nenê assumia o volante e íamos *no cacete* prá Pilar ou Araçoiaba. Eu ia na frente, como motorista de plantão. O plano era: se algum comando nos parasse eu desceria *vomitando as tripa* e dizendo que estava passando mal e que o Nenê, menor de idade e sem habilitação iria me levar para o hospital. E a gente acreditava que isso funcionaria. Santa ingenuidade. Tempos depois o Nenê já habilitado deu uma carona prá minha mãe levando-a para Sorocaba. Minha mãe entregou para a Dona Nena: “Ai, que delícia, fui de carona prá Sorocaba com o seu filho: o carro parecia que ia voar”. Dona Nena, brava, pegou o Nenê de jeito: “A Dona Marvinha disse que você foi vuando pá Sorocaba, dirigindo que nem lôco”. E o Nenê me contando que minha mãe tinha entregue ele direitinho. Coitada, era apenas força de expressão, pois acho que poucas vezes na vida tinha andado num bólido daqueles.

Numa dessas *roubadas* o Jonas do Vito Moraes, morrendo de ciúmes porquê nunca era chamado a participar virou a cidade, à noite, procurando um cadeado para trancar a garagem e estragar a nossa brincadeirinha que já estava se tornando usual.

O Zé Antonio (Verinha) lembrou que o Paulo comprou um Maverick lindo também, naquela cor entre o verde e o azul, que a Elizete usava para dar infundáveis voltas pelas ruas do centro de Salto, todo domingo depois do almoço. Meu sonho de consumo quando comecei a ganhar uns bons trocados, trabalhando na região de Cascavel, no Paraná, era um carrão desses. Vim de lá com um cheque visado de uns 30 mil cruzados para comprar um Maverickão GT 1.8. E queria branco ainda. Meu irmão Crizólito tirou da minha cabeça e me empurrou um Ompala duas portas, vermelho. Usadão mas imponente. Tinha um toca fitas sem botões: tinha que virar o dial *no pino*. Uma vez saindo de Céu Azul rumo a Foz do Iguaçu, divisa com Paraguai, viagem de 150 km. mais ou menos deu um problema no trambulador e a alavanca de câmbio ficou *boba*. Tive que voltar a Céu Azul, 50 km mais ou menos, na segunda marcha, a 20 km/hora.

Queria um Maverick zero bala e me empurraram um Opala usado.

2.23 Vito Moraes

O Vito Moraes foi parte intrínseca do folclore de Salto de Pirapora. Era tio do Zé Quito, pai do João do Vito que casou com a Mileide, e do Jonas, Roberto, Ademar etc etc e bota etc nisso. Tinha uma carroça e com seu cavalo catava tudo que é tralha que achava para comprar. Já me chamaram de Vito Moraes pois adoro catar umas tranqueiras usadas nos ferros velhos também. Tudo que você procurasse usado o Vito Moraes ou tinha ou sabia onde encontrar. Homem simples, mas bom de conversa, sabia contar uns causos e com isso ganhava a simpatia de todo o mundo. Certa vez eu procurava arame farpado usado para arrumar umas cercas no sítio da Fazendinha, onde eu brincava de boiadeiro. A quem recorrer? Fui no Vito Moraes: “Carlinho, sei de um hóme lá pas banda do bairro dos Barro que dismanchô umas cerca e tem um monte de arame véio pá vende”. Botei o Vito no meu fusca e fomos atrás da mercadoria. O interessante disso tudo foi o diálogo com o

dono da mercadoria. O Vito chegou com a prosa macia de quem quer comprar e pagar barato. Logo ofereceram aquele café típico de sítio: bem fraco e bem doce, uma copada e tanto que levei meia hora enrolando prá engolir. Aí começou a prosa: Eh aí nhô Joaquim como é que tá a vida no sítio? Tem lidado c'as prantação? E o gadinho tá engordando? E os fio como é que tão, são bão poceis? Ói, nhô Vito, o Zezinho, mais véio, tá cum dizenove ano agora. Mais, pense num rapais bão. O Zezinho “num tem artura de bão”. É bão demais da conta. E o João, mais moço, é pareio de bão, é bão pareio”. E nessas conversas, intercaladas por goladas de café fraco, doce e frio a prosa ia desenrolando e o Vito levando a conversa pro lado que nos interessava: pechinchar e comprar barato.

2.24 Sorocaba: a turma do Estadão - primeira fase

Como já contei, fui estudar no Estadão em Sorocaba. O Instituto de Ensino Júlio Prestes de Albuquerque (IEJPA), na Avenida Eugenio Salerno, na mesma avenida do Seminário e da Escola Municipal. Era naquela época, por volta dos anos 60 e durante as décadas seguintes, uma instituição de peso em matéria de ensino em Sorocaba. Para entrar no Ginásio, tinha que prestar um exame de Admissão, difícilíssimo. Eu, por exemplo, bombei no exame de admissão, apesar de que tinha sofrido um corte no dedo médio da mão direita “brincando de pais” na construção do cinema do Neto. Tinha dificuldade até para escrever mas não é isso que justifica ter “levado pau” no exame seletivo. Fui para a OSE, Organização Sorocabana de Ensino, na rua da Penha perto da Padre Luiz, onde cursei a primeira série. Na segunda série pedi transferência para o Estadão, tendo dessa forma driblado o difícil exame de admissão. Nessa época estudei com o Gilson Luchesi Delgado, filho do dono da banca de jornais da praça Coronel Fernando Prestes, no centro de Sorocaba. O Gilson é hoje um oncologista de renome na cidade. Tinha também os filhos do Carlos Pinto: o César e o Carlos, que tinha um defeito na perna e eu, maldosamente, o apelidei de Manco Capac, um personagem do reino dos incas. Já praticava o bullying sem saber. Mas era de uma forma carinhosa. O Carlos Pinto era advogado do Banco do Brasil e tinha uma belíssima mansão no largo Nove de Julho, perto da Casa das Mães Solteiras e convidado para estudar com os meninos, desfrutei de grandes cafés e almoços. Na turma tinha também um cara muito engraçado, chamado Ernâni, que depois descobri ser meu primo em primeiro grau. As nossas mães, irmãs de sangue, não se davam e a mãe dele recusou seu pedido de me levar na casa deles. O Ernâni, me lembro muito bem tinha o número 18 e na chamada da aula de religião tínhamos que responder Salve Maria. Número 1, Salve Maria, número 2 Salve Maria, número 17 Salve Maria. Número 18 e o Ernâni gritou alto e bom som: “Viva São Pedro”. A classe explodiu, o Ernâni foi expulso e tomou um zero de presente. Nessa época o Estadão tinha um time de futebol de salão que ganhava todas. O nome do time era: FuraGuerraMoaReiNelBron. O goleiro era o Foramiglio, depois o Guerreiro, o Moa, filho do seu Moacir Pires de Melo (este merece um capítulo especial), e da dona Lourdes, irmão da Regina, casada com o José Maria Rosconi, da Helena, da Inês, do Pedrão e do Tadeu. Rei, era o Reinaldo, pai do Reinaldo do RPM, de quem me tornei grande amigo de tênis 40 anos depois. O Nelson e o Brondi completavam o timaço de craques. Os campeonatos na quadra do Estadão eram vibrantes tanto em matéria de bola como de espectadores e torcidas. Famoso nessa época era o Bachir, um turquinho baixinho e briguento. Todo dia ele arrumava uma briga, que era combinada para depois das aulas num campinho em formato de cuscuzeiro, no fundo do vale, mais ou menos na direção dos fundos do clube Ipanema. A gente tinha que descer um barranco, atravessar o valo e subir para o campinho. No intervalo das aulas já começava o buxixo: Vai tê briga, hoje tem briga. O Bachir chamou fulano pro pau. Contendo a expectativa

esperávamos “dar o sinal” do fim das aulas e saíamos correndo ladeira abaixo para não perder a briga.

Dos professores o mais folclórico era o Professor Eglas, de Geografia, famoso por ser irascível e perdulário na hora de dar notas. Era um tipo assim visionário. Costumava dizer que o brasileiro só pensava em futebol. Que se déssemos uma bola amarrada na ponta de uma vara o brasileiro iria chutando essa bola, atravessar o mundo sem pensar em mais nada. O Eglas tinha uma RomIsetta. Talvez o Romi seria um referência à Roma e Isetta o nome da fábrica, era um veículo para uma só pessoa, em perfeito formato de ovo, sendo que a porta abria para frente, deslocando o volante junto, tipo abertura de uma geladeira e não como a abertura de portas laterais nos veículos convencionais. Seu Eglas era tão odiado pelos alunos que, uma vez alguns se reuniram e levaram para a escola sacos de esterco de vaca e encheram o Kinder Ovo (coisa que se tornou moda mais de vinte anos depois) com: “bosta de vaca”. Contava-se que quando ele abriu a porta, que escancarava para a frente o esterco foi despejado em cima dele. Não vi e não posso provar.

Quem mandava no colégio era dona Dulce Pupo, esposa do Dr Mussi, mãe do futuro arquiteto Mussinho. Mas o diretor era o Seu Roque mas dizia a lenda que dona Dulce ao flagrar o Roque com uma funcionária na sala da Diretoria, deu um golpe branco e passou a dirigir a escola com mão de ferro, com o beneplácito do silenciado e culpado Roque. Ouvi dizer que o Roque acabou até assumindo a tal secretária, cujo nome vou declinar por motivos óbvios. Lembro-me do nome mas só revelo sob tortura. Nunca se sabe.

2.25 O Dito Frango

O Dito Frango foi daquelas figuras folclóricas que marcaram sua onipresença em quase todos os acontecimentos cotidianos de Salto de Pirapora. Tinha esse apelido por ter pernas compridas, como os frangos caipiras. E era bom prá correr. Com mais de cinquenta anos participou de um jogo de futebol no campo dos Parados e quando lançaram uma bola na ponta esquerda, ele saiu em uma “carrêra lôca” que não viu a mureta que cercava os limites do campo. Literalmente voou por cima da mureta e se levantou do outro lado todo faceiro e voltou pro campo. Aos mais de 80 levantava a perna e pulava por cima do sofá, conforme contou o Dito Simprício, que carinhosamente apelidei de Chico Bento. Também se comenta a sua virilidade mesmo com essa idade. Conta o Naile que ao mostrar filmes picantes, o Dito ainda “armava o circo”. O Frango também teve uma prole numerosa: Nego (tocava trombone na banda e nos conjuntinhos carnavalescos), Marilisa, Sid Conde (figuraça) o Canecão (outra figuraça), o Ditinho (uma comédia de loucura), Magali e Adilson Franguinho com quem pratiquei muito bullying. Hoje é muito meu amigo e toda essa molecada que nós judiamos parece que perceberam que todas aquelas gozações não eram maldade. De uma certa forma os incluíamos nas rodas dos mais velhos mesmo que fosse prá fazer judiação. O Dito Frango sempre marcou presença na praça, porquê morava ali perto e dessa forma estava por dentro de tudo que rolava por ali. Muito me surpreendeu um dia quando, falando com seriedade me disse: “Carlinho, você foi o número um no Sarto pá cuidá da famia”. Eu, entre surpreso e orgulhoso, falei: Mas Dito, como você sabe disso? você não frequenta minha casa, não sabe o que se passa ali. Me respondeu: não precisa, sentado aqui na praça eu vejo você passar de carro levando sua mãe, depois o pai ou o Luiz pros médicos, cuidando sempre deles. Confesso a minha comoção com o seu senso arguto de observação do seu ponto predileto no centro: na soleira da antiga barbearia do Romãozinho, hoje a loja do Bachar. No seu aniversário de oitenta anos lhe dei uma botina de presente que ele exibia todo orgulhoso, no seu posto de observador geral da república de “Sarto de Pirapora”.

2.26 O Paulo e o Elía Turco

A loja dos dois “brimos” era perto da fonte, onde foi o Bradesco por uns tempos e era mais voltada para a moda para cavalheiros e senhoras. Vendiam sapatos, coisa que só se encontrava em Sorocaba na época, roupas e até fogão à gás. Era como se dizia uma loja de armarinhos. O Paulo era “mais bão de lábia” e o Elias mais contido, mais sério. Numa ocasião o Paulo chamou o Galo e anunciou: Trouxe um blusão especialmente de São Paulo, peça única e exclusiva. O Galo, que tinha ganhado esse apelido do Dirceu Sebo, por andar sempre meio empombado, de peito estufado, querendo ser único e exclusivo comprou e saiu desfilando todo garboso. Era uma blusa tipo moleton (esse nome ainda não existia) nas cores cinza e branco, muito bonita. O Galo se sentia “o cara” como se diz hoje. Mas qual a surpresa e a decepção ao descobrir que o Zorro que “lombiava” latões de leite para o Wilson Leiteiro também estava usando um igual. O Zorro era um “pinguço” que quando sóbrio fazia esses bicos prá comprar a cachaça. Era um bom homem mas para o Galo usar uma blusa igual à que o Zorro usava era o fim do mundo. A esperteza do Paulo Turco pregou uma peça na pose do Galo. Tiramos muito sarro dele na época.

2.27 A turma do Estadão - segunda fase

Depois de tentar a vida em São Paulo, nessa fase de ginásio, e ser jubilado de um dos melhores colégios estaduais da Capital: o Fernão Dias Pais no bairro de Pinheiros, enfiei a viola no saco e voltei prá vidinha de Salto. Como já contei trabalhando no Matarazzo o chefão Vilmos Toth conseguiu viabilizar o transporte, um jipinho Willys amarelo dos anos 50, e voltei ao velho Estadão da Eugenio Salerno para concluir o ginásio (terceira série em diante) e entrar no Científico. Para estudar à noite em Sorocaba ainda não havia o ônibus dos estudantes. No Estadão tinha uma turma da pesada. O diretor da noite era o Edson Campioni, professor de Matemática e os outros mestres: Hugo Polo de Biologia, Horácio Reis (pai do Júlio Reis Imóveis), um chato que me deu um zero redondíssimo, o Toninho de Física, o Ivan de Química, Nelson Guedes, Rubens Cutter e por aí afora. A turma da pesada: Ilson Alcoléa, Mauro Tadeu Moura, Adilson Segamarchi, o Pintado, Nambuzinho etc. O Mauro teve uma passagem fantástica. Achava que o professor o perseguia. Deixei ele colar uma prova inteirinha minha, de tanto ele me encher o saco, cutucando da carteira de trás: Carlinho mostra a prova, e eu morrendo de medo de sermos pegos e eu tomar zero. Colou tudo que queria. Na hora de ver as notas eu tirei 8,5 e ele ZERO. Ficou louco, queria brigar com o Professor e eu pedindo para esperar para ver as provas. Primeiro o mestre falava as notas, vinham as críticas habituais, normalmente chamando os alunos de burros, o que naquela época podia: ainda não era bullying e só depois entregava as provas. E eu: espera para ver as provas Mauro e ele falando em perseguição: como pode eu copieei a prova todinha, igualzinha a sua? Finalmente recebemos as provas em mãos. Fomos conferir. As questões eram de forças resultantes e no final de cada exercício tinha uma continha tipo: 4 vezes zero, 2 vezes zero etc. E o Mauro colocou os resultados: 4 vezes zero igual a 4, 3 vezes zero igual a 3. Eu disse: Mauro, o zero anula o produto e 4 vezes zero é zero e assim por diante. Porquê você não colou o resultado? E êle: quando vi aquela continha fiquei com vergonha de copiar o resultado e resolvi fazer a conta eu mesmo. Deu no que deu. Passou a vontade de bater no professor. E olha que o Mauro era briguento: encarou caras muito maiores que ele por várias vezes.

2.28 O Suva, meu primo de Sorocaba

O Suva, nascido Salvador, era meu primo. Faleceu há uns dois anos atrás. Filho mais novo de família muito pobre. Meu tio Miro, irmão da minha mãe Marvina, tinha sido ajudante de carreiro de boi do meu pai e segundo ela contava quando passava pela cidade tinha que se proteger em cima do carro de bois pois de tanto jogar pedras nos cachorros da rua, os cães já o conheciam e o perseguiam. Ao completar idade resolveu servir o exército para tentar tomar um rumo, talvez seguir a carreira militar. Mas numas andanças na região de Barra Bonita, conheceu a Tia Lídia na cidade de Igarapu do Tietê: mocinha nova e muito bonita, na flor dos dezesseis anos e ele se apaixonou perdidamente. Mas já tinha se alistado espontaneamente no exército e foi chamado para servir. Naquela época era obrigado a servir o exército com dezoito anos mas, se ao se apresentar se você se declarasse agricultor era dispensado do serviço militar, como se dizia. Mas ele insistiu em se alistar, se apresentou e depois desistiu de servir e virou um “desertor”. Casou-se com a tia Lídia mas viveu escondido sem nem poder fazer casamento de papel passado e nem registro da penca de filhos que foram nascendo. Poderia a qualquer momento ser preso por ter desertado. Uma espécie de traidor da Pátria. Só foi registrar os filhos depois de grandes, quando a sua deserção caducou ou caiu no esquecimento. Tiveram os filhos João, que virou pescador no rio Tietê, o Milton e o Zé que viraram pedreiros em Sorocaba, as filhas Clair, Benê, Ornélia (homenagem à minha avó Dornélia) e a Verinha que ficou muito conhecida em Sorocaba por ser dona da loja Shoppig Seven na galeria Santa Clara na Padre Luiz e depois no shopping Sorocaba. Por último, a raspa do tacho: o Suva, criado com “todo o leite”, na condição de caçulinha. Nunca estudou e nem trabalhou. Com o sucesso da Verinha que ao comprar a loja de importados do Ary Proença deu como parte do pagamento a casa dos pais, o Suva, talvez por esse motivo ou pela caçulice mesmo se achava no direito de ter tudo sem trabalhar. A Vera comprou um fusca para ele que quando ele veio num baile em Salto caiu a roda. Exigiu toca fitas, o must da época, rodas de tala larga etc até comprar um Dodge Dart branco com o qual participava de rachas com os boyzinhos endinheirados de Sorocaba. Só que quem bancava os estragos dos rachas e cavalos de pau era a irmã. Tentou até montar uma loja de jeans para ele, na própria galeria Santa Clara mas ele nem aparecia para abrir ou tomar conta da loja e ela se desdobrava nas duas. Sempre foi muito trabalhadora e excelente comerciante. Aí resolveu se casar para ver se botava um freio nas investidas do Suva. E se casou com o Luizinho, também metido a boyzinho e igualmente durango. Numa ocasião no bar Balaio pediu a moto do Tomaz emprestada para dar uma volta e levou uma semana para devolver. Ficou curtindo e se exibindo para as gatinhas. Quando conheceu a Vera era vendedor da Móveis Gonçalves, loja muito famosa e que fabricava ótimos móveis dos quais tenho um exemplar. Mas aí, como se dizia em Salto: jogaram o sapo na água. O Luizinho largou a carreira frustrada de vendedor de móveis, tirou o catálogo de móveis de debaixo do braço e assumiu com “A” maiúsculo os negócios da Vera, que por sinal até ali ia muito bem: tinha uma bela casa na Paes de Linhares na Vila Fiori, sempre um bom carro e uma coleção de sapatos à la Imelda Marcos. Maldade minha: Imelda Marcos mulher de Ferdinando Marcos, ditador deposto das Filipinas devia ter uns 2.000 sapatos, a Vera só uns 200. O Luizinho assumiu os negócios mas não tinha tino nem simpatia e quis inovar entrando no negócio de troca de dólares. Tentou uma sociedade frustrada numa fábrica de tanques com o Alfredo Galán, filho da dona da casa das velas e afins, na rua Padre Luiz vizinha do Mercado Municipal de Sorocaba. Aí a coisa se degringolou de vez e o sucesso da Vera foi virando suco (referência à loja de sucos de frutas na Paulista chamada o Engenheiro que virou suco). Perderam casa, loja e também se separaram. Uma grande lástima pois a Verinha tinha muito tino comercial, sabia cativar. As mulheres mais ricas e poderosas de Sorocaba (muitos homens também) eram clientes fidelíssimos dela. E no meio dessa epopeia toda o Suva, sempre frequentando os melhores locais e companhias

de Sorocaba: Kana Kauê, Tribeca, Soft e sempre falando com sotaque muito caipira. Se virava fazendo bicos como vendedor de carros para amigos como Marquinhos da Komida e outros. Chegou até a ser sócio (ou apenas chamariz?) de uma discoteca famosa em Sorocaba há uns dez anos atrás: a Apple. Largou tudo pois me disse que não aguentava varar madrugadas no empreendimento. Na verdade gostava mesmo era de dormir e não ter compromisso com nada. Acabou morrendo sozinho quando estava feliz por ter adquirido uma pequena chácara onde sonhava lidar com as criações de que sempre gostou. Chegou a ter uma avícola nos altos da Nogueira Padilha mas não durou muito tempo. Quando se separou da Ivete a loja teve fim precoce. Mas, marcou época nas noitadas e nas rodas de motociclistas dos riquinhos sorocabanos, mesmo sem sê-lo. Sempre andou no meio de gatinhas e mulheres bonitas. Tinha o seu “charme caipira” e agradava.

2.29 A kombi do Elia Gelo

O “Elia gelo”, na verdade Elias Canalle, tio da Magali Canalle tinha uma Kombi de aluguel, que se soltasse na descida da ponte já ia parar na zona em Sorocaba. Ele próprio era freguez de carteirinha da “terra vermeia”. Levou muito a nossa turma para os bailes das redondezas e era um cara que além de meio louco, era gozador e engraçado. Um vez inventou de descer com a Kombi pela rua do centro engatada em primeira e com um tijolo no acelerador: quando chegou perto do bar do Tonico (hoje Cochinha) desceu da Kombi, correu no bar, tomou uma pinga no balcão e voltou prá Kombi que descia engasgando e dando tranquinhos. No Carnaval retirou todas as portas da Kombi que se transformou numa mini jardineira. Acontece que nesse carnaval vieram uns negros fortes do Cafundó, encheram o latão e prá variar arrumaram briga. Chamaram o “Mário Sordado”, pai do Paulinho Mixirica que não tinha medo de entrar no meio de qualquer briga e “descer o cassetete parêio”. Um deles era o Levino, negro forte e encenqueiro lá da turma do Guaxinduva. Quando viram o Seu Mário entortar o quepe de lado e empunhar o cassetete já foram “mijando pá trais”: “Não Seu Mário, nós arrespeita o senhor”. Não tinha viatura para levar os briguentos para a delegacia e o Elias, que quando viu a coisa engrossar chamou a polícia, correu buscar a Kombi para fazer o translado. Só que tinha tirado todas as portas para a farra do Carnaval e então os presos eram jogados dentro da Kombi e saíam pelo outro lado e desapareciam. Resumo da operação: ninguém foi preso.

2.30 A turminha da *Via Sacra* e do *Curto*

Galo, Nazário, Zé Carlinho, o Degas aqui e outros tantos gostávamos de ver a saída do culto da Igreja dos crentes perto da fonte. O Nazirinho falava: “Vamo vê a sortada do curto”. Era a saída do pessoal da igreja e a gente queria flertar com as crentinhas. Mas a preparação começava no bar do Feliciano tomando umas geladas e o propósito era beber em todos os bares até chegar no Boqueirão, no começo da estrada do Matadouro. Bebemos no bar do Chico Faca, no do pai do Mosquito, no bar do Izídio, pai do Bolinho e por aí acima. Do lado do Izídio tinha uma igreja crente bem simples, e nós entramos. Eu pedi a palavra, fui lá na frente e fiz um discurso de louvação aos presentes e à minha crença naquela religião que eu nem sabia de qual se tratava. Tudo no embalo da “mardita”. A “procissão” continuou e fomos terminar quase no Campo Largo.

2.31 O barracão do Batista

Esse foi outro lugar em que bati ponto muitas vezes, quando o Batista já meio “caducando” passou o bastão para o Nego. Quem trabalhava ali era o Cissão, o Gordo além do filho do Nego, que desde moleque já bebia bem, tanto que um dia tomou umas pingas na Bertília e foi prá casa tomando uma latinha e mastigando o saldo final de um “baita torresmo”. Deitou de roupa e tudo e dormiu mascando o couro: no dia seguinte acordou com a roupa de cama toda engordurada. Cada um tinha suas histórias peculiares: O Nego tinha um cliente que era a fazenda Frutolândia e o Cissão sempre ia lá buscar ou levar cereais. Um dia chegou pro Nego: “A turma do Frutulano num qué vendê o feijão”. E o Nego: Quem?. O Frutulano. Quem é esse?. “Aqueles hóme da fazenda de fruta”. Era a Frutolândia. O Gordo era um moreno baixote pesando uns 140 kilos e eu zuava falando que no baile as mulheres não queriam dançar com êle porque não dava prá “abraçar”, corruptela de abraçar, devido à circunferência da cintura. Uma vez foi no centro de Sorocaba e ficou preso dentro do elevador que subia e descia, subia e descia e ele não sabia como sair lá de dentro. Quando o Nego mandou o caminhão para buscar umas coisas minhas em São Paulo quem diz que o Gordo entrava no elevador. Subiu 14 andares à pé: “nessa bosta eu num entro”. Quem já andava pelo barracão do Nego era o Telmo, hoje arquiteto da Prefeitura. Tinha uns 9/10 anos, rechonchudinho, calça curta, curioso e louco prá entrar na conversa dos mais velhos. E a gente judiava dele: sai prá lá gordinho curioso, “o que tá querendo escuitá”. Ele saia meio sem graça mas logo estava de volta e acabamos incorporando o Gordinho na roda.

2.32 Zé Martim

Pense num “hóminho” chato, “pidonho”, “putanhêro” e entrão. Vendia leite de porta em porta e quando a dona da casa era bonita já ia entrando e ia parar na cozinha. “Óia o leiteeeee” num grito ardido e esganiçado que assustava as mulheres, que muitas vezes nem vestidas direito estavam. Uma vez mandei fazer uns cochos de canafístula, uma madeira danada de dura prá aceitar um prego. Era para tratar do gado “no coxo”, por falta de pasto. Ele chegou, coçou a cabeça jogando os poucos cabelos para o lado e mandou: Porquê num dá os coxo prá mim. Mande ele pastar. Ele morava perto do sítio da Mulatinha, depois Romãozinho e seu vizinho Otacílio, que era irmão do Newton Guimarães, prefeito na época convidou o governador José Maria Marin para um jantar no sítio. O “ladrao de medalhas das Olimpíadas” chegou com o seu séquito de puxa sacos e o Newton respectivamente, entre os quais a linda médica Regina Caramuru, mulher alta, de presença e de um humor fantástico quando recebia cantadas: tirava de letra e deixava os baixinhos como o Ziquinho da Prefeitura desenxabidos quando respondia com altivez e classe: O que você quer Ziquinho, você é casado, é feio e baixinho e ria gostosamente. Desmontava qualquer aventureiro. Acabou se casando com o Ronaldo Moreno, da tradicional família de Sorocaba que tinha a famosa loja de materiais de construção perto da ponte Maurício Delosso, logo depois do largo do Canhão. O Zé Martins foi convidado e vestiu a sua melhor roupa: calça de brim com listras de pijama e camisa xadrez com os botões “tudo fora de lugar”, ou seja pulando as casas. Chegou, a comitiva já toda assentada, deu uma olhada geral e soltou na sua voz estridente: “Aquele brancão que é o hómeeeeeee? Ainda bem que o larápio não ouviu pois estava todo entusiasmado com a Regina Caramuru sentada estrategicamente ao seu lado. O governador acabou de comer e a Marina, mulher do Newton, ou seja a primeira dama saltopiraporense (kkkk): Coma mais “Dotôr”, tire mais um pouco. Não, Dona Marina, muito obrigado estou satisfeito, a comida está deliciosa e todos aqueles salamaleques de político “mais liso do que bagre ensaboado”. E a Marina emendou: “Coma Dôtor,

o que sobrá vai jogá pos porco mêmô”. Consternação geral do bando de puxa sacos. Esse era um ditado comum, uma brincadeira mas a Marina não se deu conta de que não era adequada para a ocasião, se bem que no meu ponto de vista o adequado seria escorraçar o safado com varas de malhar feijão. Para não perder a deixa: José Maria Marin foi jogador de futebol mediano pelo time do São Paulo mas muito esperto se meteu na política e como vice governador na vacância do cargo assumiu o governo do Estado. Conta-se, e disso não há provas, que nas suas militâncias políticas se apropriou da bagatela de 5 milhões de reais que eram destinados á campanha de Jânio Quadros. Passou no doador se dizendo autorizado a recolher a quantia que, dizem, nunca chegou ao destinatário e, fala-se, comprou um chiquérrimo apartamento na Alameda Franca no carésimo bairro dos Jardins em São Paulo. O resto da história todo mundo conhece: meter no bolso medalhas de ouro dos medalhados que ficaram sem medalhas e tomar prisão em cárcere de ouro em pleno Rockefeller Center nos States.

2.33 Jogo de bolinhas de gude

Na calçada da Igreja, ponto privilegiado “pá bisoiá” a vida que escorria perguiçosa pela rua do meio se sentavam João Friage, Fonseca, Guíche, Dito Frango, Zé Curinga, tudo “debarde, à toa, tudo coçano o saco”. Já tinham ido “se lavá” e muitos tomado banho de rio no Piraporão, na altura da ponte. Ou então no tradicional “bacião de fôia” com água esquentada no fogão de lenha e despejada de um canecão também “de fôia” (folha de Flandres). Quem fazia era o “Gir bicicletêro”, da Belarmino geralmente com latas de leite condensado e congêneres. O Fonseca vestido com uma camisa amarela do tipo “volta ao mundo”, igual a camisa do Miguel do Paco, que rolou com ela na fogueira. Ia chegando gente e a prosa aumentando. Chegou o Genorzinho contando da aposta que fez de trocar as telhas da Igreja quando (empiricamente) usou o princípio do pêndulo da Física, colocando dois meios tambores amarrados em cada ponta de uma corda e passando por uma roldana no alto do telhado. Enchia o meio tambor de telhas novas aqui embaixo e o de cima com as telhas a serem substituídas e quando o peso deste excedia o outro a carga que descia içava para o alto a de telhas novas. Garanto que nunca tinha ouvido falar de Pitágoras ou Tales de Mileto mas aplicou direitinho os princípios da Física. Ele no seu português peculiar chamava a operação de “guingorra” (gangorra). O Genorzinho era louco por uma aposta. Apostou uma vez na venda do Martinho (hoje bar do Ademir Pupo) quem acertava quantos postes tinham até a Santa Casa. Um falou vinte, outro trinta e assim por diante. O Genor falou: aposto que dá 26. Casaram a aposta e foram conferir. Batata: 26 postes. O Genor tinha contado os postes antes de provocar a turma na demanda. A prosa foi mudando de rumo. Passou o “Orlando Minêro” do outro lado da rua, na prosa com Romeu Marcelo e o João da Barra. Na base da “meia boca, bem por baxo do quieto”, a turma comentou da briga do Távio Farrapo c’o Orlando Minêro. “É, o Távio arrastô pô Orlando, lavô mio, cavocô de vórta, sartô de banda”. Tentando segurar o Orlando, homem forte, estavam o “Antonho Árve” e o Izidorinho, pai do Jura Banana: dois homens pequenos que não davam o peso de um braço do Orlando que foi arrastando os dois pelo pedregulho como se estivessem esquiando. O Orlando tinha uma casa grande, do lado da antiga Prefeitura (a primeira ao lado do grupo Afonso Vergueiro), onde tá hoje o Marcos de Barros. Tinha um monte de cachorro veadeiro. Mais de trinta com certeza. Tinha também um monte de filhas bonitas, umas morenas acobreadas e o Degas aqui namorou duas delas, a primeira eu tinha uns 16 anos e a segunda eu já na faixa dos trinta e tantos. Por falar em Romeu Marcelo, quando eu tinha uns 9 anos mais ou menos fui na reza com a Mamãe e como era muito irrequieto dei uma escapada da igreja e fui dar uma olhada no movimento da rua. Bem do local onde depois tinha a banca de revistas do Zé Leite vi o Orácio,

irmão do Jair Jacó, no meio da rua com uma espingarda por detrás do corpo. A cena ainda está nítida na minha memória: o Romeu abriu a porta da frente da casa, que na verdade era cortada em duas partes e a parte de cima que servia de porta e janela ao mesmo tempo, estava aberta. O Romeu estendeu o braço para fora para soltar a tranca da parte de baixo da porta e saiu para a rua. Nisso ouvi o tiro desferido pelo Orácio do meio da rua que atingiu as partes baixas do outro. Corri assustado para dentro da Igreja de onde minha mãe já vinha correndo para saber o que estava acontecendo. O Romeu foi levado às pressas para Sorocaba e escapou dessa. Disseram depois que a bucha da espingarda, daquelas de carregar pela boca, entrou junto com a pólvora devido à curta distância que o tiro foi desferido. A causa disseram que foi por adultério. E eram compadres. Vá saber!!!!!!

2.34 O cinema do Neto

A antiga sala de espetáculos, como se gabava o Neto, era no local onde o Júnior, neto do João da nhá Cota, montou a Pousada Santos, prá cima do armazém do “Zé do Santo”. Na verdade o pioneiro do cinema foi o Vidal Marcelo que depois vendeu para o Neto, em parceria com seu tio Zélão da Dorva, da turma da Nhá Cota. Anos depois o Neto construiu uma sala nova onde está hoje o Banco do Brasil. Ali o Carlinho da Marvina, “brincando de pais” ou seja brincadeira de “péga péga” rasgou o dedo médio da mão direita quando pulou de um andaime daqueles feito de pontalete e para não ser pego pulou do andaime, no escuro, e espetou o dedo num “baita prego caibrão”. Guardo a cicatriz até hoje pois naquela época dar pontos nem pensar. Nem Santa Casa tinha. Era curativo na farmácia do Seo Jaime mesmo.

No cinema novo, com tela “palarâmica” como dizia o Jair Pato, passava muita fita do Mazarropi, Zorro, Cavaleiro Negro, Hopalong Casside muito filme mexicano e como não podia faltar a Paixão de Cristo na Sexta Feira Maior. O Neto convidava prá sessão: “Vou exhibir um filmaço hoje em CinemasCope e Technicolor, com o Pedro Armendáriz” O Neto era dos poucos que falava com ele (e não erre) e usava o plural, pois era professor substituto no Grupo Escolar. Freguês de carterinha dos “firme de farvest” eram o Curingão, o Tocha da Mariquinha e o Jura Bálas de ovos. Chegavam a dar tiros na tela, com os dedos da mão imitando um 38, prá ajudar o mocinho matar os bandidos ou os índios. O Jura Bálas de Óvos tinha esse apelido, porque passava gritando com uma cesta de “páia”: “Balas de óvos, balas de óvos” e como era fanho a molecada imitava escondida atrás do poste ou da parede da igreja e aí, “sêbo nas canela”, porquê se ele pega, nem a banda toca.

Tempos depois “no raiá dos ano setenta”, na plateia do cinema do Néto toda a moçada de Salto presente: Noêmia do Neguito, Ilda do Vadô, Cirley do Dito Coelho, Carlinho da Marvina, Zé Carlinho, a turma do Romãozinho, Zé do lico, Galo, Querubim. O Dérão tarado foi entrando no escurinho, “só sondano, por báxo do quieto, cum bandidez”. Mas tanto as moças como o Zé Pilar já estavam *de picinê* (pince nez) no taradão, *só de butuca* esperando o que ele iria aprontar. E não é que ele tentou enfiar a mão por baixo da cadeira mas, a moça esperta jogou o corpo prá frente e prendeu o braço dele que teve que assistir quinze minutos de filme, arcado prá frente com o braço preso, doendo e quietinho para não ser pego no flagrante. Dérão virou sinônimo de tarado em Salto. “Aí, Dérão, num pode vê muié?, tarado”. O Neto, na verdade, era um cinéfilo só que, economicamente, era inviável ele fazer uma programação de filmes mais culturais, cinema de arte etc. Então muitas vezes ele trazia filmes desse naipe e fazia sessões para convidados, geralmente na quarta-feira, quando o cinema nem abria para o público. Era o Cinema Paradiso do Neto! De Bergman para cima.

2.35 Jogo do time dos Parados nos domingos

Outro programa legal era descer para o “campo de bola” nos domingos à tarde antes no peladão do Bumbo e depois no Estádio Municipal, praticamente exclusivo dos Parados. A terminologia das posições era “gortipa” (goal keeper) o goleiro, centroflôr (center for) era o centro avante, furbéque, (full beck) era o béque.

2.36 O time dos Parados

Depois veio o time dos Parados.



O imbatível *scratch* do final dos anos 1960

Saiba que são os craques da foto, pela ordem:

Mirto Pêxe - goleiro - era um peixe de agilidade.

Ataliba - o do Armazém e da Igreja - Realizava até cerimônias fúnebres na ausência do padre.

Japão - seu nome era o brasileiríssimo Moacir, mas a cara era de japonês.

Dorfão - ou Gastão, como ele próprio gostava de ser chamado. Filho do Argemirão da Belarmino.

Laurinho - Está vivo ainda. Já contamos que era o *mercenário da bola*.

Cabo Jorge - Também vivo. Pai do Jorginho e marido da Elza. Foi um dos maiores briguentos dos Parados, junto com o Moacir Japão.

Zito - Elesbão Gonçalves, pai do Junick e do Roger.

João Turco - já contamos todo o seu *folclorismo*.

Lagarto - Hábil driblador bem como o irmão Lagartinho.

Butija - meio de campo baixinho que *cruzava* na medida na cabeça do João Turco.

Jaiminho Vigorelli - Era uma máquina de costura para driblar.

O time ganhou esse apelido porque formaram o time com os jogadores que, por não gostarem da sistemática autoritária e impositiva dos dirigentes compostos pelas famílias dos Marcelos, todos

ruins de bola e pela família do João da Nhá Cota, igualmente pernas de pau, pararam de jogar e por falta de opção ficaram “parados”. Alguém teve a ideia de juntar esses atletas que no geral eram realmente os “bons de bola” e formar um novo time que por falta de idéia melhor ficou como “time dos Parados” mesmo e foi um sucesso. Extrapolou os estreitos limites do futebol amador da época, tornando-se conhecido e respeitado em Tatuí, Capela do Alto, Piedade e Pilar do Sul e outras tantas cidades da região. Respeitados pelo futebol e por não temerem uma boa briga em campo. O time foi comandado pelo Neguito e pelo Paulo Padeiro. Dos cracaços que me lembro tinha o Nardo, goleiro, um gigante no gol. O Botija irmão do Peixoto, excelente para fazer cruzamentos e alçar a bola na medida da cabeça do João Turco, o terror dos beques e dos goleiros: subia para escabecear a mais de meio metro da altura dos adversários e ainda os cutucava, xingava e até passava a mão na bunda, quando o juiz não estava olhando. Os beques eram o Ataliba (o do armazém e da igreja), o Odair e o Furazóio. Meio de campo Cabo Jorge, encrenqueiro e briguento, junto com o Moacir Japão, outro que adorava uma encrenca. O centroavante era o Manezinho, que não era de Salto. Parece que veio do Vau Novo onde o Matarazzo tinha uma unidade. Ponta esquerda Áureo (o próprio, ex Bertilha) e depois o Edson Careca, filho do Zequinha Barbeiro. Outros craques de fora também jogaram pelos Parados: o Fernando de Boituva, funcionário do Bamerindus, o Gão de Sorocaba.

O Áureo não era exatamente um craque da bola. Jogava na ponta esquerda e fazia bons cruzamentos na área sempre buscando a altura do João Turco. O Áureo era mais famoso por ser uma figura folclórica, cheio de maneirismos para falar inventando um vocabulário próprio. O João Turco contava que quando precisou cortar um pedaço do cordão da chuteira que estava incomodando parou o treino e perguntou: “Alguém por acaso tem um caniffs?????. Ele queria dizer um canivete. Também sempre contado ou inventado pelo João Turco quando o pessoal de Salto foi pela primeira vez para a praia numa excursão montada pelo João do Vito, ao chegar na represa Billings, ou seja a cerca de 50 quilômetros do mar o Áureo desceu do ônibus com uma toalha nas costas cantando: “Esse mal (mar) é meu” crente que já estava na praia: nunca tinha visto o mar e muito menos sabia da existência da represa Billings. O Laurinho dizem que pedia dinheiro prá entrar em campo. Senão, tava com dor de barriga ou com câimbra. Bastava o Paulo Padeiro acenar com uma nota de cinquentinha na moeda da época que ele melhorava rapidinho. Tinha ainda o Cabo Jorge, o Moacir Japão, os dois que não tinham medo de cara feia e partiam prá porrada mesmo. Mais tarde o Japãozinho(Cipriano) e bem mais tarde o Waldemar Picolé, Orlandinho , Flavinho (Deus que azude, tô sastifeito), o Lagarto, grande driblador e o irmão Lagartinho. O Beninha do Leonel, trabalhava na Cosipa e jogava também. Arrumou muita “ingrisia”. Chegou a dar uma cabeçada na boca de um juiz, extraindo dele um dente que voou no gramado e o juiz catou na grama e exibia para mostrar a agressão sofrida. O Beninha depois de ter uma falta marcada tomou a bola nas mãos e se dirigiu ao juiz para, supostamente, entregar a bola para ser colocada na marca da cobrança de falta mas, quando o juiz foi pegar a bola, ele a tirou de lado e desferiu uma certa cabeçada, fazendo a extração sem anestesia. E olha, que o Beninha era baixinho como eu. Imagine se fosse grande.

Na torcida tinha o Zé Padre, depois Zé Martelo no comando da “xingação” “Vamo insurtá o juiz, esse larápio lazarento, meneghete caiporento, ladrão morfético”. As moças também desciam para o campo dos Parados, mas aí já existiam as arquibancadas de cimento, duras mas tinha pelo menos onde sentar ao contrário do “peladão” do Bumbo, e ainda tinha a grama no campo, novidade alvissareira naqueles tempos.

Uma outra esclação importante dos Parados: Nardo, no gol. Taliba, Fura Zóio e Odair na defesa. Laurinho, Cabo Jorge e Butija, depois Nei do Arardo no meio campo. Manezinho, João Turco dentro da área. Ponta direita; Edson Careca. Ponta esquerda: Áureo da Bertília.

2.37 O time do Bumbo

O time do Bumbo, acho que tinha esse nome porque sempre apanhava, era dominado pela turma do João da Nhá Cota: Dorival, irmão do Balaio, jogador meia boca como o eram os Marcellos: Zé Carroça e Luiz Marcelo. Eram também do outro lado da política. Mas abrigaram vários craques: O Nê, briguento e bom de bola, o Coio também com as mesmas qualidades e defeitos, o Cridão, de quem o filho Guelo do Trevão herdou as habilidades debaixo dos três paus. O que matava era enxertar os chamados “grossos” enfiados guela abaixo pelos cartolas da época. Mas o Bumbo também marcou época. E também eram donos do campo (se não me engano o terreno era do João de Nhá Cota) e para jogar lá o time dos Parados, via Paulo Padeiro, Marreco, Jair Pato tinha que fazer altas confabulações para poder utilizar o campo. Nessa época os jogos eram tratados. O Paulo Padeiro foi em Pilar tratar um jogo. Normalmente levavam um guarda chuva. Daí a gozação com quem saía de casa com um guarda chuva, mesmo sem sinal de chuva: Eh aí vai tratar jogo? Outros craques do Bumbo foram o Peixoto e o irmão Butija, o Piranha, genro do Orlando Mineiro, o Rodeiro (jogador mediano), irmão do Roderinho que começou nos Paradinho.

2.38 As Festas Juninas

Festa de São João e Santo Antônio eram programas divertidos também. Armavam uma “caieira” no meio da rua abaixo da Matriz, com lenha trazida de carro de boi, doadas pelo “Seu Gênor” ou algum outro festeiro rico. Vinha a turma do Cafundó e a turma dos Florianos prá cantar um samba. A pinga rolava e o improviso “comia sôrto”. Lúcio Camargo, Antonho Furquim, Pinhé eram bons de cantoria, tanto no improviso ou nos versinhos inocentes já decorados. Do Lúcio ficou uma pérola. Um refrão repetitivo e gostoso: “Avoô i sentô, avoô i sentô, no gáio da laranjêra, avoô i sento” e ia repetindo enquanto a inspiração não vinha. O Lúcio Camargo gostava também de cantare A Pombinha Branca. Mais um gole da “marvada, um táio no ingasga gato” que podia ser um conhaque de alcatrão São João da Barra, ou cachaça no mais das vezes e o repente surgia na hora. Tinha o leilão de gado na mangueira do Gênor. Vicente de Nhá Cota, Vadô Mantino, Cascudo, tudo querendo “pegá umas rebarba barata”, João do Nísio, Nestorlão, Calixtro (pai do Dirceu Sebo, do Dineu Lindóia, da Derli, e da Dircéia do Rubatão), Nhô Norato com o paierão aceso, fumo macaio do bão, o Nhá (Diunísio Leite, pai do Quinzão), o Nhô Vídio (bom de lida prá ajudar na apartação) tudo trepado na última tábua da mangueira olhando os garrotes e as novilhas doados prá festa. No meio um bezerro “náfico de uma perna, ou uma vaca “três teto” ou seja o descarte ia para o leilão. Como “era dado impurravam as tranquêra”. O litro de conhaque corria solto, “prá morde (autoria do João di Nhá Cota) de isquentá a gargante do leiloeiro i garrá corage nos arrematêro”.

2.39 A Procissão do Senhor Morto na Sexta Feira Maior

Era uma festa que juntava todo o povo: os curiosos para assistir, os da paquera prá ver as moças bonitas. A procissão começava na Matriz, subia pela praça da fonte, ia até a Caixa d’água onde morava o Chico Branco e voltava. Tinha altar na casa da Dona Áurea do Agenor dos Santos, na casa da Dona Célia do Zé Martelo, na casa da Dona Antonia, mãe do Neguitinho, na casa da Orídia do Dito Pão e assim por diante emulando as estações da peregrinação de Cristo com a Santa Cruz. Numa delas tinha até a Verônica que chorava e enxugava o rosto de Cristo. Eu, coroinha vestido de batina vermelha e um roquete branco (espécie de sobretudo) seguia atrás do

Padre Boaventura Manara que puxava a procissão e atrás dele o andor com o Senhor Morto, carregado pelos “marianos”, homens paramentados com roupas iguais e com fitas vermelhas no peito, previamente selecionados pelo Padre. Seria a figura masculina das “filhas de Maria”, que também se paramentavam igualmente, todas de branco e com fitas azuis no peito. Uma beleza. Ainda tinha acompanhamento da banda comandada pelo Antonho Músico, pai da Toninha do Quinzão E o Degas aqui junto com os outros coroinhas levando o sino para a cerimônia nos altares. Na altura do armazém do Eugênio Seabra, pai do nosso amigo Levy, logo depois da fonte este que vos fala, não sei porquê cargas d’água exala um sonoro “peido” que ecoa até nas paredes. O cortejo inteiro entoando: “Os anjos, todos os anjoos louvai a Deus, para sempre Amém” e eu flatulando. Pode??? Tinha uns onze anos mais ou menos. Vermelho que nem um pimentão não consegui disfarçar e me entreguei no ato. Fui expulso da procissão pelo Antonho Mandú, um dos compenetrados e fervorosos marianos. Me “grudou na orelha” e retirou do cortejo. Voltei sozinho para a Igreja, andando pela rua erma, chorando e ainda vestido daquele jeito parecendo um fradinho. Tinha que devolver a roupa na sacristia e decidi abandonar para sempre a carreira de coroinha.

2.40 Voltando ao jogo de bolinha

Fizeram o buque, um buraco aberto na terra com o calcanhar mesmo e colocaram as bolinhas “enfieiradas” e o jogo começou, os craques depenando os patinhos que chegavam, limpando as bolinhas dos outros nas apostas. E olha que era difícil conseguir o dinheiro da mãe para gastar em bolinhas de gude. De repente o Zé Pirú achou que o Zélão do Arcide tava roubando “nos parmo” e mandou ver: ladrão lazarento, num “midiu os cinco parmo direito”. E o Zélão, com seu perfil paquidérmico devolveu: “Tá chamano de larápio. É a vossa mãe”. Já se empacotaram no “pé do ovido” e embolaram num monte de cal da reforma da igreja. De repente pararam e os dois, branquinhos de cal, ficaram se encarando. A torcida queria mais briga e o Paulo Mujica provocou: “Eh Zélão, levô uma no pé da oreia que nem a banda tocô”. O Mauro Bezerra pôs fogo: “Cuieiras, quem fô hóme cuspa aqui” com a mão estendida. O Pirú cuspiu, o Bezerra tirou a mão e a “catarrada” pegou na fuça do Zélão. Se “empelotaro de novo”. A torcida urrava de prazer. Parecia um bando de “corvo arrodiado a carniça”. Também o que mais tinha para ver na cidade a não ser uma boa briga de rua? Nisso chega o seu Antídio, “a otoridade” e mandou dispersar todo mundo senão vai chamar os pais na delegacia, ameaça. Que medo, se os pais ficassem sabendo era chegar em casa e *tomar uma sova* com certeza.

2.41 Jogo de sinuca no bar do Feliciano

Ponto importante de lazer em Salto. O bar, uma parceria entre os irmãos Feliciano e Romãozinho era tocado pelo Nilson e pelo Tide. Tinha duas mesas de sinuca oficiais e ali eram disputadas ferrenhas partidas da tradicional sinuca (corruptela de snooker) com bolas numeradas de 1 a 7 que tinham que ser “matadas” na ordem com “castigo” para bolas fora da ordem estabelecida. A gente jogava em duplas alternando os jogadores de cada dupla e o grande macete era deixar o adversário “esnucado” ou seja esconder a branca, truncando a batida do adversário na bola da vez, que com isso perdia pontos. Existiam ali grandes jogadores à nível de Salto: Nei do Araldo, João Turco, sempre relaxado, Messias e da nossa turma já num patamar inferior: eu, Mirinho, Zitão, Zé carlinhos e a aposta eram baurus e cervejas. Jogava-se no sistema de 3 partidas em que havendo empate das duas primeiras decidia-se na negra, que era o desempate.

O João Turco, à exemplo de outras diversões de grupos como jogo de buraco ou bailinhos sempre entrava relaxando. No meio de uma disputa ferrenha de sinuca, por exemplo, chegava e queria “dar uma tacada”. Diante das nossas broncas passava a mão num taco e espalhava as bolas do jogo, estragando totalmente a brincadeira que era por nós levada à sério. Eu nunca entendi que uma pessoa como o João, de quem gosto muito aliás, pudesse chegar ao comando de uma cidade, pois nunca teve disciplina nem na vida pessoal e muito menos na profissional. Enfim, a política não é mesmo para pessoas certinhas. Quando não havia dinheiro para o bauru pedia-se mesmo um para quedas. Era mortadela com queijo e o apelido surgiu porquê a fatia da mortadela colocada na chapa quente estufava formando um para quedas. Quando o Mirinho em Sarapuí pediu um para quedas o dono do bar queria bater nele achando que era gozação pois ele na sua simplicidade falou: Ué, num conhece o para quedas???? Não imaginava que a invenção estava circunscrita à Salto de Pirapora. Acho eu.

2.42 As quermesses

Tinha banda de música, barracas de prendas, procissão. Os festeiros eram o Quinzão, o Quinzinho Mandú, o João Mandú. A Marvina do Pedro Orive fazia doces prá vender numa barraca da quermesse. Tinha leilão. As prendas eram frango assado, frango vivo, cuscuz de sardinha e ovo, até um feixe de cana apareceu, dado pelo Pedro Orive.

2.43 Eleição

Tempo de grande agitação na cidade. As briga entre a turma do Agenor e do João Guimarães, os primeiros fazendo campanha para Carvalho Pinto e Jânio, e os últimos para o Ademar de Barros. Este até esteve no Salto num comício na frente da Igreja. A turma do Genor mandou fazer uma torre quadrada com uns 5 metros de altura e encheu de faixas dizendo o que os políticos contrários tinham feito por Salto: Nada, nada, nada. O Adhemar queria por fogo no monumento de desacato e a coisa quase desanda. O Izidorinho e outros cupinchas do Agenor estavam todos armados. Tudo fancaria. Como diz um ditado dos Estados Unidos: Se as pessoas soubessem de que são feitas as salsichas e os políticos, nunca comeriam as primeiras e nunca votariam nestes últimos. Nunca vi uma verdade tão verdadeira, com o perdão do pleunismo.

2.44 Os velórios

Um velório ou um dia de Finados, no fundo, no fundo não deixa de ser um acontecimento social. Pessoas que não se viam há muito tempo se reencontram pela obrigação de comparecer às cerimônias. Tirando a hora da presença do padre o pessoal gostava mesmo era de ficar lá fora, contando causos e piadas e esperando o café com sanduíche de mortadela. Velório e sanduiche de mortadela são coisas indissociáveis. Os mais assíduos frequentadores de velório para comer de graça em Salto foram o Zé Quito e o Batatão. Este, meio fora de centro, chegava a comer meia dúzia de sanduiches, regados a taubaina ou café fraco mesmo. Flavião e a mãe Alzira eram figurinhas carimbadas nos velórios. Ele, caçador, jogador de baralho, pescador, bom de tiro com espingarda sempre contando causos e peripécias suas entremeadas de mentiras bem elaboradas. Aliás nessa família, a mentira era coisa inerente às pessoas: Romãozinho e seus filhos foram grandes contadores de mentiras e nós nos deleitávamos com isso. Eu cheguei a gravar as do Romãozinho num passeio

de carro que fizemos com ele. A melhor de todas era da caçada de ratos no paiol de milho do sítio dele. Contou que um dia à noite ouviu um barulhão no dito paiol e se levantou pensando que fosse assombração. Que nada. Eram os ratos brincando de guerra com as espigas de milho servindo de armas. Começou matando ratos com “setra”, o conhecido estilingue. Fazia pelotas de barro cozido no seu olaria e numa errava uma “setrada”. Cansou porquê a população de ratos era muito grande. Fez uma armadilha na cumieira colocando duas chapinhas de ferro ligadas na eletricidade: positivo e negativo. O rato vinha correndo e ao passar pelos polos era eletrocutado. Eu, para apimentar a história argumentei que os ratos são muito ligeiros e que poderiam passar ilesos pela armadilha em virtude da sua velocidade. Ele rebateu dizendo que passava uma graxa na madeira, o rato escorregava na hora da descarga e empacotava. Como argumentar com o homem? O Flavião gostava de atirar com espingarda de chumbinho e uma vez, só de malvadeza mesmo deu um tiro na direção do caminhão de leite do Irso Leiteiro e acertou a testa do Mirinho. Veja só que brincadeira. O Mirinho também tinha histórias folclóricas. Uma vez fomos na zona com a Kombi do Aristides e o Mirinho, após o seu encontro sexual sentou no banco da perua com um lenço na mão, ensanguentado choramingando: “rebenô meu cabaço, rebenô meu cabaço”. Ele queria dizer cabresto. Outra vez na praia Cibratel, em Itanhaém, perguntou no restaurante do prédio: Vocês aqui servem malmita? Assim mesmo, com éle. O Mirinho foi cobrador de ônibus do Alcidino França de São Miguel Arcanjo quando o motorista era o Dito Frango. Depois entrou para o banco Bamerindus onde trabalhou por muito tempo. Por falar em Mirinho, no funeral do Mirão, a dona Ditinha saiu de dentro da casa para pedir silêncio e respeito pois nós “vamos a noite” contando piadas. Eu e o Flavião disputávamos quem contava mais.

2.45 A turma da Igreja: as Carolas e os Marianos

Além da Dona Olga, do restaurante Rainha, xerifona da igreja e suas irmãs, Ditinha do Mirão, Nair do Genésio e ainda tinha o Liône que estava em tudo que era “réza”: de terno branco e pé no chão. Famoso por ter sido levado numa viagem prá São Paulo na Kombi do Seme e quando convidado para comer um rodízio numa churrascaria em São Paulo respondeu: “Bão, já que oceis tá insistino vô exprimentá cumê esse tar de Frodísio”. Esse na verdade era o nome do irmão do Flavião, boa praça e bom vivant sempre presente nas rodinhas de papo ou de truço nos bares do centro. Quando o dito cujo soube da história pulou fora: “Tá loco, o Liône tem um baita pé de mesa, parece até um descanso de carroça, tô fora”. Outra história famosa do Liône (deveria ser Leonidas mas o que pegou foi a corruptela) foi quando ele levou a Miana no pasto do Agenor e mandou brasa. A negra era esperta e como sabia da fama do negro o enganou deixando a estrovenga no vão das pernas. Acontece que o pasto era cheio de bósta de vaca e no escuro ele penetrou a “rodilha de merda”, quente ainda e depois que recolheu o dito cujo, todo verde, exclamou assustado: “nossa, furei o fato (bucha)da comadre Miana”.

2.46 A turma da Rua Belarmino

A Rua Belarmino Cerqueira César, homenagem a um dos fundadores da cidade, era conhecida antigamente como a “Rua da Páia” porquê as casas eram cobertas de palha e não de telhas. Ou seja, a rua dos pobres, fora do centro. Hoje uma das ruas mais centrais da cidade, onde eu praticamente nasci. Ali meu pai montou uma bela chácara com um pomar exuberante. Aliás posso dizer que meu pai foi também um dos fundadores da cidade que teve sua primeira missa rezada em 1.903 e meu pai nasceu em 1.896. Mas o mote é falar dos moradores: Tinha a turma do Abílio e das

lambretas. A alcunha lambreta, uma novidade italiana, marcou a família inteira do Abilinho e como a maior parte das filhas levava a dita “vida fácil”, o apelido veio de uma “puta velha” da década de 50: A Margarida ou Margaridão ou Guidão. Guidão deu margem à outra interpretação: segurar o guidão emulando o ato sexual. Guidão de moto, a velha e por consequência as moças mais novas e mais modernas ganharam o apelido de lambreta, começando pela Maria Lambreta, depois a Diva Lambreta e por aí afora.

Tinha os bares do Garapa, do Zurmírio e do Vadozinho, marido da Dasdores, pais do Carlito Ribeiro, Dôra e Joãozinho. Tinha o Genor indalecio que alugava casa do meu pai. Tinha a Cacirdona, mãe do Jáia, que para desespero do meu irmão Crizólito quando vinha de São Paulo, costumava tocar discos na vitrola em volume altíssimo achando que a rua toda estava adorando suas modas de viola e cururus. A nossa chácara e a do Lauro Magno César, mais conhecido como Lauro Barrigudo, eram conhecidas pelos pés de fruta: bananeiras, mangueiras, goiabeiras, laranjeiras e mexeriqueiras, abacateiros, pereiras e enfim pomares cobiçadíssimos na vizinhança. Afinal na Belarmino quem não roubou manga no “quintár do Pedro Orive?” pergunto aos sobreviventes moradores da rua que confirmam o que era considerado uma proeza na época pois meu pai costumava cutucar o rabo dos ladrões de manga com uma taquara comprida. Não havia muros na época e era só “vará a cerca” e cair no paraíso frutífero até que o Pedro Orive corresse atrás. Meu pai plantou 3 pés de manga juntos e à uma distância de uns 3 metros outros 3 e mais uma vez. Conforme as mangueiras foram crescendo ele foi trançando umas nas outras e amarrando até que adultas formaram frondosas mangueiras em conjunto de três cada uma. Agora repeti a experiência e vou seguir a receita do meu pai. Teve a venda do Valentim, o bar do Martinho na esquina onde tá o Ademir Pupo hoje. O Pupo nasceu na Belarmino também: filho do “Dorivar” que trabalhava no Matarazzo e da “Arzira”. A irmandade era a Alzira, que se casou com o Elia Gelo, a Enedi que casou com o “Craudião Vermeio”, e o Paulinho Bocuba, que gostava de cantar moda de viola imitando o Dalvan da dupla Duduca e Dalvan, de olhos fechados, com a mão tampando a orelha. Se achava o próprio. Mais abaixo tinha o predinho do Genorzinho, talvez o pioneiro de Salto, com uma escada por fora e mais abaixo o curtiço do Genor também, onde morava o Miliano e o Dito Fonseca. O Miliano era pai do Lauro que numa discussão no bar do Martinho acabou matando o Tó, filho do João Candú, tio do Niquimba que morava na Maximiano Fidélis numa chácara também, irmão da Joana e do Bena. Dizem que a briga do Tó com o Lauro começou por causa do Bena do Zé Candú que tinha levado um “carreirão” do Lauro. O Tó foi tirar satisfação e deu no que deu. Levou uma facada mortal na barriga, dentro do bar. O Genorzinho era o rei das casinhas de aluguel: tinha sobrado, tinha curtiço, tinha predinho. Contava o próprio, mentiroso criativo e engraçado e se gabava de que era tão “ligêro na cuié” que um dia ergueu um cômodo e ficou preso dentro: levantou as paredes muito depressa e acabou esquecendo de “distacá” a porta e a janela e “careceu tirá eu guinchado na corda da rordana de lá de dentro”.

Outros moradores da Belarmino foram o Paulo Turco, o Argemirão, o Ezequiel pai do Ataíde despachante e uma “renca” de irmãos. Tinha ainda o João Brasília e o Didico, carpinteiros famosos e muito competentes. Tinha ainda o Gir “bicicretero” e o João Freita da Duvirge, o Diogão bigodudo, pai do Guino e do Toninho cabeça de bola, vô do Boizinho que tem um mercado na Vila do Sápo. Sem esquecer da turma do João Buneca, pai do “Nôr Bárdão”, do Zé, do Osmar Peludo e bota mais “fiarada nisso”. João Buneca era o vice rei dos “curticinho e dos puxadinho” da Belarmino. O rei era o irmão Genorzinho.

Mais abaixo tinha o Nhô Quim Leite, pai do Nir. Consertava bicicleta e curava bicho de boi com reza. Mostrava os dentes semi destruídos dizendo que estavam estragados de tanto “derrubá bicho de boi no dente”. Outro que também curava na “força da réza” era o “Véio Satiro”.

Ah, ainda tinha o “Arvilino Franguêro” pai do “Vardemir e do Graxinha” Este famoso por suas

brigas dando cabeçadas de surpresa nos contendores. Numa das brigas levou facada na cara que teve que ser costurada de alto a baixo. . Tinha também o Dito Minuto com caminhão de frete, pai do Paulinho Minuto, este pai do “Ráta”. Tinha ainda a chácara do Dôrfo Bóde, pai do Dorfinho, Rosalvo, Macaco e uma “baita penca de fio”. Do lado do Dôrfo Bóde o Lazão, a figura mais popular e conhecida da Belarmino. O Genôr tirava um sarro dele dizendo que quando era moleque no Cafundó, nunca tinha visto avião e quando um teco teco passou “in riba” da mataria o Lazão e os negrinho correram “si iscondê” dentro do forno de barro, gritando. “Bamo corrê, negadinha, ta vino o guarupiano”(aeroplano).

O Genôr era danado, pegava os negrinhos que vinham da Fazendinha, montados nas mulas magrelas e pedía prá ler a mão deles dizendo que sabia adivinhar e mandava: aqui tá escrito que você parou a mula embaixo daquele pé de cambará, “incostô a mula no cupim e barranquiô” Mais abaixo ainda, já perto do asilo tinha a turma do “Nhô Luá” (Zaloar Manoel Machado), pai da Marina que casou com o Nilton Guimarães, do Boquinha, bêbado inveterado que tomava o dinheirinho da aposentadoria da mãe prá tomar pinga.

2.47 A demanda do Adamastor contra o Genor do Santo

Esta briga correu na década de 50. O Adamastor, irmão do Altamiro, pai do Clair(Euclair), dizia que o “seu Genôr” tinha tomado as terras da família deles e a coisa foi parar no jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba. Cada um desfiava seus argumentos e mandava publicar. No quente da demanda o “Genôr” rebatendo a acusação do “Damastor” disse que a Lua, brilhando lá no alto do céu, nunca iria se preocupar com os latidos de um cão sarnento uivando para ela aqui embaixo . Ou seja, ignorou e se colocou na posição suprema de astro do universo. Eu tinha menos de dez anos quando o Lili, pai do nosso amigo Chacrinha, mostrou as reportagens para mim. Muito tempo depois ouvi histórias que o Adamastor tinha razão mas como não tinha dinheiro para sustentar demandas jurídicas e direito de resposta em caras publicações, a coisa acabou caindo no esquecimento. Me ocorreu que o Lili tinha algum parentesco com a turma do Adamastor mas, não conseguia estabelecer a relação. Procurei e descobri que eram irmãos.

2.48 Outros personagens de Salto e suas histórias

2.48.1 O Lili, pai do Chacrinha

Era uma figuraça: divertido, sarrista, boêmio, tocador de violão e seresteiro. Nunca me esqueço dele fazendo serenata para o casal Romãozinho e Iracema nas suas bodas de prata, nos idos dos anos de sessenta. Empunhou o violão e, de surpresa, acordou o casal entoando uma melodia que ficou na minha cabeça para sempre:

Eu sonhei que tu estavas tão linda
 Numa festa de raro esplendor
 Teu vestido de baile lembro ainda
 Era branco, todo branco, meu amor
 A orquestra tocou uma valsa dolente

Tomei-te aos braços
 Fomos dançando

Ambos silentes
E os pares que rodeavam entre nós
Diziam coisas
Trocavam juras
A meia voz

Violinos enchiam o ar de emoções
E de desejos uma centena de corações
Pra despertar teu ciúme
Tentei flertar alguém
Mas tu não flertaste ninguém

Olhavas só para mim
Vitória de amor cantei
Mas foi tudo um sonho
Acordei!

Hoje, pesquisando vi que a composição, Eu sonhei que tu estavas tão linda, é de Lamartine Babo e fez sucesso na voz de Carlos Galhardo na década de 50. Foi assim um momento mágico: nunca tinha presenciado uma serenata e nunca tinha ouvido a música e o danado do Lili cantava muito bem e com bastante emoção. Ele se casou com a Dona Rosa, que tocava com mão de ferro o bar que tinha sido do Chico Celim, acredito que antes do Chico Faca. Tinha que ter mão de ferro mesmo e domou o boêmio, farrista inveterado, e tiveram um único filho: o Chacrinha, também apelidado de Zug, e depois na faculdade de Vermelho, talvez pela cor da pele. Ele pode estar lendo este relato do seu pai e poderá acrescentar outras histórias se quiser, que nós iremos inserir com prazer. Me lembro do Lili, com muitas saudades. Era um gozador nato: só de palhaçada contava que quando era moleque inventou de “dar o rabo” mas teve um azar danado pois escolheu o Newton Guimarães, o prefeito folclórico e que segundo ele tinha uma fama de ser muito bem dotado no quesito “manguaça”. Ele contava e ia florindo até surgir a inevitável pergunta: “Mais Lili, você disse que era muleque. Que idade você tinha?” Ele respondia na maior cara de pau: “Era mêmô, tinha só dezenove anos” e ria gostosamente.

Um das tristezas do Lili, talvez tenha sido não conseguir ensinar o filho tocar violão ou qualquer outro instrumento. Introduziu muita gente na arte do dedilhado: amigos, filhos de amigos, vários sobrinhos, mas o filho só aprendeu a gostar de música brasileira!

Uma curiosidade das aulas que ele dava era mostrar ao aluno que o que interessava era, ao cantar, manter o tom e a melodia corretos. A letra era acessório. Então ele passava a cantar lindos clássicos da MBP trocando a letra por uma série de palavrões. Método Lili “Freire” de ensino musical!

2.48.2 A turma do João do Nísio

Originalmente formada pelo Pracídio (in memorian), o Gordo (i.m.), Luizão, Zelão, Glória e Fernando. O João do Nísio ganhou esse “apodo” no nome porquê o pai era o Nhô Nísio, que não conheci mas, segundo os netos era “bem danado” também. Numa ocasião perguntou à Mariquinha, que tinha a tal pensão quase atrás da Igreja: “Nhá Mariquinha, mecê usa de dá?” Veio a resposta marota por causa da insinuação também marota e ele na maior “cara de pau”. “Óia inhá, Mecê é que tá cum malícia, eu perguntei se usa dedá de custurá, pá num cutucá o dedo”. O Pracídio usava o tratamento “cabocro” prá todo mundo. “ih aí cabocro, tá bom?” Me contou a história

da sua ida à São Paulo que quase me matou de rir: “Ói cabocro, fui atravessá a avenida cheia de carro e parei no meio, veio um quase pega na ponta do dedo do pé, joguei a bunda pá trás e ôtro tirô fina do meu suan” e foi por aí afora. O Fernando gosta de contar a história do “chapo”. Um homem simples de Salto, ao saber que a filha poderia ter perdido a virgindade ao depor na delegacia, rebatendo o argumento do acusado que não tinha cometido o ato, respondeu: “Num adianta falá, eu quero vê é ali no chapo”. Ele queria que tirasse uma chapa, ou seja uma radiografia da genitália da filha para ter a prova que estava intocada.

2.48.3 A turma do Nestorlão

Nestor Soares. Esse foi um homem que marcou a história de Salto. Famoso pela sua fama de emprestar dinheiro a juros escorchantes e também pelo feio hábito de “coçar a bunda e depois cheirar o dedo” teve a prole: Rubens, Carlito e Tucano. Levou um tiro no peito do pai de uma moça, que teria sido desvirginada por um de seus filhos, mas tinha tantas promissórias e cheques pré datados no bolso além de documentos e outros papéis que o tiro ricocheteou na papelada livrando-o de maiores consequências, como talvez a morte. Conta-se que nos negócios “logrou até a mãe, trocando uma égua nafca por uma vaca boa de leite” pois a mãe não enxergava mais. O animal dito “nafco” tem um defeito que o impossibilita para a “lida”, ou seja imprestável. Procurei o termo no Google mas nada encontrei. Teve um final de vida triste, “enfiado numa cama e prisioneiro do quarto” devido à uma forte depressão. Tentei ajudar através do Tucano, indicando a fluoxetina mas, não sei se foram atrás do medicamento. O “Rube do Nestor” ao citar as pessoas não falava a letra “U”. Era o “Tocano”. O “Cebalena” e o “Tozú”. O Carlitão era o mais terrível de todos: aprontava poucas e boas e acabou tendo um fim triste, que nem vale a pena lembrar. O Tucano (não sei o nome) era o mais tranquilo e teve ainda jovem um derrame facial que o deixou com a boca torta por muito tempo.

2.48.4 Seu Ernesto açougueiro

Homem que metia medo nos garotos como eu, que as mães pediam para ir buscar algum tipo de carne na sua velha açougue com uma cepa enorme feita de tora bem no centro e o homem empunhando aquele cutelo enorme na mão e perguntando: “O que você qué, minino?” “Eu até tremia com a imagem do carnicheiro. Um dia chegou uma mulher e perguntou se ele tinha sebo. Ele disse que ia ver e voltou cum uns pedaços do sebo de boi, colocou na balança e disse para a mulher: “Deu um quilo, no pau do véio”. A expressão de dupla conotação, era de uso comum no linguajar regional mas assustou a pobre da mulher, atônita sem saber se havia malícia na afirmação. Seu açougue tempos depois pertenceu ao João do Nísio, e ficava ao lado da hoje pizzaria dos Martelos.

2.48.5 A turma do Zé Martelo

A casa do Zé Martelo continua quase intacta, ao lado da pizzaria dos filhos. Era casado com a Célia, filha da Mariquinha, aquela do dedá e teve os filhos Pedro Henrique, Marcos Martelo, Beto Martelo, Carlos Martelo e Flávio e as meninas Ângela que se casou com o Quito do Chico Americano e a Maria Efigênia (ela odeia), a Nênia que se casou com o Vicente do Restaurante Rainha. O Zé Martelo era uma figura folclórica da cidade. Sempre andando pelo centro da cidade, conhecia e era conhecido por todo mundo e famoso por soltar “solenes flatos” em alto e bom som, estivesse onde estivesse: na frente da barbearia do Romãozinho ou do bar do Tônico. Passava sorrateiramente e “abria a buzina” e saía dando sonoras gargalhadas. Costumava entrar na barbearia do Romãozinho

e na hora dos “disparos” punha a bunda na porta, de costas para a rua e descarregava logo uma saraivada. Numa dessas uma mulher veio lhe perguntar pelo seu Agenor e descarregou a bateria quase em cima da mulher. Saiu sem graça e andando rápido, sem olhar para a mulher, respondendo que não sabia do “Seo Genor” Figura onipresente na praça e nos bancos ao lado da Igreja Matriz e mesmo já em avançada idade se provocado ainda soltava boas tiradas e contava causos engraçados, geralmente na companhia do Dito Frango e do Zé Castanha. Este, o taxista mais velho da praça. Provocativo, achando que sabe de detalhes escabrosos da vida de cada um que passa pelo seu raio de visão, provoca sorratamente o seu alvo, dando pequenas indiretas para deleite dos companheiros a quem ele já deu detalhes da história do personagem. É o famoso “dá o tapa e esconde a mão”. Mas, a sua estratégia já está muito “manjada” e não raro é desmascarado, como eu mesmo tive a oportunidade de fazê-lo.

Outra figura notória no mesmo ponto é o taxista “João Mentiroso”, que já trouxe a alcunha de Sorocaba, onde já trabalhava com táxi. Mitômano compulsivo, com performance comparável ao Romãozinho e ao Jorge Faustino, conta histórias mirabolantes com fé inabalável e uma convicção à prova de qualquer desmascaramento. Outro dia “puxei pela sua boca” já sabendo do que vinha pela frente. Me contou que teve nove bares em Sorocaba e eu, maldosamente perguntei se não eram sete ao que respondeu que “sete é conta de mentiroso”. Dei corda, pois adoro ouvir mentiras e ele disse que em um dos bares vendia oito (não sete) caixas de cachaça por dia. Perguntei quantas garrafas tinha cada caixa e respondeu que eram doze. Rapidamente fiz as contas: 8 vezes 12 são 96 garrafas e investigando os conhecedores da “mardita” descobri que cada garrafa dá cerca de 12 doses. São portanto 1.150 doses por dia ou seja mesmo que estivesse na Doutor Braguinha, no centro de Sorocaba, e distribuisse cachaça grátis não conseguiria servir tantas doses. Estaria sofrendo de LER (Lesão do esforço repetitivo) de tanto servir cachaça. O legal é a autoridade e a segurança com que conta as mentiras mais deslavadas do mundo. Dizem que este é um traço comum aos mentirosos: de tanto repetir suas mentiras acabam acreditando que são fatos reais. Eu, como diria uma figura de quem não me lembro: “se me divirto com as histórias”.

2.48.6 A turma do Zé Turco

Este era outro que metia medo na gente. Tinha um armazém mais ou menos ao lado do antigo Mercado Ouro Branco. Casado com a Jovita, teve os filhos Miguel, Seme e Eduardão e as filhas Suria, que se casou e se separou do Joel Turco, o prefeito e a Terezinha que casou com um sobrinho do seu Olézio e nunca mais apareceu por estas bandas. Do Miguel e do Seme já contamos as histórias no capítulo dos bailinhos do clubinho. O Eduardo que é o único ainda vivo dos irmãos teve várias histórias pitorescas mas melhor nem relatar pois é de um humor imprevisível. O Zé Turco também teve um triste fim, assassinado por golpes de enxada pelo Vicente Mono, um rapaz desequilibrado, que num acesso de fúria quando foi xingado, atacou o comerciante pelas costas, sem chances de defesa.

2.48.7 O Chico Faca do bar

No local onde foi o bar do Chico Celim, da Dona Rosa do Lili e por último do Jú Castanho, teve sua marcante passagem por ali o notório *Chico Faca* que ganhou essa honraria no nome porquê sabia “enfiar a faca” nos clientes. Bom de lábia, agradava e bajulava chamando as pessoas sempre pelo diminutivo, de uma forma perigosamente carinhosa. Eu já sabia por relatos do meu pai da sua fama de espertalhão. Me contou que quando ele vendia milho, carregava os jacás que iam na cangalha dos burros com lindas e reluzentes espigas por fora mas, na parte de dentro enfiava os

“rastolhos”, que eram milhos falhados com sabugos quase sem grãos. O Chico tem uma história muito peculiar e que me foi confirmada por um dos seus filhos. Como homem de sítio sempre gostou de ter animais e depois de já ter se aposentado do comércio, tratava de um cavalo no quintal e um dia, ao oferecer uma espiga de milho ao muar, distraído e de costas, ocupado talvez com outra tarefa, o equino arrancou metade do seu dedo junto com a mordida da espiga. Apesar de trágica a cena é muito hilária e ao escrever não consigo conter o riso. O filho ainda me contou que conseguiu recuperar a ponta do dedo no meio da palhada do milho e conseguiram fazer o reimplante. O hilário é também pelo fato de um homem tão “interesseiro” e ávido por lucros pouco republicanos, ofereceu o dedo ao cavalo como no famoso ditado: *vão-se os dedos mas ficam os anéis*. Ainda estou *se me mijando de dar risada*.

2.48.8 Batista, pai do Nego, Joãozinho, Izabel etc.

Este tem um elenco de histórias sensacionais:

Era um homem meio desligado, com seu indefectível par de óculos, que abaixava no nariz e olhava por cima, um hábito bem característico seu. Tinha um chiqueiro ali na *vila do Batista* e descia todos os dias levar *lavagem* para os seus porcos. Numa dessas deparou, segundo me contaram, com o Rafael do Chiquinho Ramos e da *Arzira trocando cesto* com o Mário do Dito Pão. Este estava de calças arriadas e o outro, muito esperto, percebeu que o Nhô Batista vinha chegando e caiu fora: levantou as calças e *sumiu na capoeira*. O Batista se aproximou do Mário, quase de quatro, abaixou os óculos no nariz e abaixou o corpo olhando para o manjar branco do Mário: O que é isso minino? Este se virou prá trás e disse: “Tamém, num peço mais bença po Senhor, padrinho”. Foi dono de uma padaria na cidade na época da guerra em que havia racionamento de farinha de trigo, que era artigo raro e vendido no mercado negro, à noite. Minha mãe contou que ele recebia as cargas durante a madrugada para burlar a fiscalização.

Fez uma plantação de algodão e contratava gente para a colheita e o mote na época em Salto era: “Bamo panhá gordão po Nhô Batista?”

Depois começou a comprar milho e feijão nas roças das redondezas, que limpava, selecionava e acomodava em sacas de 60 kilos. Depois os caminhões saíam de madrugada, por causa da fiscalização, levando os cereais para a Bolsinha de Cereais, em São Paulo, que ficava no bairro da Luz. O feijão vinha da roça ainda sujo e com impurezas, era descarregado numa moega, no seu barracão na Vila Santa Izabel (nome de sua filha casada com o Odir Ortiz) e ali era limpo por um processo de sopro e canalizado para um elevador de canecas que conduzia para a boca dos sacos, que depois de pesados eram costurados com barbante com uma agulha torta de uns 10 cm mais ou menos. O Batista, e mais tarde o Nego seu filho, saíam para as roças onde sabiam que estava sendo colhido o feijão, à cata de colheitas para comprar. Numa dessas, o Batista no seu velho fusquinha, amarelo se não me engano andava por uma estrada vicinal e encontrou com um trator no sentido contrário carregado de feijão, acabado de colher. Mandou parar o trator. Era meio autoritário para falar com as pessoas, meio seco. Desceu do fusca munido do furador de sacaria que era um objeto do tamanho de uma chave de fenda grande com uma espécie de funil na ponta, que penetrava no saco e retirava as amostras do produto. Subiu em cima da carga, aliás bem alta, jogou um saco no chão, fez a calagem, analisou a amostra e mandou: Pago 50 conto o saco. O dono do feijão respondeu que não venderia por aquele preço. O Batista se voltou para o fusca, meio bravo, fazendo menção de ir embora. O outro mandou que ele recolocasse o saco do lugar que havia retirado, sem pedir licença. O Batista estava com mais de 60 anos e não teria condições de erguer um peso de cerca de 60 kg numa carga a mais de 2,5 metros do chão. O outro jogou o saco em cima e ainda tripudiou: “É para o senhor aprender a lidar com mais educação e não colocar a

mão nas coisas dos outros sem pedir ordem”. Passou um “carão”.

Eu, como plantador de feijão e milho frequentei muito o barracão do Nego, que a esta altura já tinha assumido os negócios. Ficava por lá “tirando uns dois dedos de prosa” com o Nego, seus empregados que eram o Cissão, filho do Pernambuco, e o Gordo, além do Marcão, filho do Nego. O Batista chegava e sem falar ao menos Bom Dia, levava a mão no bolso da camisa dos fumantes, pegava o maço na mão, retirava um cigarro e ainda brandia: “Dá o fogo, acenda prá mim”. Eu que era achacado no *serrote de cigarros* já vinha *matutando* uma pequena vingança. Quando fiz uma viagem para Termas do Gravatal, Tubarão-SC comprei alguns objetos para *aprontar na viagem*: máscaras de borracha horrorosas de monstro de um olho só, moedas com espoleta para deixar no chão e explodir quando alguém a pegava no chão, copo furado para escorrer bebida no pescoço dos desavisados e também um maço de cigarros explosivos. Cheguei no barracão já esperando o habitual ataque no maço de cigarros. Ele, como sempre, levou a mão no bolso da minha camisa, retirou um cigarro, bateu duas vezes para assentar o fumo como era de costume e *pediu fogo*. Prontamente saquei do meu isqueiro Ronson, americano e *ateeí fogo* no cigarro dele. Ele deu uma tragada, duas, três, quatro e na quarta: pááááá’. O cigarro explodiu decepando a ponta e ele ficou com o toco na mão, empurrou os óculos para baixo do nariz e soltou um *uééé*, prolongado, com a mesma expressão que deve ter mirado a bunda branca do Mário, sem entender o que tinha acontecido. Nunca mais assaltou o meu maço de cigarros.

2.48.9 João Caipira

Lendário fazendeiro ricoço da região quando instado a pagar o café que tinha convidado o amigo para tomar, abria a carteira e mostrava apenas uma nota de 50, pedindo ao convidado que pagasse o café. Não queria gastar o único 50 que era para deixar de *indeis* na carteira para que botassem outras notas na sua carteira. Este cara merece uma pequena biografia. Rico de propriedades, veículos, gado etc. etc. era o senhor *sovina*, *pão duro*, *biscoito de sordado* como diria dona Malvina. Nos tempos da inflação galopante chegava a comprar quatro caminhões e guardar para ganhar na alta de preços. Chegou a financiar uma escavadeira no banco e enterrá-la, isso mesmo abrir um buraco e cobrir de terra e alegar ao banco que a máquina tinha sido roubada. Teve um fim triste: morreu aprisionado dentro da camionete que dirigia, que se incendiou numa colisão. Conta-se que o homem de quase 2 metros de altura se reduziu a “um toco” de apenas meio metro. Outra história famosa dele quando convidou um amigo para ir a São Paulo e pediu-lhe que pagasse o pedágio. Como ambos estavam “desprevenidos”, ficaram esperando alguém conhecido passar para emprestar o dinheiro do pedágio. Tinha tanto e vivia mendingando favores dos conhecidos. Lembrei mais uma. Paquerava uma garota e a convidava, no seu forte sotaque *caipirês* para tomar uma Coca na lanchonete Balaio na praça Nove de Julho, em Sorocaba. Se ela topava ele abria o porta malas do seu Dodge Dart ou Galaxy e retirava uma garrafa do refrigerante, comprado de caixa porque era mais barato, entrava no Balaio e pedia para trocar por uma gelada. Apenas uma, para os dois. Pode????????

2.48.10 História escabrosas

Numa caçada de veados quando o Walter Benedetti levou toda a sua matilha *veadeira*, da qual vivia se gabando aconteceu a história que me foi contada pelo próprio Narciso Martelo, que morava na rua do Pupo’s bar e participou da história. O Walter chegou se gabando de um *cachorro americano* que tinha acabado de adquirir. A caçada de veados é feita em campos abertos e o bicho, muito matreiro dá voltas imensas para chegar na sua toca, tentando despistar a matilha, que chega a

quarenta cães. Antes da *sortada* dos cachorros, que é o momento que *tropa de veadeiros* vai começar a corrida de perseguição, o Narciso, por pura sacanagem, atraiu o *americano garboso* do Walter e agradando e dando pedaços de carne, foi alisando e acariciando o cachorro e acabou batendo uma punheta para o bicho. Veio a *sortada* e o tal campeão não queria correr pois não tinha forças para acompanhar a matilha, que chega a correr por horas farejando e tentando localizar a caça, até que os caçadores a abatam a tiros de espingarda. O cachorro ficou estático e o Walter todo preocupado: meu campeão deve tá doente, “num qué corrê”. E o Narciso, matreiro, morrendo de rir, pelos cantos para não dar na cara a sacanagem que tinha cometido. A *sortada* é quando todos os cães *veadeiros* são postos para correr e farejar o veado. Este dá longas voltas tentando despistar a matilha e protegendo a sua toca, que pode ter filhotes. Isto pode durar horas.

2.49 Os apelidos em Salto de Pirapora

Cidades pequenas são pródigas em apelidos. Existe quase um orgulho de quem “botou o apelido” e ainda mais quando ele pega mesmo e passa a fazer parte intrínseca e indissociável daquela pessoa. A nossa cidade também tem a sua galeria de apelidos que vou aproveitar da oportunidade para deixar aqui registrados. Só vou descrever quando sei algum detalhe sobre a causa ou a origem do apelido.

ZÉ BODE – Provavelmentel ganhou a alcunha porquê a filosofia popular diz que o bode gosta mais da farra do que da cobertura das cabras.

ZÉ PINGUINHA - Tocava na banda e nos carnavais do clubinho e foi candidato a vereador em Pilar do Sul. No palanque fez aquele gesto feio e como não sabia o que falar disse: “Ôi turma, nessa inleição nós tem que ó nos tar porquê senão os tár ó ni nós”.

ZÉ MULA MANCA – O Zé Leite da banca de revistas ao lado da Igreja que tinha um defeito congênito na perna e mancava mais que “corrida de aleijado”. Ainda se metia a ser goleiro no segundo quadro do time dos Paradinhos.

ZÉ ISTRELA – Era um neguinho cujos olhos pareciam estrelas de tanto que brilhavam na cara redonda. Também era goleiro, dos ruins como o Zé Leite, no time dos mais inferiores.

ZÉ LÍNGUA – O nosso amigo Zé Quito, que sempre soube da vida de todo mundo na cidade e ainda nos seus relatos acrescentava detalhes picantes, hilários e pitorescos nas histórias, por sua conta.

ZÉ CRI-CRI – Era muito chato, daí veio o apelido naturalmente.

JOÃO PIQUENO – Pai do *Coroné* Agenor dos Santos

DITO GÊI - Figura folclórica que transitava pelo centro e como sempre estava bêbado e era gago tinha histórias engraçadas como a vez que dormiu na beirada do forno de cal do Aníbal para se esquentar. Ele próprio narrava a cena: “Fiquei de croque na berada do forno aproveitano o calor e quando cochilei, óóóó dei uma pendida e vortei na posição, mais uma cochilada: óóóóó ´e tornei vortá. Lá pela terceira cuchilada: óóóóó ´e plum, despenquei do paredão do forno e caí no meio do monte de cár.” O negro ficou branco inteirinho. O Gêi vem de Tigêi, que acho que é corruptela de tigela.

DITO FRANGO – Tinha canelas finas, compridas e corria igual frango caipira e já mereceu destaque especial nos nossos relatos.

MÁRIO FUMO – Era um negrinho muito simpático e risonho que morava perto do campo do Bumbo. Era da turma “dos chororó” e acho que essa alcunha vem do pássaro: “o nambú chitã e o chororó”. Fazia bicos como servente de pedreiro e outros pequenos biscates e soube agora pelo Castanha do Táxi que era muito trabalhador. Uma vez no posto do Walter Benedetti, chamei-o

para tirar uma foto comigo pois estávamos “batendo fotografias”. Naquele tempo a expressão era essa mesmo e depois ainda tinha que levar o filme para revelar. Trouxe uma cópia em 7x5 para o Mário Fumo que tempos depois me contou que tinha colocado na cabeceira da cama. O apodo fumo no nome deve ser porquê era preto que nem um rolo de fumo em corda. “Viajou antes do combinado”. Morreu com menos de 40 anos e pena que não fiquei sabendo pois tinha provado que gostava muito de mim, para colocar a foto na cabeceira para que eu assistisse suas noites “fazendo amor”, segundo sua própria versão. Kkkkkk

VICENTE MONO – Já contamos a história do personagem mas o Castanha acrescentou mais uma curiosidade dele. Alguém pediu para ele fazer um *aceiro* numa cerca mais ou menos na altura do antigo *matador* (ninguém falava matadouro), na beira da estrada. O *aceiro* é uma faixa de cerca de 1,20 metro de largura que deve ser carpida ao lado da cerca de arame farpado, que se fosse boa tinha cinco fios de arame farpado Elefante, grossura 13,5 e palanques de cambará, que duram praticamente uma eternidade. Isto para evitar que as queimadas destruam as cercas. Muito bem: puseram o Vicente para fazer o trabalho e esqueceram ou não tiveram tempo de ir lá conferir, só aparecendo uma semana depois. Como ele tinha um certo *retardo* fez o *aceiro* da cerca contratada e continuou em frente, indo bater no bairro dos Leites, já quase em Piedade. Mais de 8 quilômetros do ponto inicial. Tirando um certo exagero do Castanha achei a história muito interessante. Esse era bom para trabalhar mesmo.

ARI BUNDA - Era um sujeito problemático criado pelo casal Benedita e Seu Ovídio.

TONHONA JARDINÊRA – Era uma mulher de reputação duvidosa que trabalhava na pensão da Mariquinha, lugar de reputação para lá de duvidosa. Acredito que a idéia era de que todo mundo tomava a jardineira, ou seja era usada por muitos. Será que acertei na dedução.

SANHAÇO – Garoto que morava na Rua Maximiano Fidelis.

BURTÉRIO – Nem imagino a origem desse nome mas virou sinônimo de cara “breganhista, que vive fazendo breganhas”. Com certeza o termo vem de barganha e o tal Burtério vivia “barganhando” relógios, instrumentos musicais e o que mais se possa imaginar. Em Salto se dizia para alguém que queria trocar alguma coisa por outra: “Eita Burtério véio, querendo lográ eu?”

PÉ DE LÃ – O Degas aqui já foi chamado muitas vezes de *Pé de Valsa* pelas incomensuráveis habilidades dançarinas, mas quando fui chamado de *Pé de lã* gostei muito. Senti meu *ego bailarino* acariciado profundamente.

CAGÃO – Era um motorista de caminhão, rapaz que morreu novo há uns três meses atrás. Tinha uma circunferência abdominal bem avantajada e a origem do apelido deve vir da tal característica.

CHORORÓ – A palavra designa um pássaro mas na nossa cidade tinha a turma “dos Chororó” que moravam numa vila ocupada predominantemente por negros, mais ou menos em frente o posto do Santelmo.

JOAQUIM GARAPA – Dono de um dos bares da Belarmino, antiga rua da Páia. Os outros bares eram os do Martinho (atual Pupo’s), do Zurmírio e do Vadozinho, este quase em frente o “curtiço do Genor”.

JOÃO CABELÊRA – Pedreiro, filho do Genor Indalécio, motorista do caminhão do lixo, neto do João Leitêro da Granja do Genor. **PUXADINHO** – irmão do João Cabelêra, pedreiro, que ganhou o apelido porquê namorava uma moça e o pai dela o incentivou a construir um “puxadinho” nos fundos da casa para que eles se casassem e tivessem onde morar. Quando terminou a construção a moça “deu o fora” e foi morar sozinha no novo cômodo.

PEDRO BOI - filho do Diogão Bigodudo da Belarmino. Fez juz ao apelido pois tinha cara de boi mesmo. O filho herdou a alcunha e virou o “Boizinho”, e tinha um mercadinho na vila do Sapo.

VILA DO SAPO – Na verdade Vila Elizabeth, feita pelo Gilson de Góes, pai do Ely e da Beth do Toninho do depósito. Como fica perto do rio e na época da implantação era considerado lugar

afastado, ganhou o apelido, talvez em virtude da profusão de sapos nas lagoas adjacentes ao Rio Pirapora.

SIDNEY ESTOFADINHO - O filho do Seu Aristides Farrapo e Dona Cinira tinha umas bochechas um pouco avantajadas. O Carlinhos da Marvina, que não podia perder nenhuma piada, pespegou-lhe o apelido de Estofadinho.

A lista de apelidos curiosos é infundável - ZÉ LIÃO, ZÉ CADELA, ZÉ FEDÔ, ZÉ RUELA, ZÉ DA NÁLIA, ZÉ DO LICO, ZÉ URUTÁGUA, ZÉ PIRULITO, ZÉ CURINGA, ZÉ DA TUDE, ZÉ PIRU, ZÉZINHO CIRCUITO, GUSTO PORRETE (IRMÃO DO ZORRO), CHICÃO LAVADEIRA (TOPÓGRAFO DA PREFEITURA), NHÔ PEIDO (ESSE NÃO REVELO NEM SOB TORTURA), GLÓRIA (O ORIGINAL QUE CHORAVA QUANDO ERA CHAMADO ASSIM), GLÓRIA (IRMÃO DO PRACÍDIO E DO GORDO QUE HERDOU O APELIDO DE TANTO MEXER COM O VELHINHO A MANDO DOS IRMÃOS), JOÃO DA NHÁ COTA, JOÃO CANOA, JOÃO RIO ABAIXO, JOÃO RIO ACIMA, JOÃO SARGADO, JOÃO TURCO, JOÃO BERONHA, JOÃO DO BROCO (EM SALTO) OU JOÃO DO BRINCO (EM PILAR), JOÃO PARMITÊRO, JOÃO LEITÊRO, JOÃO DA NHÁ PAULA, JOÃO DO NÍSIO, , DITO MINUTO, DITO FOICE, DITO CABRA, DITO COÊIO, DITO SÊBO, DITO PÃO, DITINHO DO FRANGO, DITO PORCO, JOAQUIM GARAPA, JOAQUIM DO BRIZIO, QUIM BÔA, QUIM BAITACA (FALAVA IGUAL BAITACA), NHÔ QUIM, QUINZÃO, IRMÃO DO NHÔ DENA...

2.50 A turma do “Forno de Cár” do Aníbal de Góes.

Tinha o Dito Géi, o Craudião Vermeio, O Mirinho corcundinha e o irmão Paulo Mujica, o Guéi, eterno motorista do Aníbal. Em Salto se dizia que o Aníbal tinha tanto dinheiro que os bancos não aceitavam mais o seu dinheiro. Imagine só, banco recusar dinheiro. Construiu aquele conjunto comercial no início da General Carneiro, defronte ao Cordeiro e o Posto do Zéquinha em Sorocaba. Um empreendimento inovador na época: comércio em baixo e apartamentos residenciais no primeiro andar. Naquele tempo ninguém falava em morar em apartamento. O Cal São Pedro, produzido nos fornos do Aníbal, dizem que era a melhor cal do Brasil. Dizem que até o Pelé que teria uma casa de material de construção em Santos, comprava dele. O homem, de pouca instrução e que falava errado, construiu um gigantesco império que foi desmantelado e literalmente virou pó. Seu filho Toninho fez muitas loucuras, jogou muito dinheiro fora e depois se envolveu numa briga figadal com o cunhado Dr. Anésio, este sim grande negociante que por sua vez construiu outro império. Era o único fornecedor de bois para abate ao Instituto Zoológico no bairro do Itinga. O Toninho por sua vez bebia muito, vivia em pescarias e na esbórnia. Teve o azar de matar pessoas em acidentes de carro. Atropelou a mulher do João Leiteiro, da granja do seu Agenor em frente ao cemitério velho e depois uma lambreta com o Zé Machado e uma mulher que ia na sua garupa, bem na reta do Itinga. O Toninho terminou seus dias morando em um quartinho de empregados, sem banheiro junto com o Baiano da Estefânia, um antigo empregado que tinha ganho o direito de morar na empresa. Por uns tempos morou na casa do João da Barra, no centro mas este se queixou a mim que o Toninho se pendurava no seu telefone em intermináveis ligações interurbanas.

2.51 O Correio da *Dita Malêra*

Era ela o próprio Correio e ganhou o apelido por causa da mala do correio que chegava diariamente trazendo e levando a correspondência. Ficava na sua própria casa mais ou menos onde está a Lotérica hoje, e tempos idos a Caixa Estadual. Sua filha, auxiliar do Correio era a Ilza casada com

o Lalau, enfermeiro que acabou dando cabo à vida com uma dose de veneno, dentro da Santa Casa. Diziam que era por causa de uma gravidez indesejada de uma enfermeira e parteira da mesma Santa Casa. Se é verdade não sabemos. O filho era o Zezinho Circuito que tocava na banda do “Antonho Música” e trabalhou nas empresas da Matarazzo em Salto de Pirapora e no Vau Novo. O Zezinho tinha esse apelido porquê tinha um tique nervoso que o fazia estalar a boca o tempo todo e tinha uma fama de não gostar de enfiar a mão no bolso: tinha escorpião amarelo lá dentro e ele nunca vinha para o planalto: ficava só na serra. Serrote era sinônimo de quem gostava de comer ou beber na cola dos outros. O Manzoni, gerente da Matarazzo Salto de Pirapora contava uma história dele lá do Vau Novo, que ilustrava o seu famoso pão durismo. Lá tinha um espanhol chamado Paco que patrocinava grandes cervejadas no cair da tarde e o Zezinho ia tomando, tomando e nunca pedia uma por sua conta. Acontece que a mulher, Maria era rigorosa nos horários e “botava a janta na mesa” religiosamente às 7 da noite. Quando “ia dando a hora de ir embora” o dito cujo tomava grandes goles da cerveja e alegando não poder se atrasar “saía de fininho por baixo do quiéto”. O Paco, apesar de perceber a esperteza foi deixando correr até que um dia resolveu ir à forra: O Zé Circuito chegou e ninguém estava tomando cerveja. Estranhou mas não pediu nenhuma pois a turma era grande e foi ficando na esperança do começo da rodada. E nada, a hora passando e o Paco puxava mil assuntos mas nada de pedir a gelada. E o tempo correndo, a hora fatídica se aproximando e o “serrote iscumano a boca que nem sapo” de vontade de tomar uma. Quando faltavam cinco minutos para as sete e o Zezinho ameaçando ir, com dor no coração o Paco gritou para o dono do bar: “Desce una dúzia de cerveza i bamo a tomar porque hoy és todo por mi cuenta”. E o Zezinho foi prá casa “salivano de vontade” mas não podia chegar atrasado “prá janta ou o côro cumia”.

2.52 As Jardinêra que levava as turma pá cidade

Na Salto de Pirapora daqueles tempos só tinha ônibus da Viação Pessutti prá Sorocaba às 8 da manhã, meio dia e 4 da tarde. O motorista era o Porfírio, irmão do Dito Frango. Às 9:15 passava o ônibus que vinha de São Miguel Arcanjo, da empresa do Alcidino França. Esse ônibus fazia ponto no bar do Chico Celim, em frente o casão do Agenor, perto do chafariz. Era famoso o pastel e a almôndega (falava-se *harmônica* de carne do bar do Chico, acompanhados de taubaina, uma gasosa (soda limonada) ou Crush, refrigerante artificial de laranja. Eram famosos os sorvetes do bar do Chico, feitos da maneira artesanal e antiga: as formas ficavam dentro de uma geladeira enorme, imersas na salmoura. Sorvetes de groselha, côco branco e o meu preferido côco queimado com uma faixa mais escura na parte inferior. O ponto final em Sorocaba era em frente ao Mercado Municipal, onde o pessoal matava a fome com o “bolinho de pêxe” feito de sardinha. Quando alguém falava que ia prá Sorocaba já perguntavam: “Vai pá cidade cumê bolinho de pêxe”?

Já que lembramos do Crush, tem uma historinha do Gordo, irmão do Pracídio. Uma vez ele *apiô* do cavalo (o Gordo sempre andava a cavalo pela cidade) em frente ao bar do Áureo, no canto da pracinha (que depois virou uma loja de um dos turcos) e pediu uma garrafinha de Crush. A garrafa era bem característica: marrom bem escuro, formada como se fosse um conjunto de anéis de vidro. Não dava para ver o que tinha dentre. O Gordo abriu a garrafinha e levou direto à boca, morto de sede. Surpresa: tinha um charuto dentro da Crush. Ele maldisse todas as gerações.... Ficou por isso mesmo. Se fosse hoje ele poderia ganhar uma boa grana do fabricante!!!

2.53 Caminhão do Írso Leiteiro

Este era outro meio de transporte de favor para Sorocaba. Muitas pessoas pegavam carona com o caminhão de leite do Írso Leiteiro que fazia a viagem diariamente coletando o leite dos produtores da região e levando em grandes latões de 200 litros (tenho dois) para a Colaso (Cooperativa de Laticínios de Sorocaba). De vez em quando o motorista era o Bértão Lôco, irmão do Chico Americano, que tinha apelido por ser descendente de americanos, sobrenome Daniel. O Bértão fazia juz ao apelido. Aprontou poucas e boas. O caminhão do leite fazia uma parada no Itinga, na venda do Gentirlão, onde os cereais eram vendidos na concha (tenho duas) retirados de enormes barricas. O Bértão adorava soltar bombas de alto teor explosivo e numa dessas acendeu uma bem “taluda” e escondeu no meio da barreira de feijão e saiu disfarçadamente. A explosão literalmente espalhou feijão pela estrada de Salto por uns duzentos metros. Em Araçoiaba da Serra numa sexta feira da Paixão, levou um bode na praça central, amarrou uma corda no grão do bode e amarrou no sino da igreja. Á meia noite cada uma das doze badaladas era seguida de um berro do bode, que sentia a fígada da corda esticada naquele lugar muito sensível e soltava o berro formando uma sinfonia: blém, béééé, blém, bééé. Quem contava essa história era o Nuna, filho do Chico Americano e portanto sobrinho do Bertão. Eu sinceramente duvido da veracidade dessa história mas de qualquer forma é muito engraçado. Imaginem Alvarenga e Ranchinho narrando uma história dessas com toda aquela picardia. Os ajudantes do caminhão de leite eram o Guracy e o Zorro, negro folclórico, consumidor diário de hectolitros de cachaça, irmão do Narciso e do Gusto Porrete. A família morava no número zero da futura Avenida Pedro Pires de Melo, na época um areal imenso, tão pesado que não dava para atravessar pedalando uma bicicleta. O Guaracy era igualmente bem locão e quando pegavam um carona como o Toninho do Itinga, judiavam do coitado a viagem inteira. O Guaracy, com o caminhão em movimento, descia pelo paralamas e viajava abraçado ao farol do Chevrolet Brasil até Sorocaba. Caminhões na época: os importados Chevrolet, Ford, Fargo, Studebaker, De Soto e o pioneiro nacional: o Fenemê (FNM – Fábrica Nacional de Motores), um cara chata famoso até hoje.

2.54 *Chupá fruita* (Jabuticaba) no fruitá do Jair Bueno

Na época de jabuticaba, que chamavam de *fruta*, era alugado um caminhão com bancos de madeira enganchados na carroceria, sem toldo. O caminhão podia ser do Dito Minuto ou do Rube da Dasdores, minha tia e mãe do Zé do Santo. Aconteciam as excursões para ir no Jair, lá pelos lados do Cafundó, perto da fazenda do Roque de Barros e hoje dos portos de areia dos Romanhas. Eu, garoto fui uma vez com a minha mãe e quando a gente chegava lá perguntava pro Jair, um sitiante simplório que falava como se estivesse com uma batata quente na boca: Quanto é Jair? Ele: “Pá chupá é deiz, pá trepá é quinze”. Só chupar, não podia trepar na jabuticabeira, o que era mais caro. O Jair Bueno tinha muitas histórias: uma vez fez uma rifa de uma sanfona e a rifa nunca que corria. Um dia perguntaram quem tinha ganho a rifa e respondeu: “Óia, deu uma confusão na hora de sortiá e saiu prá mim mêmo”. Quando vinha prá Salto vender milho verde num carrinho de mão, de casa em casa saiu uma mulher, pegou uma espiga e afastou as palhas para conferir o estado dos grãos do milho e o Jair chiou: “Ói dona, num arreganha que senão endurece”. Ou seja se cada um que quisesse conferir e não levasse aquela espiga, iria secar os grãos e endurecer. Mas ele falava na mais pura inocência, sem malícia. Nessa época também tinha uma mulher que vinha lá do bairro dos “Arve” (Alves) vender alho e gritava na rua: “Óia o áio, óia o áio”. Pronto, apelidaram a mulher de Áio. Se não me engano era a Inhana Alves.

2.55 O telefone

A comunicação era muito precária na época. Havia uma central telefônica daquelas bem antigas com fios pretos enormes com um pino na ponta que era conectado nos respectivos furos para completar as ligações. Onde se falava era um bocal fixo e no ouvido ia um aparelho preto mais ou menos no formato de um copo de cerveja. Uma ligação para Sorocaba podia demorar 2 a 3 horas ou então nem se completar no dia. Quando chovia então piorava tudo. A Central era mais ou menos ao lado da Oficina do Plínio, abaixo de onde está hoje a Papelaria Real. As telefonistas eram a Neide do Vadô, a Noêmia do Neguito e da Dona Dirce, a Alcinda que cheguei a namorar e a Lucília de Sorocaba. No bairro do Campo Largo o telefone serviu de alcunha à uma família inteira. O único telefone do bairro era na casa do Dito Telefone que recebia as ligações, passava os recados ou em caso de urgência mandava chamar a pessoa. A sua família toda ganhou o apelido: Cleuza Telefone, Terezinha Telefone, Deusa Telefone (sogra do famoso campeão de rodeios de Pilar do Sul: o Silvaninho). Esse rapaz, dizem, comprou um belo rancho na América e levou a família toda para assistir uma de suas exposições. Em Salto já correu o boato: “Foi tudo a telefonaiada p’os Estado Zunido”.

2.56 Posto de gasolina

O único posto de gasolina era na frente da mangueira do Genor dos Santos, e também de frente para onde está hoje o asilo. Era do Neguito, pai da Noêmia e da Márcia. Seu Agenor tinha um fusca marron e branco, com pneu de faixa branca. Era importado da Alemanha e carro naquele tempo era chamado de máquina. Motos só tinha a do Dico Matheus e do Padre Ângelo Suffia da marca Índia. Bicicletas também importadas das marcas Gorick, Hércules e Philips. Caminhões De Soto, Studebaker, Chevrolet Brasil e muito depois surgiram os fenemês (FNM Fábrica Nacional de Motores) o famoso cara chata

2.57 Os precursores dos bailinhos de Salto

Nos anos 60 a turma dos bailes no clubinho eram o João da Nhá Idalina, irmão do Figueira, Narciso Martelo, João Turco, Mário Pirú, Sida e Tomires, irmãs da Zelia da Lindora, que também namorei depois. Eni do Orlando Mineiro, Helena e Áurea, irmãs do João Turco Maria Inês que se casou com o Djalma, Dineu do Calistro e o João do Vito que adorava Bienvenido Granda e Gregório Barrios e as músicas eram La Barca, Perfídia, Aqueles olhos verdes e Relógio. Os boleros eram o gênero mais tocado em bailes nessa época. Eu, ainda garoto, apenas assistia mas já morrendo de vontade de mexer os pés no salão. Já nos anos 70 começou a geração do “Miguér Turco, Miguér do Paco, Seme, Lino Castellani, Levi do Gênio, Pedro do Zé Martelo, Jurema, Lúcia, Renê, Tide, Galo. João do Vito, mais velho já era titular do salão e o Carlinho da Marvinia já deslizando os pés pelo salão”. Criou a SASP – Sociedade Amigos de Salto de Pirapora e retomou o clubinho que havia sido esquecido. Inaugurou uma época de grandes bailes com Kingstones, Flipers etc. Começava a despontar a geração mais nova do Paulinho e o Nenê da padaria, Zé Quito e Jonas do Vito (o libuno), Carlos Alberto do Zé Circuito, Paulo, Tomaz e Ana do seu Olézio, Naile e Sidiney, Sidiney Estofadinho do Aristides da Kombi e da Cinira, Marcos e Célia do Zé martelo, Lupércio, neto do Pedro Belo e as irmãs e tias: Zélia, Zelinda e Leda, o Zug e a Elizete, irmã do Paulinho e do Nenê. Me lembro que antes dos bailes espalhávamos fubá pelo salão e os pés deslizavam com incrível facilidade. O gelo para o bar era trazido do Ceasa de Sorocaba em barras de 1,5 metro

de comprimento. Vem nova turma lá pelos idos de 80/85: Zeca do Fuade, Carlinhos do Elias, Dioguinho que dançava c' o sabuguinho no “bôrso”, Franguinho, Ataíde, Glória e o Carlinho da Marvinha sempre no meio da turminha mais nova: um solteirão convicto, que foi se renovando com as gerações que vieram sucedendo à sua.

2.58 As histórias do Genorzinho

Ele contava que uma vez foi ver um serviço de construção de casa no bairro do Itinga, vestido com seu macacão largo de usar nas obras e tomou a jardineira que naquele tempo só tinha a porta da frente e o ônibus foi lotando de gente e o cobrador: um passinho prá trás por favor e o Genor foi indo para o fundo até que ficou atrás de uma mulher bem fornida e aproveitou para encostar. De repente a mulher se invocou e começou a olhar enfezada para ele, que obviamente se aproveitava da situação. Na terceira encarada ele tentou se justificar: “descurpe dona, é o metro”. Ela virou e respondeu: “Num tô perguntando o tamanho”. Ele com certeza inventava essas e outras histórias mas eram muito engraçadas, ainda mais narradas pelo próprio no seu jeito divertido e ainda ria mais do que a gente das próprias histórias. Também contava que no bar do Martinho, atual bar do Pupo tinha uma turma que adorava fazer apostas. Ele chegou e provocou: “Quantos poste será que tem daqui até a Santa Casa?”. Um falou vinte, outro trinta e assim por diante. “Vamo apostá? Eu digo que tem 22 poste”. Apostaram e foram conferir. Quem ganhou? O Genor, claro pois tinha ido contar os postes antes de apostar. Tinha um compadre que trabalhava de pedreiro para ele chamado Tarquínio e que era daqueles crentes empedernidos. Um dia ele contou: “Genor, ontem fomo passia em Paulo, passamo por André, Bernardo e Caetano do Sur vê os parente”. O Genor: “Ué, porquê você não fala São Paulo, Santo André, São Bernardo e São Caetano?” E o Tarquínio: “É que eu sô crente e num falo nome de santo”. Muito bem, o Genorzinho deixou a conversa rolar e retrucou. “Semana passada fomo viajá tamém” Onde? “Fomo pá Uritiba” “Ué, num é Curitiba” . “É mais eu sô católico e num falo nome de cú”. Só se rindo como diria a dupla Alvarenga e Ranchinho. O Genor foi candidato a vereador numa eleição de Salto. Cunhou o seu mote: “Vóte no Gênor que ele põe no seu tambor. Vóte no Genorzinho que ele cárca no seu cúzinho”. Falava na mais pura gozação e era puro deleite ouvir e rir de suas mentiras e invencionices. Encerrando com chave de ouro, aí vai um discurso da campanha do Genorzinho quando ele foi candidato a Prefeito da cidade:

Discurso do genorzinho prá lançamento da sua cãodidatura à perfeito de Sarto de Pirapora em 1.990 pelo pedeíssio, em coligação com o p.n.d.b. (partido nacional dos burro).

Inhante de dá enício no meu descurso, quero i saudano em premêro logar as otoridade presente: Meretrício sr. Juiz de dereito da cumarca de Sorocaba

Incelentíssimo sr. Presidente do pede-éssio e do p.n.d.b.

Trabaiadores braçar, muéirada, criançada, tec, tec, tec (etc. Etc.etc é o que constava do rascunho do descurso): ele se atrapaiô.

Eu tô aqui, runido cô cêis, tudo belo e formoso, tudo de rôpa, tudo facêro i alegre p' á iscuitá o meu descurso. Adiscurpe mais agora vô dá uma bascuizada no borso da argibera pá achá os garrancho que a minha assenssoria perparô. Achei: tava no borso do paletór.

In premêro logar quero dizê que, se for inleito quero decretá a anestesia fiscar no monicípio, pa trazê cumpanhia grande pô sarto e acabá c' uessa vagabundícia. Tamo pensano até de trazê uma sederorgíca, a iscanha vabe, a masse férco. Eu tô injuado, me dá até ânsia de gômito de passá na praça e vê aquela lóia de bagabundo, feito cachorro teatino pa rua, sentado debarde nos banco da

praça.

Eu sô o mió cãodidato de sarto. Pode preguntá pos táí. Vão dizê: o Genor é pareio de bão. O Genor num ter artura de bão. Eu já ajudei o povo. Quanta gente eu já iscorei na mimbarra. A gente tem que sê bão. Num pode sê vileu. Do poco que tenho sempre dei uma oitada pos pobre. Eu num sô pessoa de orguio: até jesuis, mais importante que tudo governadô do pndb e que nasceu pelado na mangerona (manjedoura), nunca teve orguio e era o fio do hóme.

De noite eu fico matinano o que fazê pá miorá a vida no sarto. Bâmo construi no premêro ano da minha gestação uns trinta poço cesariano, i acabá c' agunia desse povo cumbalido, apurado pá pagá as conta da sabés pia. Vamo rancá todos hidrômico das casa pá acabá c'a robança.

Bamo mandá recapía o isfarte e cuidá da incolomia do munecípio. Bamo estalá uma conperativa orgente. Bamo pissuí um extrator grande pá ajudá os lavrador-ada ará as terra dos lôgar mais cedentado.

Bamo mexê na demenestração da perfeitura: bamo pô gente ladino, bamo trazê gente cum distreza na máquina de iscrevê i bamo fazê tudo no cãoputador cum controle terremoto. Dinhôro que ficá debarde nós aprica no over mar (overnigh), dá à jure na catcha incolômica ô intão aprica nas borsa de valor. Bamo omentá o arceamento fiscar, que tá cumbalido, cum baita deficite.

Pausa: ôceis aí atrás, largue mão de caçoada, num gárre serrí mêu, pare cuessa búia, seus arcaide. Ôceis num conhece o Genor. Eu sô ispeto, eu num sô face de lidá. Eu num ando incoloiado cum ninguém pá surrá os ôtro: quando eu incasqueto eu sento o braço. Num garre cum birra meu. Eu tere te tê, eu saio no muque. Ôceis tem que fazê que nem o povo da barra que só mi inlogia: falaram até que eu sô indiota e ingnorante. Bamo largá mão déssa barda duma veiz. Num isqueça: a curtura sempre tem lugar na criatura. Intão, mudano de assunto i vortano no mêmo, nós vai criá a copança municipal i cuesse dinhôro fenanciá compra de extrator, compra de adubre e de droga pá porvarizá as praga das curtura e omentá a renda dos táí. Na assistência sociar quero tê 2 mèdico residência na cidade pá cuidá do pôvo. Ôtro dia mêmo veio um rapaiz batê de noite in casa e eu fui c'a maria levá êle pa sorocaba no regionar: tava már de úrsa no istâmo, foi que foi gumitano pá cidade: sujô tudo meu vôke. Tô pensano até in trocá por um iscort comestíver dispois de inleito. Cheguei até dá 30 por hora no meu vôke pá socorrê e levá naquele hospitar da juvenar carnêro, senão ele ia morrê i nós ia te que arumá vaga era no sumitério da argemirio matarazzo. Bamo cuidá mior da hingene do povo.

Na parte de inducação eu tenho um prano fora de sério: bamo acabá co pobrema de criançada bagabundo que fica debarde na praça, caçuano dos véinho que passa. Ôtro dia buliro c'a nhá Marvina, a pobre. Diação daquelas véia que vão no curto i a criançada serrino das táí. Vô mandá custruí um genásio de isporte com salão de genástica i tudo a criançada vai tê que fazê zercício, tudo vistido de liforme azur. Vamo fazê um time de futebol dente de doce de leite, cum patrocínio das cumpanhia grande que nem a cosipia e o matarazzio. Criança num tem o que fazê, carça o bruke e vai dá coice in bola de futebol, trená de gortipa (goal keeper), furbac (full back) ô de centro frôr (center for). Tem que trená bastante até sabê cobrá iscanteio e corrê fazê gor de cabeça dentro da ária.

Bamo cuidá do trânsito. Mandá estalá bestáculo na rôa pos carro num andá muito legêro. Três antônte mêmo, um hóme apiô da jardenêra do campo largo i quase um tomóve pega. Vô mandá estalá sinar pisca pisca naquela venida, pos carro pará i podê vará os pederasta sussegado.

A minha demenestração vai sê cum transparência: no meu governo pode vim quarquê um bascuíá as gaveta pá vê se num tem bandideza iscondido. Bamo acabá c'a nota fiscar por ribão (valor adulterado para cima). Pausa: me dá aí um gorpe d'água, que eu tô c'a garganta meio aíva de tanto falá. Pegue nessa caneca de fôia feita pelo gir bicicletêro, dentro da táia ô intão da muringa mêmo.

Bão: no setor de agricultura vamo mandá fazê uma horta comunistária, vâmo pidí um genhêro agrômico, pá ficá fêtivo na casa da agricultura, fazeno isprência nas lavora, mandano porvarizá as pranta, iguar o genhêro da fazenda panema. Eu tô cuma servicêra nos curtiço, mais anssim que forgá, vô abolá a estalação de um maquinário de imendá arroiz. Nós num perde nem as quirera das coieita de arroiz. Imenda tudo, faiz arroiz bão i dá pá pobreza cumê.

Na área sociar vamo decretá a passaginha como area de leiser (lazer), vô mandá fazê uma pranta e um marquete puma boa sédia de crube de campo, bem grande, boa de cômodo, cum iscada volante i levador palarâmico. Nada de predinho realengo. Vamo desaporpiá o terrêno ô intão renquerê o uso campeão i fazê uma baita represa pa turmá pegá bote po rabo e as muié ficá tudo de carçaozinho, fritano que nem paca, no sór. É facinho de fazê a lagoa. Pode oiá daqui de cima: o terreno é uma gamela naturar: é só tampá a bôca inbaxo e inchê d'água.

Bamo mandá reconperá os forno véio de car, do aniba, pá servi de atração farkrórica do sarto. Bamo formá uma banda: a lira sartense. Já mandei vê preço de bombardino, saque-sanfona, crarinete e trambone. Vai tê até cão-servatório musicar pás pessoa aprendê tocá dereito. Esse negócio de tocá malemá, de oreia, num serve. Tem que sê no cão-passo. No neversário da cidade vamo mandá costruí um coreto. Na ilogoração vamo dá uma bruta festa cum oíske e banda. Banda boa pá tocá umas vársa e uns dobrado. Bamo trazê a orquestra sanfona de campinas. Bamo sortá até fogo de orifício.

Essa rapaziada que fica fazeno quêjo na praça, frica trusquiano pôs canto vai tê o que fazê. Os rapai aprênde tocá os estrumento i pás moça bamo por uma ficina de custura i quem num passá i levá pau no corte, num vai tê imprego na firma nova de cãofecção.

Bão, pessoar, bamo parano por aqui, que o tempo tá carmariano, tá cum revolução de chuva: pode oiá, já vai chovê i os tái num tem guarda-chuva nem capa impermeáve. Dêxa eu pô o descurso de vórta no borso da rgibêra. Nem percisô buli nos garrancho da minha assenssoria. Eu já tinha incasquetado tudo na caxóla. Minha mão tá meio aspre: eu ósque é pa morde do tempo.

I num isqueça:

“Vote no Genor que ele enche o seu tambor”

“Vote no Genorzinho, que êle cárcia no seu cuzinho”

2.59 As histórias do Lauzão

Laudelino Xavier, o Lauzão, estradêro, trechêro, caminhonêro, chegou em Salto lá pelo final dos anos 1.960 e início dos anos 1970 na esteira da construção da estrada de asfalto entre Salto e Pilar do Sul, junto com a empreiteira Almeida. O Lauzão entre altos e baixos se transformou num homem forte dos transportes. Mexeu com frete de escória da Fazenda Ipanema, teve até caminhões Tereks, um fora de estrada, muito mais caros do que os convencionais e exclusivos para trabalhar dentro das pedreiras. Casou-se com a Maria Inês da Pracídia e do Arfredo (que ficava louco de bravo quando passava e remedavam o barulho de peido). O Lauzão fincou raiz na cidade. Virou folclore na cidade tanto pelo desapêgo ao dinheiro quanto pelas mentiras escabrosas que contava: fazia mesadas, bancava despesas de bar, de restaurante e do que viesse na frente: tirava maços de notas graúdas do bolso que desfiava como num baralho. Perto dele ninguém punha a mão no bolso. Contava muitas histórias mirabolantes. Uma das mais famosas era quando viajando de carreta pelo Mato Grosso parou o caminhão na beira de uma lagoa, *pá puxá uma páia*. Acordou de madrugada com o balanço da jamanta como se tivesse sendo erguida num *baita* macaco chicão. Esfregou os olhos, bateu uma água na cara prá acordar, acendeu um lampião de carbureto e foi *campiá* o motivo da chacoalhada da carreta. Descobriu embaixo da carreta um baita sapo, que de

acordo com a sua teoria, só existia no Mato Grosso. Quando o sapo untanho estufava a garganta levantava a jamanta carregada com mais de 20 toneladas. Era uma terra de sapo grande mesmo. Tinha umas terras no Paraná, em Campo Tenente. Voltou contando: “mandei fazê um vivêro pá inchê de passarinho: Vivêro pá dexá o Quinzinho de Barro no chinelo”. Quantos metros tem o viveiro, Lauzão? Tem vinte metro. Mais, vinte metros nem é assim um viveiro tão grande, Lauzão. “Num é, rapaiz. Vinte metro de frente por quinhentos” de fundo. Falava tão sério, à la Jorge Faustino, que você não tinha jeito de dar risada e muito menos duvidar.

O Lauzão só teve filhos: o Alfredinho, tristemente desaparecido por causa de uma briga de bar, o Xande, o Ísio e o Ade. O Alfredinho chegou a lutar Box na Academia Atética em São Paulo. Uma vez fomos ver a luta dele no CMTC Clube em São Paulo. Na quentura da luta o Tide do Romãozinho gritava: Vai Arfredo, sóta o muque. A turma de São Paulo só olhava, estranhando o sotaque carregado.

2.60 Excursão prá Santos

O João do Vito fretou um ônibus da Fioravante e organizou uma excursão prá Santos. Foi oferecendo as passagens e a coisa virou febre: Ih aí, vai dá uma sárgada no mar in Santos? Era assim que o pessoal se referia ao banho de mar. Chegado o dia, saída marcada prá 5 da madrugada, teve gente que nem foi dormir, já amanheceu bebendo na espera da hora da “sôrtada” prá praia. Onibuzão lotado, Ari Bunda “cum cubertô xadreiz pá num passá frio no caminho”, que usou prá fazer chاوزinho da janela: num tinha lenço, abanou o cobertozão xadres mesmo. Tudo mundo sentado, o primeiro que arriscou passar no corredor já foi levando “sárgada”no rabo (passada de mão): “vamo sárgá pá num fedê”. Escuridão no corredor o Bidú (Eduil do Jequinha Barbêro) passou correndo do fundo prá frente: só nêgo sárgando e tirando a mão depressa: ele passo sem calça nem cuéca(se bem que naquele tempo ninguém usava cueca, só calção de cadarço mesmo). No começo da Castelo Branco, aquela bagunça no ônibus o João do Vito, chefe da excursão, levantou e gritou: “Turma, pare c’a argazarra que ta chegano o pedage”. O Carlinho da Marvina já tirou o sarro: Pedage, pedage ká ká ká. é pedágio. O João: “pare o ônibus: o Carlinho vai decê aqui”. Puta confusão. Descer na escuridão da Castelo, no meio do nada. Nem pensar. Fiquei bem quietinho.

2.61 A fogueira de São João no sítio do Romãozinho

O sítio do Romãozinho na estrada da Ponte Alta já perto do Matarazzo era nossa área de lazer nos anos 60 mais ou menos. Tinha um riozinho de águas cristalinas, com pedras aparecendo no fundo e uma charmosa pontinha de madeira. Ideal para brincar na água e seguro por ser raziño. Muitas vezes reuníamos um bando de jovens pois a Dona Iracema, esposa do Romão era uma mulher que gostava muito do pessoal jovem e tanto os recebia bem no salão da barbearia, como acompanhava as moças nos bailes. Como tinha moços e moças em casa sempre aglutinava os bandos que se formavam ou na barbearia da família ou mesmo em sua casa, onde vinham moças de Piedade, Sarapuí, Ibiuna para “posar” na sua casa e enfeitar nossos bailes. O casal tinha uma “renca” de filhos: Renê, Tide, Fábio e Sérgio, a Wanda e a caçula Marlene. Então fazíamos verdadeiros convescotes no gostoso sitinho deles e numa dessas vezes fomos comemorar o dia de São João, uma fogueira no pátio, quentão, pipoca, batata doce e outros que tais. Resolveram pular a fogueira, alguns até andando pelas brasas vivas pois se dizia que quem tinha fé não queimava a sola dos pés. Eu hein????? Nessa algazarra de pular a fogueira, cada um querendo fazer mais bonito para impressionar as moças presentes, O Miguelzinho do Paco desobedeceu a fila do pula pula e veio pelo

lado contrário dando de encontro com o Zé do Lico. Caíram os dois no meio da pequena fogueira e o Miguel levou a pior, tendo sua camisa “Volta ao Mundo” chamuscada que grudou na sua pele e ao ser arrancada “despelou” costas e braços dele. Conforme puxavam os fragmentos da camisa queimada vinham pedaços de couro juntos: cheirou torresmo. Acontece que essa camisa bem como as de “ban-lon” ou calças de tergal ou de nycron eram feitas de material sintético, acredito até que derivados de petróleo. Ou seja, eram inflamáveis e derretiam com o calor, o que quase resulta no “escalpo” do Miguér Espanhór. As moças que vinham na casa da Dona Iracema: a Lidinha de Piedade, linda com pezinhos tão mimosos que eu me apaixonei por eles. A Neusa Holtz de Sarapuí que vinha com um bando de sobrinhas inclusive a hoje global Vera Holtz, moças de Sorocaba como as sobrinhas do seu Olézio e outras que namoravam ou queriam namorar os filhos da dona Iracema ou a nós que éramos onipresentes por ali. Sabíamos que nos bailes ou Carnaval tinha que “arrodiar” a casa deles ou do Genorzinho que para mim foi um celeiro de namoradinhas.

2.62 Outras histórias de Salto de Pirapora

Primeiro uma foto com alguns representantes da galera:



Carlos Alberto, Laerte, Cláudio, Naile, Tânia e Carlinhos da Marvina

Claro que olhando para a foto e conhecendo seus componentes fica óbvio que existia alguma

sacanagem por trás (ou pela frente mesmo!). Afinal, o Carlinhos não é muito grande, mas aí devia estar ajoelhado. E como todos sabemos, ajoelhou tem que rezar!

A Tânia está, lindamente, representando as meninas da turma.

A lembrança triste revelada pela foto é a de que nosso amigo Carlos Alberto já partiu. Deve estar rindo de alguma coisa por aí. . . .

Num baile em Pilar do Sul, o Dineu do Calixtro “arrodiô” o salão inteiro tirando as moças prá dançar e levando não. Chegou num canto, desenxavido e comentou com os colegas de baile: Narciso Martelo, Mário Pirú, Toninho Moreira: *Putá merda, vou levá um caminhão carregado de tábua po Sarto*. Levar tábua era o supremo da humilhação: você atravessa o salão ansioso para dançar com aquela menina bonita e leva tábua: um sonoro não na cara. O duro é atravessar o salão de volta com os olhares maldosos: tomou outra tábua.

O Zé do Lico trabalhava na ensacadeira de cal no forno do Aníbal de Góes e quando arranhou uma namorada num baile em Sorocaba, falou prá moça que trabalhava numa fábrica de talco (caprichando no ele) em Salto de Pirapora. A mãe da moça tinha parentes por aqui e foi procurar o pretenso futuro genro: mostraram o Zé do Lico na boca da ensacadeira c’um pano tampando a boca por causa do “puêrão” da cal. Fim do namoro.

O Naile conversando com uma moça num baile do Sorocaba Club, “ingató” uma prosa sobre estudo. A moça perguntou o que ele estava estudando. Inventou que tava fazendo a quarta série no Estadão (Colégio Estadual Júlio Prestes de Albuquerque, na Av. Eugênio Salerno). A moça perguntou que matérias ele tinha mais dificuldade. Respondeu na bucha: Aritimética e Language. Noutra oportunidade, lembrando de alguém que falou num curso de Edificações no Liceu, tascou na lata da moça: Tô fazendo um curso de., de. (í num vinha a mardita da palavra): Um curso de Especificações.

Outra vez num consultório na Avenida Paulista, onde tinha ido consultar sobre a necessidade de uma cirurgia de fimose ficou com vergonha de falar para a moça bonita da recepção o motivo da consulta, pergunta necessária para a ficha médica e respondeu: Quero falar com o doutor. A moça insistiu e ele mandou: É uma operação íntima.

Também numa rara ida a um restaurante, meteu o palito nas bolotas de manteiga pensando que era queijo. Disse que a boca ficou “iscumano” que nem sapo, tentando disfarçar até fazer escorregar prá dentro as bolinhas enebadas de manteiga. A grande vantagem do Naile é que ele mesmo nos contava essas histórias e nunca procurou esconder as bolas fora.

O Sidnei, irmão do Naile, foi na churrascaria do Marques, na avenida São Paulo, em Sorocaba, e no lavatório ficou esfregando a mão no vidro da bunda da saboneteira: não percebeu que tinha que virar o vasinho de ponta cabeça prá sair o sabão.

O Laertinho na praia disse prá mina que era carioca, todo cheio de sotaque carioquês: Ih aí mina, qual o teu nome? Ela respondeu: Morgana. E o Laerte: viu Morrrrrgâna carregando no érre, bem sartopiraporês. A moça sacou no ato que a conversa era pura cascata.

Outros bailinhos de Salto tinham como damas a Ditona, a Maura do Gustão (Viação Corneta), a Mileide do Mírto Pêxe, Jurema e Lúcia da dona Aparecida, Noêmia, Iracema, a Cirley e as moças do Pedro Belo: as irmãs Leda e Zelinda além da sobrinha Zélia e tantas outras.

O pessoal de Salto de Pirapora quando falava que ia a Sorocaba o pessoal perguntava: vai comê bolinho de pêxe no mercado. Era um bolinho de sardinha do Mercado Municipal onde ficava o ponto de ônibus de Salto.

Sorocabano então quando ia a São Paulo sempre levava o indefectível guarda chuva pois se dizia que em São Paulo chovia direto. Você chegava em São Paulo e falava que era de Sorocaba e ouvia: Trouxe o guarda chuva? E a fama não era descabida não: vi muita gente usando até galochas na capital. Uma espécie de luva de borracha impermeável que se vestia sobre o calçado. Além do guarda chuva e a capinha de chuva dobrada, pronta para ser acionada.

Uma vez fomos num baile em Sarapuí, acho que lotando a perua do Seu Olézio, dirigida pelo Paulo. Lá pelas tantas, depois de muita coca cola, o Zug foi ao banheiro... feminino. Quando saiu da casinha onde estava o vaso, deu de cara com duas meninas. Sem o que fazer, soltou: que moderno, o banheiro é unisex!!!

2.63 Saltopiraporices: gírias e expressões próprias e da região

Procurei fazer um registro das gírias e maneirismos que ouvi na convivência com pessoas de hábitos antigos e também de gírias criadas ao acaso, muitas vezes até sem muito sentido mas, que pela repetição e propagação no boca a boca passaram a fazer parte intrínseca do palavreado diário e coloquial: Plagiei o título de *Sorocabanices*.

GÍRIAS PARA

- **DIZER QUE ESTÁ TUDO BEM:** Num tem mosquito. Conosco num tem enroscos. Conosco ninguém podosco. Tudo chove's love's positivo.
- **PAQUERA:** Frestia: A muié deu uma frestiada, eu entrei cum tudo.
- **DINHEIRO:** – arame, grana, farpa, carvão (essas são do Tim Maia, usadas no Rio de janeiro). Shintolo: Gede, vô do Rogério e companhia usava essa expressão. Orombongue (do *dialeto* do Cafundó, tinha gente capaz de conversas inteiras nesse dialeto. Lembro do Sérgio Martelo que era craque nessa *língua*)
- **SEM DINHEIRO:** Duro. Liso. Orombongue nâni(*dialeto* do Cafundó).
- **QUEM TÁ LIMPANDO O NARIZ:** Vai tê baile? Tá limpano o salão?
- **CARA CHATO:** Minhoca fedida (horrorosa). Sór quente (quem aguenta ficar mais de 10 minutos no sol quente. Essa é de Sorocaba)
- **FLATOS MAL CHEIROSOS:** Faquiáro o bode. Cachitende (cupópia do Cafundó). Cagáro no mundo. Soltou um foguetinho. Pisô no sapo (pelo barulho, ou buia).
- **QUEM MORREU:** Esticô as canela. Apitô na curva. Bateu as bota. Viajô fora do combinado (Rolando Boldrin). Foi p'ó andar de cima.
- **DESIGNAR QUE ENQUADROU O SUJEITO:** Foi no figo (Mauro Bezzerro), Foi no suan. Foi no miolo.
- **DESIGNAR LOUCOS:** Tantã. Cachorro lôco. Sujeito variado das idéia. Doido de pedra. Maluco das idéia. Meio treze.(Curiosidade: No Rio de Janeiro maluco é 22)
- **DESIGNAR IDIOTAS:** Pateta. Bocó de mola. Tonto. Lelé da cuca. Ruim das idéia. Varzeano. Por fora.
- **DESIGNAR QUEM SE DEU MAL:** Saiu com uma quente e duas fervendo. Saiu rasgano. Saiu fedeno. Sartei de banda.
- **QUEM SE DEU MAL NA VIDA, OU NAS BREGANHA (ESCAMBO, TROCA):** Deu o peido que o cú não aguenta. Deu o passo maior que a perna. Caiu do

cavalo. Tomô na peida. Tomô no fiantã. Tomô no chipuco. Tomô no sessenta fôia. Virô um chapéu véio. Quebrado: adjetivo que se fala com um certo prazer. Sim, há prazer de ver as pessoas quebrarem. Mais do que ver o sucesso.

- **DESIGNAR MULHER GOSTOSA:** Que baita chipucão. Que cachorrão. Que baita quadrado. Boa de carcaça. Que baita carroceria. Nhô Juca: Que baita muiêrão, se fosse uma porca dava 8 lata de banha. Maderaima (Pedro Orive). Tem uma bela comissão de frente. Tem uma baita testa. Nos dias de chuva usa uma sombrinha para cobrir a cabeça e um enceradinho para cobrir a carga.
- **SUJEITO QUE NÃO PRESTA:** Sujeito tráia. Trelento. Tranquêra. Curva de rio. Inrosco. Num vale dêstão de mér cuado. Sê trocá por merda, ainda sai no lucro. Num vale o prato que come. Num vale uma bósta. Tranquêra.
- **SUJEITO METIDO:** Come mortadela e arrota Perú. Empombado. Metido a sebo. Seboso. Caga sebo. Tá c'ó cú que é só bosta (Pedro Orive).
- **CARAS ENJOADOS E FRESCOS:** Finório. Almofadinha. Nójento. Fresco. Viadinho. Bichola.
- **QUEM SE ARREPENDE:** Tocô sanfona. Mijô pá tráis que nem égua. Deu pá tráis. Correu da ráia. Peidô, paga um cancão.
- **DISTRATAR UMA PESSOA:** Tirô manã de fulano. Fez pôco caso. Sortô cobras e lagartos em cima de fulano. Você num vale deiz tostão de mér coado. Num vale a cumida que come.
- **PARA PESSOAS QUE GOSTAM DE COMER OU BEBER DE GRAÇA:** Serróte.
- **CORTE NO DEDO:** Deu um táio (aí pode usar pó pá tapá taio). Passa peida fogo (merthiolate). Feiz uma buceta no dedo. Arrancô a tampa do dedão. Ralô o dedo. Deu uma esfolada.
- **ANIMAIS:** Boi tucura. Pé duro (gado sem raça). Cavalo gázio (ruim de zóio). Cavalo náfco (manco). Égua ruzia. Égua baia. Cavalo sarneado (pintado). Vaca cabana (chifres baixos). Vaca varadêra (serve para mulher infiel também). Cavalo pampa. O cavalo tá arrastano os quarto. Mula manca. Égua barranquêra. Cavalo bão de andadura. Boi bão de caxa (carcaça).
- **PESSOA PÃO DURA:** Biscoito de sordado (Dona Malvina). Munheca. Sovina. Mão fechada. Mão de vaca (no Rio de Janeiro se diz mão de porco!). Num pága nem a luiz pá dormí.
- **MULHER OFERECIDA:** Lambisgóia. Biscate. Muié de vida fácil. Muié de rua. Mulher alpinista: trepa prá subir na vida. Guidão (deriva de Margaridão e do ato de segurar o guidão da moto emulando o ato sexual). Lambreta (corruptela da Guidão que era puta véia e as lambreta as puta nova).
- **ZONA DO MERETRÍCIO:** Putêro, Inferninho, zona, Casa de Tolerância. Bordé. Curru-tela (Mato Grosso). Casa das quenga. Casa das rapariga (nordeste). Rendez-vous (casas de encontros em São Paulo e Rio de Janeiro).
- **GÍRIAS DIVERSAS:** Só por muída. Só por bufo. Mais num machucô? Disguiô na carrera (perdeu o bonde da história). Só por bufo: Vamo lá vê a briga, só por bufo?
- **DIZER QUE NÃO QUER PROSA COM O OUTRO/OUTRA:** Pode erguê a tanga. Pode erguê as trapêra. Pode erguê o nangs.
- **SUJEITO MAL CUIDADO:** Burro de viúva: Quando o marido morre a viúva deixa de cuidar do animal que fica crinado, sem casquiá (cuidar dos cascos). Már ajambrado. Már acabado. Torto no cabo. Gadeiuda (Dona Malvina). Ruim de tipo. Mindigo. Cuberto de

trapo.

- **APAIXONADOS:** Virô a cabeça por causa de fulana. Tá cuzido. Mandô um élis (L de lembrança). Tá de arrasto. Tá de quatro. Tá chorano as pitanga.
- **BÊBADOS:** Tá cercano frango. Tá cum trimilique. Tá trupicano. Levô um trupicão. Chamô Jesus de Genésio. Enfiô o pé na jaca (o correto seria enfiar o pé no jacá que é quando o sujeito sai da roça com o milho carregado nos jacás no lombo do burro e depois de apurar o dinheiro da venda, toma em cachaça na venda, e volta prá roça com os pés dentro dos jacás vazios, dormindo em cima do lombo do burro). Vê que cai, deite. Verga, mais num cai.
- **DIZER QUE VAI CHOVER:** Tá clamariano (calmariando:parando o vento). Se jeito regula, vai chovê. Tá cum revolução de chuva. Tá trovejano. São Pedro tá mudando os móve no céu. Mira, Diós está fotografando nuestra tierra (Argentinos metidos). Tá vazano gente p'ô ladrão.
- **DESIGNAR EFERVESCÊNCIA:** Tá fervido(Sorocabanice). Tá bombano. Tá bombaninho.
- **A MARDITA DA ERVA:** Dar um tapa na cara da onça. Empinar pipa na laje. Suave na nave.
- **COISA RUIM:** Cosaruim - assim mesmo tudo emendado e pronunciado rapidamente. Designa criança malvada ou sujeito ruim mesmo.
- **SUJEITO DE MÁ ÍNDOLE:** Ruim de fio. Foice, enxada, maxado ou outra ferramenta que não está bem afiada está *ruim de fio*.o *fio* é a lâmina cortante de uma ferramenta.
- **INDEIS:** Quando a galinha botava no mato ou na capoeira e quando se achava o ninho não era prudente retirar todos os ovos pois ela mudaria o local do ninho, dando uma “trabalheira” para localizar o novo ninho. Retiravam-se os ovos, deixando apenas um que era chamado de “indeis”, na verdade uma corruptela de “um deles“. Descobri agora no fantástico Google. Outra grafia possível: indez.
- **RESSALTAR QUALIDADE:** O TUFO DE BÃO – Esse foi um *maneirismo saltopiraporês* que nunca ouvi fora daqui. Exemplos: Esse carro é o tufo de bão. Esse cavalo é o tufo de bão na lida.

EXPRESSÕES SALTOPIRAPORENCES

- **FOGO DE PÁIA:** Muito usada para quem começa uma tarefa com muito embalo e desiste logo em seguida. O fogo de palha é fugaz e não tão duradouro e constante quanto o de lenhas grossas ou toras.
- **RODÔ:** Perdeu a hora: Hoje *rodei* e perdi a condução.
- **DISGUIÔ NA CARRÊRA:** Se perdeu no caminho. A “carrêra” é uma aposta de corrida de cavalos ou mesmo de pedestrianismo. Também significa falta de persistência na tarefa que se propôs a fazer.
- **REVOLUÇÃO DE CHUVA:** Quando o tempo *vira* ou quando está *carmariano* como já

explicamos.

- **SANGRIA DISATADA:** “Num precisa saí correno, num é sangria disatada”. A sangria é um fermento que levou uma atadura de pano e se desatada pode levar à hemorragia. Ou seja precisa sair correndo para estancar o sangue, ou a sangria.
- **NUM É ZÓIO DE SANTO:** Não precisa buscar a perfeição. Conta-se que antigamente um dos esconderijos para o dinheiro era dentro das estátuas sacras e esses valores eram introduzidos pelos olhos do santo. Assim sendo, tinham que ter um acabamento perfeito para não despertar desconfiança de que continham valores escondidos.
- **A CONVERSA AINDA NÃO CHEGOU NA COZINHA:** Quando alguém dava um *pitaco* na conversa, que não era de sua alçada se respondia assim emulando que a conversa da sala de estar estava restrita à mesma e não deveria vazar para a cozinha, leia-se para os serviços.
- MEIO AÍVO:** Difícil até de explicar o significado e muito menos a origem. Quando a coisa ou o sujeito não estão muito bons. Fulano tá meio “aívo” comigo. Essa mandioca tá meio “aíva” de gosto e assim por diante. . .
- ALTO FALANTE DO VITÓRIO SKILACI:** O serviço de alto falante era uma coisa importante na vida da cidade pequena. Em Leme, perto de Ribeirão Preto, o operador/locutor tocava músicas antigas de muito bom gosto. Na nossa cidade o locutor era o “Seu Vitório” que anunciava os acontecimentos sociais como nascimentos, aniversários e falecimentos (com a infalível marcha fúnebre). A mulher do Vitório era a verdadeira “Dona Redonda” da novela e muito “injuada”. Houve muita encrenca devido ao seu comportamento nada convencional para a pequena cidade do interior. O Vitório era um sujeito polêmico que queria se meter na política e também causou grandes confusões. Vou apurar um caso que o Castanha me contou e não consigo me lembrar agora.
- DÁ O TAPA E ESCONDE A MÃO:**
- QUATRO ZÓIO:** Para quem usa óculos
- CORPO DE CARRINHO DE SORVETE DA KIBON:** Para as retilíneas
- CORPITCHO DE BUJÃO DE GÁS:** Para as gordinhas
- GAMBITO:** Pernas de gambito. Para as magrelas. No saltopiraporês gambito é um pedaço de vara, de uns 40 centímetros que é usado para “cochar” a corda de uma carga e estirá-la. Como é uma vara fina surgiu a analogia com as pernas finas das magrelas. O gambito na linguagem do xadrez é uma jogada em que o peão defende o rei.
- SACO DE OSSO:** Também para magrelas ou magrelos.
- SENTA A PUA:** Seria como *manda bala*, desce o cacete. -**O TUFO DE BÃO:** Bom demais, supimpa.
- ZÓIO DE PORCO:**
- FOGUETÊRA VÉIA:**
- FINCA O MÚQUE:** Desce o cacete, senta a pua.
- CUM DOR NOS QUARTO:** A geração do meu pai não falava que tinha dor na coluna e sim usava essa expressão. A carcaça do boi é dividida em quartos: traseiros e dianteiros. Deve vir daí a origem.
- MALACAFENTO:** De mau aspecto, feio. Que está com malaca, doente. Malaca: moléstia de pele que apresenta feridas.
- PICEGO:** – Corruptela de cego. Se diz também de quem tem um olho caído, meio caolho.

-CAPADÓCIO: – Usado no sentido pejorativo: Ignorante, burro.

-JAGUARA: – Usado para cão vira lata, gado sem raça e para humanos com as mesmas características.

-VIU A VIOLA EM CACO: – Se dizia quando a coisa *ficava preta*, ou sendo mais politicamente correto: *quando o bicho tava pegando*. **CHUVA DE MANGA:** – Para designar uma chuva passageira. Pensei que era de manga curta (de camisa). Na verdade é a lenda do Menino Mário no Chade. No conto, é uma chuva rápida que lava as folhas da mangueira e faz desabrochar a florada.

MARVINICES

Dona Marvina também tinha seus “ditos” e expressões peculiares!!

- **MEIO AÉREO:** Quando se referia à uma pessoa meio desligada, meio *por fora*.
- **BISCOITO DE SORDADO:** Para designar, delicadamente, o sujeito *pão duro*. O soldado ia para a guerra e para se garantir guardava uns biscoitos no seu farnel. Com o tempo esses biscoitos ficavam muito duros e secos, daí a analogia com o pão duro.
- **BOA BISCA:** Aquele sujeito não é boa bisca.
- **ISPICULA MACHO:** Para meninos que viviam fazendo perguntas o tempo todo. Imagino que o ispicula venha de especular, indagar, perguntar.
- **MEIO AÉREO:** Para sujeito desligado, por fora, ou seja que vive voando baixo.
- **MIJÔ FORA DA PICHORRA:** Deu pá tráis, deu bola fora, não sustentou o que tinha dito.
- **NÃO DÁ PARA TIRAR LEITE DE PEDRA:** Não dá para fazer milagres. O dinheiro acabou, não tem como fabricar.

PEDRO ORIVICES:

O vocabulário do Pedro Orives era bem característico, peculiar e criativo!

- **CAIPIRA DO RABO GROSSO:**
- **QUEM ABAIXA DEMAIS MOSTRA A BUNDA:**
- **TÁ INGANADO C´A COR DA CHITA:** Chita era um tecido barato muito usado pelas mulheres: “vestido de chita”, “saia de chita”.
- **FEIO É ROBÁ E NUM PODÊ CARREGÁ:**
- **SAIU C´UMA QUENTE E DUAS FERVENO:**
- **COMEU GATO POR LEBRE:**

- **BOBO ERA 7, MORREU 8:** Sujeito ladino.
- **O BOI DISGUARITÔ P´O MATO:**
- **SE JEITO REGULA, VAI CHOVÊ:**
- **PAU DE VIRÁ TRIPA:** Suleito muito magro.
- **FEIO É PINTO QUE NASCE PELADO:**
- **O BOBO RALEIA, MAIS NUM FÁIA:**
- **NUM SOCO SÓ:** Pedro Orive usava essa expressão quando ia movimentar um pau pesado com 3 ou mais pessoas e a expressão era no sentido de todo mundo fazer força, ou *forcejar* no mesmo momento e ritmo.
- **REGATÊRA:** Ih, essa égua tá muito regatêra hoje. Quando o animal não deixava pegar no pasto ou quando *refugava* na lida com o gado.
- **BOA SIBÉRIA:** Não sei de onde meu pai tirou essa. Quando alguém ia viajar ou alguém “de casa” estava saindo ele usava essa saudação. Talvez nem tivesse causa ou explicação.
- **RANRULLE:** Quando ele foi para São Paulo, na estação de trem tinha um vendedor de jornais que anunciava em altos brados o nome do jornal italiano “FANFULLA” da seguinte forma: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo horizonte: *FANFULLA* e prosseguia para a Europa: Lisboa, Madri, Londres: *FANFULLA*. Anunciava que o vespertino trazia notícias do Brasil e do mundo inteiro e meu pai imitava o vendedor com a palavra que ele assimilou: *RANRULLE*.
- **PORCA CABANA:** meu irmão Crizólito levou o papai passear no Rio de Janeiro e ele voltou todo garboso contando dos lugares que ele conheceu inclusive a praia de *PORCA CABANA*, no seu registro pessoal para *COPACABANA*. E contava isso na barbearia e nas conversas e eu tive que aguentar muita gozação por conta disso mas, depois passei a achar muito engraçado a sua criatividade. Cabano ou cabana seria um boi ou vaca sem chifres então mais ainda que o sentido se complica.
- **O VIRADO DE OVO:** o Pedro Orive era muito guloso e nas suas andanças nos sertões de Piedade e Ibiuna, a cavalo com seu ponche, chapéu, revolver Colt Cavalinho (ah como eu queria tê-lo guardado pois é arma de coleção) *pediu poso* num conhecido na beira da estrada. Foi bem recebido e no dia seguinte, logo cedo foi convidado a se sentar à mesa para usufruir de um lauto café da manhã. No centro da mesa uma travessa transbordando de “virado de ovo”. Para quem nunca comeu são ovos estalados com queijo branco e farinha de milho. Iguaria caipira inesquecível. Ele adorava e puxou a travessa e lotou um prato fundo já salivando a boca para atacar a apetitosa e fumegante comida. Quando deu a primeira colherada veio a surpresa: faziam o virado com açúcar e não com sal como ele estava acostumado. Com vergonha de devolver, teve que ir engolindo devagar sorvendo “canecadas de café para fazer rodar o virado prá dentro do bucho”. Dona Marvinina tripudiava depois: “Tá vendo hóme guloso, tinha que inchê o prato: Bem feito”. E ele soltava sonoras gargalhadas.

- **A SALA INCLINADA:** Num outro *pôso* viajando com o meu irmão Salvador arrumaram colchões no chão para que eles dormissem na sala. Só que a mesma era em desnível e eles rolavam para o canto mais baixo da sala. Tudo virou *causo* e risadas depois.
- **DISCADERADO, C'UM DOR NOS QUARTO:** Quando ele sentia dores nas costas usava essas expressões. Era comum dizer que “estava com dor nas cadeiras” ou “com dor nos quarto” que na verdade denomina as costas do boi que tem o quarto dianteiro e o quarto traseiro.
- **FICÔ PÁ CACHAÇO:** “Sorterão encroado” como diria Alvarenga, da dupla com Ranchinho.
- **FICÔ PÁ GALO CAPÃO:** No mesmo sentido da anterior.
- **NUVIA MACHORRA:** Novilha que não pega cria.
- **RANCOIO:** – O porco ou boi quando tem uma *capaço* defeituosa ou seja inutiliza apenas um *grão* (testículo) continua a dar coberturas porém não *emprenha* as fêmeas; fode mas não cria.
- **SUJEITO CHARQUE:** Cara chato. Deve ser porquê o charque é muito salgado, além de seboso.
- **VIVA O HERME DA FONSECA:** – Deve ter origem no tempo da revolução mas ele usava para qualquer comemoração e especialmente para brindar com um copo de cerveja.
- **VAI CAGÁ ONE NUM FÊDA:** – Suma daqui, não encha o saco.
- **FOI DE ROÇÁ:** – Prá dizer que foi num eito só. Servia para designar uma briga ou “um péga prá capar”. Quando faz um serviço completo: “Demo um péga de roçá”.
- **PASSÔ DE RABO ERGUIDO:** – Para pessoas que passavam sem cumprimentar. O animal que não quer ser pego na corda ergue o rabo e desata num *carreirão*.
- **NÃO AGUENTÔ NO PÉ DA ESTRELA:** – Com certeza se referia à estrela da espora do cavalo ou mesmo a ponta do ferrão, com que se cutucava os bois de carro. Na viagem de hoje seria considerado crime por molestar o animal.
- **HOJE NUM FIZ NEM PÔ FUMO:** – Quando não se produziu nada ou melhor não ganhou nem *um déstão de mér cuado*.
- **DA PRATELÊRA DE CIMA:** – Para pessoas de classe mais alta, ou mais refinadas ou cultas.
- **TOCÔ SANFONA:** – Quando se desistia do negócio que já estava engatilhado.
- **MIJÔ PÁ TRAI:** – No mesmo sentido do anterior: *Mijô pá trais que nem égua*.

- **TOME TENÊNCIA:** – Tome jeito. Tome tento.
- **REGULAR DO MEIO:** – Quando não estava muito bom nem muito ruim. Para comida, trabalho ou para a qualidade de um animal.
- **TÁ MADURANO:** – Usava quando ficava apertado para correr no banheiro: “Acuda Turca (para Dona Malvina) que tá madurano”“, ou seja a fruta que está para cair do galho, ou de ser apanhada. Analogia com a merda mesmo.
- **A TURCA LEVANTOU ESPAIANDO BRASA PÁ TUDO LADO:** – Quando a Dona Marvina levantava brava.
- **FORTE E RIJO?:** – Uma saudação muito usada quando se encontrava um amigo, que há tempos não se via.

2.64 Algumas famílias numerosas de Salto de Pirapora

- **TURMA DO PEDRO ORIVE:** Francisco, Adaauto, Crizólito, Luiz, Delphino, Maria, Horácio (depois tirou o H) e o Degas aqui, Carlinho da Marvina.
- **TURMA DO FOGÃO:** Do casamento do nhô Marcílio (trabalhou na Incalesa) coá Nhá Aurora nasceu a “renca” de filhos: Dito Fogão, Dáia, Martinho, Messia e Nemía, Misake, Zadi (casou com o Dito Bode), Davi e Elia. Nove filhos: só perdeu para o Pedro Orive e Marvina: dez filhos.
- **TURMA DO JOÃO DA NHÁ COTA:** Ovídio, Sizina, Dorival, Balaio (Pedro Geraldo) e Ana, que foi casada com o maledetto João do Broco.
- **TURMA DO VICENTE DA NHÁ COTA:** Era casado com a Dona Rôla, filha do Nhonhô de Góes e Dona Virgulina e veio a prole: Vardinho (casado com a Terezinha do Lindonor, minha prima), Osmar, Ademar (casado com a Dirce do Ditinho Mandú), Ana (casada com o Fuade), Anita (casada com o João Turco) e Virgulina (casada com o Zé Bode).
- **TURMA DO JOÃO DO NÍSIO:** Como diria o Pedro Orive: só cachacos: Pracídio, Zé Antonio (Gordo), Zelão, Luizão, Glória (Antonio Carlos) e Fernando.
- **TURMA DO VICENTINHO E DA SIZINA:** Marisa, João Vital, Zé Carlos, Júlio, Gersinho, Marilda, Mara e Bida
- **TURMA DO CABO ARLINDO E MARIA DE LOURDES FABIANO:** José, Luiz Fabiano, Dalvino, Ana, Sandra, Rosa, Nelson e Neusa.
- **TURMA DO MÁRIO SORDADO E DONA MARIA:** Ditinho, Neifo, Paulinho, Maria Inês, Maria Eunice e Patrícia.
- **TURMA DO MANECO (genro do Seu Manoel Português):** Benedita, Maria, Luiz, Ana Lúcia, Nelson, Manuel, Damaris, Luciana.